convergência

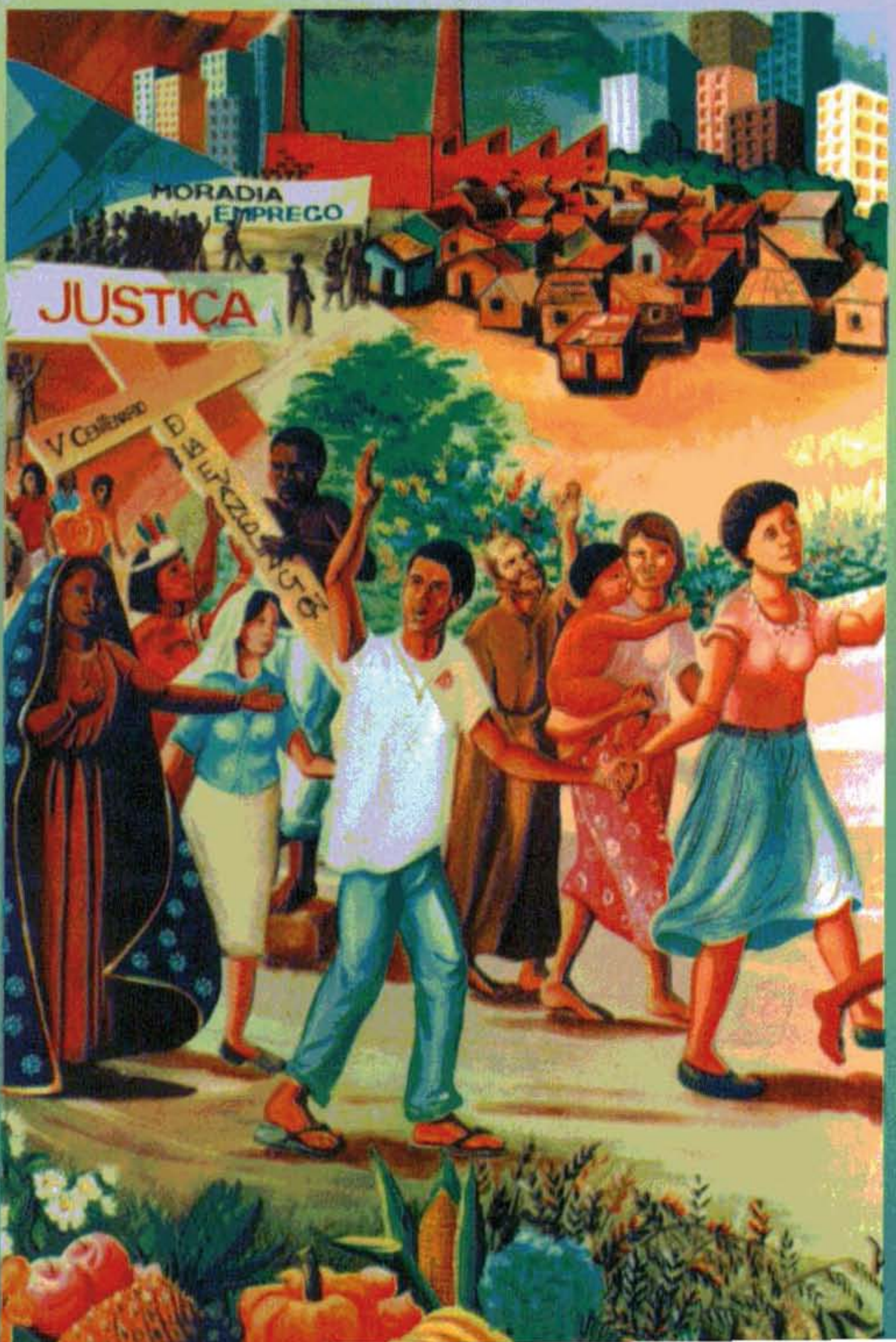
MARÇO • 1996 • ANO XXXI Nº 290

A EXPERIÊNCIA DOS RELIGIOSOS INDÍGENAS HOJE

Frei Florêncio Almeida Vaz

A CRISE DA MODERNIDADE BRASILEIRA E OS DESAFIOS PARA A VIDA RELIGIOSA

Pe. Inácio Neutzling, SJ



SUMÁRIO

EDITORIAL
JUSTIÇA E PAZ SE ABRAÇARÃO 75
Pe. João Roque Rohr, SJ

PALAVRA DO PAPA
"DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER"
(MT 14,16) 77

A EXPERIÊNCIA DOS RELIGIOSOS
INDÍGENAS HOJE 79
Frei Florêncio Almeida Vaz

ESTUDOS ESPECIALIZADOS NA VR 85
Pe. Márcio Fabri dos Anjos, CSSR

ASPECTOS QUE MARCAM A VR 91
Lina Boff, SMR

A CRISE DA MODERNIDADE BRASILEIRA 97
Pe. Inácio Neutzling, SJ

ESPIRITUALIDADE: A VIDA EM COMUNIDADE .. 111
Pe. Agenor Girardi, MSC

CAPÍTULO LOCAL: UM ESPAÇO P/ A PARTILHA
DE VIDA E P/ DECISÕES PARTICIPATIVAS 114
Frei Silvestre Gialdi

FORMAÇÃO PERMANENTE NAS
CONGREGAÇÕES CLERICAIS 125
Pe. Lourenço Kearns, CSSR

DOCUMENTO FINAL
VIVER E COMUNICAR CRISTO MESTRE 131
Filhas de São Paulo — Irmãs Paulinas

A AUTOBIOGRAFIA DE JESUS 136
Pe. Nicola Masi

NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

ASSINATURA PARA 1996:

BRASIL: taxa única
Terrestre ou aérea ..... RS$ 50,00

EXTERIOR: taxa única
Terrestre ou aérea ..... RS$ 85,00
Número avulso (Brasil) ..... RS$ 5,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

convergência
Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:
Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS • Pe. Francisco de Assis Taborda, SJ • Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Frei Luiz Fernando Peixoto, OFM
Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:
Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 • Ipiranga
04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

EDITORIAL
JUSTIÇA E PAZ SE ABRAÇARÃO

Pe. João Roque Rohr, SJ
Presidente Nacional da CRB

Mais uma vez faço a apresentação de um novo número da Revista *Convergência*. Corresponde ao mês de março. Assim, tenho uma excelente oportunidade para comunicar-me com os leitores que acompanham com interesse os temas e assuntos propostos para a nossa reflexão e atualização.

Antes, porém, uma boa notícia. Graças à sua generosidade, disponibilidade e ao seu amor às Religiosas e aos Religiosos do Brasil, a Ir. Maria Carmelita de Freitas, FJ, aceitou o convite para reassumir a coordenação de nossa Revista, encarregando-se, juntamente com os integrantes da Equipe de Reflexão Teológica (ERT), de imprimir-lhe a linha editorial condizente com os objetivos e os compromissos da Conferência. Dará continuidade ao valioso serviço prestado pelo Pe. Spencer que, no último número de 1995, apresentou suas despedidas para dedicar-se a uma nova missão em Brasília. A ele os sinceros agradecimentos pelos três anos e meio em que dinamizou a nossa revista.

A Palavra do Papa traz a sua mensagem para a Quaresma de 1996. Em consonância com sua alocução de abertura da Campanha da Fraternidade, o texto convida para uma reflexão sobre o espírito com que vivenciar e celebrar o tempo quaresmal. Exorta-nos "a cumprir gestos significativos e concretos, capazes de multiplicar aqueles poucos pães e peixes de que dispomos". Vale a pena ler e refletir.

Como um dos critérios adotados tradicionalmente pela Equipe de Programação de Convergência é a elaboração e seleção de textos que contribuam para o aprofundamento da compreensão da Vida Consagrada e de sua missão na Igreja e no mundo, o presente número de março converge, também, nesta direção. O artigo de Fr. Florêncio Almeida Vaz, OFM, pretende esclarecer a experiência dos Religiosos Indígenas hoje e oferece pistas para a formação dos vocacionados destas etnias, respeitando e valorizando as suas diferenças culturais. Pe. Márcio Fabri dos Anjos ajuda aos e às Provinciais a discernir sobre a difícil questão do encaminhamento a estudos especializados na Vida Religiosa. Creio que seria muito proveitoso a formadores e formandos o debate a partir das perguntas e respostas que propõe.

A retomada de aspectos que marcam a Vida Religiosa sempre será salutar, porquanto obedece a orientação da "Perfectae Caritatis" que aponta como caminho para a renovação o retorno às fontes e aos carismas fundacionais. A Ir. Lina Boff, SMR, atualiza este caminho no seu texto.

Uma das recomendações da XVII AGO foi a continuidade ao estudo e à discussão da Modernidade Brasileira. O artigo do Pe. Inácio Neutzling certamente contribuirá em muito na compreensão e interpretação desta complexa realidade. A variada bibliografia citada permite um mergulho profundo na problemática.

Nunca é demais acentuar uma das notas características da Vida Religiosa: a dimensão comunitária. O Pe. Agenor Girardi,

como ex-mestre de Noviços da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração e atualmente Coordenador do CETESP, descreve em estilo simples e despretensioso as exigências básicas para uma autêntica vivência comunitária. Como as demais virtudes, a vida comunitária comporta sempre maior perfectibilidade e precisa ser cultivada para ser lugar de convivência humana e de realização da missão assumida congregacionalmente.

Em pleno tempo de Quaresma, desejo a todos os leitores de *Convergência* um tempo fecundo de conversão e reconciliação na alegre e esperançosa expectativa da manhã da Ressurreição.

PALAVRA DO PAPA

«DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER» (MT 14,16)

Amados Irmãos e Irmãs

1. O Senhor chama-nos, uma vez mais, a segui-Lo pelo itinerário quaresmal, caminho anualmente proposto a todos os fiéis, para que renovem a sua resposta pessoal e comunitária à vocação batismal e produzam frutos de conversão. A Quaresma é um caminho de reflexão dinâmica e criativa que impele à penitência, para robustecer todo o propósito de compromisso evangélico; um caminho de amor, que abre o ânimo dos crentes aos irmãos, elevando-os para Deus. Jesus pede aos seus discípulos que vivam e difundam a caridade, o mandamento novo que representa um magistral resumo do Decálogo divino, confiado a Moisés no Monte Sinai. Na vida de todos os dias, sucede encontrarmos famintos, sedentos, doentes, marginalizados, migrantes. Durante o tempo quaresmal, somos convidados a olhar, com mais atenção, os seus rostos carregados de sofrimento; rostos que testemunham o desafio das pobrezas do nosso tempo.

2. O Evangelho destaca como o Redentor experimenta singular compaixão por aqueles que vivem em dificuldade; fala-lhes da Reino de Deus e cura os enfermos no corpo e no espírito. Depois diz aos discípulos: «Dai-lhes vós mesmos de comer». Mas eles reparam que só têm cinco pães e dois peixes. Também nós hoje, como então os Apóstolos em Bestsaida, dispomos de meios, sem dúvida, insuficientes para irmos eficazmente ao encontro de cerca de oitocentos milhões de pessoas famintas ou subnutridas que, às portas do ano 2000, ainda lutam pela sobrevivência.

Que fazer então? Deixar as coisas como estão, rendendo-nos à impotência? É esta a pergunta para a qual, ao início da Quaresma, desejo chamar a atenção de cada fiel e de toda a comunidade eclesial. A multidão de famintos, composta de crianças, mulheres, anciãos, migrantes, deslocados, desempregados, dirige-nos o seu grito de dor. Imploram-nos, esperando ser ouvidos. Como não tornar atentos os nossos ouvidos e vigilantes os nossos corações, começando por colocar à disposição aqueles cinco pães e dois peixes que Deus pôs em nossas mãos? Todos podemos fazer qualquer coisa por eles, dando cada um o seu próprio contributo. Isto requer certamente renúncias, que supõem uma conversão interior e profunda. É preciso, sem dúvida, rever os comportamentos consumistas, combater o hedonismo, opor-se à indiferença e à delegação das responsabilidades.

3. A fome é um drama enorme que aflige a humanidade: urge tomar ainda a maior consciência do mesmo e oferecer um apoio convicto e generoso às várias Organizações e Movimentos, nascidos para aliviar os sofrimentos de quem corre o risco de morrer por carência de alimento, privilegiando aqueles que não são atingidos por programas governamentais e internacionais.

É necessário apoiar a luta contra a fome, tanto nos países menos avançados como nas nações altamente industrializadas, onde, infelizmente, vai sempre aumentando a distância que separa os ricos dos pobres.

A terra está dotada dos recursos necessários para saciar a humanidade inteira. É preciso saber usá-los com inteligência, respeitando o ambiente e os ritmos da natureza, garantindo a eqüidade e a justiça nas trocas comerciais, e uma distribuição das riquezas que tenha em conta o dever da solidariedade. Alguém poderia objetar que se trata de uma enorme e quimérica utopia. O ensinamento e a ação social da Igreja, porém, demonstram o contrário: sempre que os homens se convertem ao Evangelho, esse projeto de partilha e solidariedade torna-se uma estupenda realidade.

4. Na verdade, enquanto vemos, por um lado, ser destruídas grandes quantidades de produtos necessários à vida do homem, por outro, descobrimos com amargura longas filas de pessoas que aguardam a sua vez junto das mesas dos pobres ou à volta dos comboios das Organizações humanitárias, ocupadas em distribuir ajudas de toda a espécie. Mas também nas modernas metrópoles, à hora de encerramento dos mercados locais, não é raro vislumbrar gente desconhecida que se inclina a rebuscar o rebotalho das mercadorias ali abandonado.

Diante de tais cenas, sintomas de profundas contradições, como não experimentar no espírito um sentimento de revolta interior? Como não sentir-se tocado por um impulso espontâneo de caridade cristã? A autêntica solidariedade, todavia, não se improvisa; só através de um paciente e responsável trabalho de formação, realizado desde a infância, é que aquela se tornará um hábito mental da pessoa, englobando os diversos campos de atividade e responsabilidade. Requer-se um processo geral de sensibilização, capaz de envolver toda a sociedade. A Igreja católica, em colaboração cordial com as outras Confissões religiosas, deseja oferecer o seu próprio e qualificado esforço para um tal processo. Trata-se de um fundamental esforço de promoção do homem e da partilha fraterna, que não pode deixar de ver aí empenhados também os próprios pobres, segundo as suas possibilidades.

5. Amados Irmãos e Irmãs! Ao mesmo tempo que vos confio estas reflexões quaresmais, para que as desenvolvais individual e comunitariamente sob a guia dos vossos Pastores, exorto-vos a cumprir gestos significativos e concretos, capazes de multiplicar aqueles poucos pães e peixes de que dispomos. Contribuir-se-á assim validamente para fazer frente aos vários gêneros de fome, sendo este um modo autêntico de viver o providencial período da Quaresma, tempo de conversão e reconciliação.

Nestes comprometidos propósitos, sirva-vos de apoio e conforto a Bênção Apostólica, que de bom grado concedo a cada um de vós, pedindo ao Senhor a graça de nos encaminhar generosamente, mediante a oração e a penitência, para as celebrações da Páscoa.

Castelgandolfo, 8 de setembro, Natividade da Virgem Santa Maria, do ano de 1995, décimo sétimo de Pontificado.

A EXPERIÊNCIA DOS RELIGIOSOS INDÍGENAS HOJE

Frei Florêncio Almeida Vaz*
Pelo GRENI-Nacional[1]

"Para nós foi uma desgraça que Cristobal Colón topasse conosco, e em lugar de nos perguntar quem éramos nós, irrespeitosamente chamou-nos de índios" (Genaro Dominguez, índio mexicano).

Existem religiosos indígenas no Brasil? Sim, não são muitos, é verdade, e sobre eles quase não se ouve falar. O que eles teriam a dizer sobre a sua experiência nas comunidades religiosas e nos seminários? Pensando em obter uma primeira resposta a esta questão, o Grupo de Reflexão dos Religiosos Negros e Indígenas (GRENI) realizou uma sondagem em nível nacional com os próprios religiosos indígenas. De aproximadamente 100 questionários enviados, quatorze foram devolvidos com resposta. Certamente é um número pequeno, mas o resultado da análise do conteúdo é muito significativo e pode dar margem a boas reflexões sobre a formação de religiosos e sacerdotes indígenas em nossa Igreja.

As respostas estavam assim distribuídas: (a) região – a maioria veio da Amazônia (11); do Nordeste vieram duas e uma do Centro-Oeste; (b) idade – 7 pessoas com menos de 30 anos, 2 entre 30 e 60 e 5 com mais de 60; (c) sexo – 12 mulheres e 2 homens; (d) estudos – 4 possuem o 2° grau e 10 têm curso superior (as mulheres com uma formação variada nos campos das Ciências Sociais, Comunicação ou Teologia e os homens estudam Filosofia e Teologia em preparação para o sacerdócio). Desses indígenas, 8 são desaldeados ou não souberam identificar sua nação de origem e seis nasceram e viveram em aldeias.

Mesmo estando as respostas bem distribuídas geograficamente e entre jovens e pessoas idosas, é claro que não nos permitem tirar conclusões gerais, mas o que apontamos vale como a representação da opinião de um número não-negligenciável de pessoas. Devemos levar em conta também o fato de que muitos religiosos que poderiam ser classificados como indígenas

* **O Autor:** Frei Florêncio Almeida Vaz, que ajudou a organizar a pesquisa, é indígena, sociólogo, frade franciscano da vice-Província da Amazônia e membro do GRENI. Atualmente faz mestrado em desenvolvimento, agricultura e sociedade na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — UFRRJ, com projeto de pesquisa sobre desenvolvimento sustentável entre os ribeirinhos da Amazônia.

1. Pessoas interessadas em participar ou saber mais sobre o grupo religioso de negros e indígenas, informar-se na CRB do seu Estado ou procurar o GRENI Nacional/CRB – Rua Alcindo Guanabara, 24, 4º andar – Cinelândia – 20038-900 – Rio de Janeiro – RJ.

não se reconhecem como tais. Nesse sentido, o próprio fato de responder o questionário já é uma afirmação da identidade indígena, assim como o fato de tê-lo ignorado pode indicar uma falta de interesse em enfatizar sua indianidade.

1. ÍNDIO NÃO, INDÍGENA

O termo "índio" não é aceito pela maioria, por razões históricas e pelo preconceito que carrega em si. A palavra usada por Cristóvão Colombo para definir os moradores originários da América, pensando tratar-se das Índias, no senso comum lembra uma gente nua, *selvagem*, andando pela floresta e matando impiedosamente. Então, é compreensível que ninguém queira assumir esse estigma. Em contrapartida, observa-se neste momento toda uma luta dos povos indígenas para reafirmarem sua identidade étnica e seus direitos. Até povos que se pensava extintos, como os Kariri-Xocó no Nordeste, reaparecem como "índios" lutando por terra e pela preservação da sua cultura. Alguns religiosos indígenas também querem ser reconhecidos como "diferentes" da sociedade nacional, mas não como "índios", preferem a palavra "indígena".

Apesar de ter a mesma raiz etimológica que "índio", "indígena" tem um sentido político: é uma auto-identificação e não mais o resultado de uma imposição do colonizador europeu. É sintomático que somente uma pessoa se disse "índia" e outros não quiseram nem "índio" nem "indígena", mas "nativo". Uma única irmã, de certa idade, se disse "caboca" ("Desde que me entendi sempre escutei me chamarem de caboca."), outro termo abominado por ser muito depreciativo. Enfim, nos tempos do politicamente correto os nomes usados na classificação de grupos são objeto de muita discussão, principalmente quando carregam algum peso de discriminação.

2. O INDÍGENA NA VIDA RELIGIOSA

Todos foram unânimes em mostrar a grande diferença entre o pensamento e a vida na sociedade indígena e a vida religiosa e, conseqüentemente, as dificuldades da adaptação. Quais as principais diferenças?

2.1. Linguagem

É grande a dificuldade de aprender a pronúncia e a gramática corretas do português. Por isso expressar-se claramente de início é um problema. Há na nova língua o predomínio de expressões abstratas, distantes de relações imediatas com a realidade. Um exemplo é o discurso sobre os votos. E aqui está implicado muito mais do que o simples **falar**, é questão também de **forma** e **conteúdo** (raciocínio) das diferentes **falas**.

2.2. Organização da Vida

As casas de formação e as comunidades religiosas são programadas e organizadas numa disciplina rígida de dias e horários em que praticamente tudo o que se tem de fazer está estabelecido, "(temos que) pedir licença para tudo". Há um ritmo agitado e mais veloz do que aquele dos indígenas ("tive de mudar meu ritmo, que as pessoas identificavam como lento"). A estrutura dos conventos e seminários parece bastante repressora e impõe limites muito severos à vida do indígena, pouco acostumado com o excesso sufocante de paredes, como bem escreveu com simplicidade uma formanda de Manaus (AM): "(na aldeia) a gente sente mais *soltos*, livres, com espontânea vontade e aqui na vida religiosa a gente sente como se fosse só *obrigado*, empurrando na gente..."

2.3. Convivência

A ênfase na manutenção da ordem (dos

superiores) e a seriedade dos rostos está longe da espontaneidade indígena. Na aldeia predomina a leveza e a informalidade nos contatos. As pessoas estão mais à vontade e são sempre muito alegres. Vive-se o coletivo intensamente, enquanto na VR ele é mais teórico, permitindo na verdade o surgimento do individualismo, de amizades superficiais e de "grupinhos". Uma irmã com mais de 60 anos conta que estranhou muito o fato de as irmãs serem separadas em categorias, e uma outra se sentiu podada ao ver que não se dançava nas comunidades religiosas. Ainda bem que isso começou a mudar recentemente, diz ela, que agora está mais feliz: "quando eu recomecei a dançar, tudo ficou 100%, vibrei com mais segurança".

2.4. Valores e Costumes

Muitas coisas consideradas boas na comunidade indígena de repente passam a ser condenadas ou não são muito incentivadas. Exemplos: (a) o apego ao lúdico, danças e festas, característicos dos indígenas, não é aprovado numa comunidade de formação, e a espontaneidade da festa e da alegria fica restrita a uns poucos momentos de "recreio". Alguém disse "ganhei desprezo pela arte em geral". O "normal" passa a ser o silêncio, a clausura e uma alegria comedida. (b) As distinções que existem na comunidade indígena entre os líderes (mais velhos, sábios e pajés) e os outros não impedem um convívio natural e amistoso, mas o mesmo não se pode dizer das relações nas quais as categorias "formador(a)" e "superior(a)" estão como que distantes e fechadas ao contato natural com os outros subordinados(as).

Também foi citado o fato de a nova vida ser excessivamente urbana, distante do mundo da natureza das aldeias. Por exemplo, para os indígenas "lugares sagrados" são rios, matas, casas ou a própria terra, ou seja, a natureza é sagrada; já na VR "lugar sagrado" é a capela, uma casa feita pelo homem. Isso explica a saudade do *chão* e do *mato*, citada por muitos.

Um resumo perfeito do contraste é este relato dos indígenas do Amazonas: "Iniciamos o período de formação com bastante entusiasmo, mas aos poucos sentimos as diferenças, e sofremos um abalo cultural; talvez seja por isso que alguns até rejeitaram a sua identidade indígena. Temos dificuldade com o português porque a nossa estrutura lingüística é diferente; por causa disso, percebemos que alguns formadores acham que não temos capacidade de estudo e de raciocínio. O nosso ritmo de vida é diferente do ritmo dos nossos formadores e isso também os leva a formar opiniões negativas a nosso respeito".

Que as duas formas de vida tenham diferenças nos parece óbvio, mas é importante notar que nesse encontro de diferenças o indígena se apresenta como a parte que deve se negar e assimilar o conteúdo da outra. Por mais que alguns tenham enfatizado ganhos ao entrar para a vida religiosa (mais coerência no pensamento, estudos, organização etc.), os costumes e valores que tiveram de perder estão em maior número. Festas, o apego ao rural, alimentação e uma maneira própria de pensamento – tudo isso passa a ficar numa gaveta ou, não raramente, é jogado fora. Importa nesse momento muito mais mostrar-se apto ao ajustamento na comunidade religiosa do que acentuar as particularidades indígenas. É comum principalmente nos jovens estudantes a preocupação em mostrar que são **capazes**, de acordo com as novas regras às quais estão submetidos. Em uma questão sobre "ganhos culturais" nas comunidades religiosas, alguém respondeu: "ganhar não ganhei, me adaptei".

3. OS DESAFIOS DO INDÍGENA NA VIDA RELIGIOSA

Quais são os desafios do religioso indígena nessa situação? Sobreviver num

ambiente estranho ao antigo padrão é o primeiro deles. Muitas congregações que atuam na Amazônia, por exemplo, mandam seus jovens para casas de formação em outras regiões. O estranhamento fica ainda maior. Nesse contexto conservar-se "diferente" culturalmente e manter a autoestima é um sofrimento, pois chega-se a enfrentar críticas e preconceitos explícitos que machucam. A maioria dos formadores desconhece a cultura indígena e por isso mesmo não lhe dá valor. São muitos os exemplos de indígenas que abandonaram a VR porque sentiam desconfianças, desprezo, discriminação ou "porque não conseguiram se acostumar com a vida e os costumes dos outros religiosos".

Os indígenas que vieram de aldeias pensam que a dificuldade maior é continuar indígena, respeitando suas origens. Os indígenas que já eram desaldeados responderam que, além disso, a questão é resgatar suas raízes. Vemos então que todos colocam como grande desafio a manutenção da identidade indígena numa situação completamente adversa. Também deram sugestões de como esse caso deve ser enfrentado: casas de formação intercongregacionais para indígenas, nas quais os formadores fossem especialmente preparados para essa tarefa, favorecendo assim o respeito às raízes indígenas dos formandos. Individualmente, a sugestão é que o formando não deve considerar-se diminuído ou que nada sabe, ele precisa provar que tem autodomínio, mesmo diante da descrença dos outros, desenvolver dons artísticos próprios do seu povo e evitar a mentalidade burguesa.

Está presente nesses relatos a consciência de que é preciso superar alguns preconceitos, por exemplo, aquele que diz que o indígena não serve para a VR. Se ele questiona muito é visto como "problemático". Que fazer? Aceitar as coisas como são ou abandonar a VR? Mas isso seria "dar razão aos que pensam que não somos capazes de viver esta vida". Novamente constatamos a insistência em "provar" que o indígena é capaz, tem autodomínio etc. Esse desafio é recorrente.

Nesse processo de adaptação à forma de vida urbana e conventual muitos chegam a se sentir desorientados. Alguns jovens foram internados desde meninos, depois veio o aspirantado, o postulantado, o noviciado, estudos de filosofia e teologia e todo o processo formativo. Um longo período de distanciamento da vida com os parentes e num estilo de organização bastante diferente do indígena. Um estudante de teologia descreve assim sua situação: "Os meus contatos e as minhas relações com as minhas origens (costumes, tradições) perdi e me sinto perdido. Por quê? Estruturas". É claro que esta desorientação está relacionada com os padrões indígenas perdidos, pois o mesmo jovem destacou em outro ponto como um ganho na vida religiosa "comportamento e organização", ou seja, no mundo dos seus novos(as) irmãos(ãs) ele parece estar bem encontrado. Aqueles que mais se ajustaram ao novo padrão sem considerar sua tradição cultural se perderam enquanto indígenas, mas os outros que reafirmaram a sua cultura no "contraste", conservando a língua e outros costumes, por exemplo, têm isso como uma referência.

Os desaldeados ou que se classificaram como "descendentes" não acentuaram muito o lado das perdas, até porque seus costumes já estavam muito próximos dos da sociedade brasileira. Destacam mesmo a vida religiosa como o espaço da tomada de consciência da identidade indígena, da busca das origens etc. Uma contradição é que, ao mesmo tempo que se dizem indígenas deixam escapar frases como "sou descendente" ou "não nasci na tribo", por mais que o pai tenha nascido lá. Parece se tratar de resquícios da teoria racista disseminada no senso comum, segundo a qual

"índio puro" é o que nasceu na tribo e não tem "mesclado": com outras raças. A mestiçagem seria a sua degeneração ou deformação. Hoje tanto a Antropologia como o movimento indígena têm outro entendimento da questão: mais que critérios biológicos ou geográficos, ser indígena depende da consciência de assumir-se como tal, de compartilhar uma determinada tradição cultural distinta da sociedade envolvente e de estar em ligação com os povos pré-colombianos. Nesse sentido, os "descendentes" não são menos indígenas do que os outros. Mas eles não têm tanta certeza disso.

Aqui é preciso admitir muito do preconceito e da fantasia que habitam as entranhas da nossa mente. Índio é selvagem e atrasado. De várias formas essa idéia ainda sobrevive. Uma irmã desaldeada escreveu que tinha medo dos indígenas até se esclarecer sobre quem eram eles, já na vida religiosa. Há pouco tempo ela foi visitar uma aldeia e se deu conta da realidade. Não teve dúvidas: "esse é o meu povo". Várias "desaldeadas" que fizeram a experiência da "volta", convivendo durante algum tempo numa aldeia indígena, passaram a assumir com muito mais vigor e entusiasmo sua identidade indígena. Do mesmo modo é de se supor que existam muitos religiosos indígenas que, informados por antigos preconceitos, continuam negando sua origem. A outra face do problema é a falsificação romântica dos indígenas, quando passam de selvagens e maus para bons guardiões da floresta, gente pura, incapaz de maltratar o semelhante. É verdade que diante da sociedade brasileira desigual, consumista e violenta, os povos indígenas estão em situação vantajosa, mas superestimar essa vantagem é ruim, pois cria expectativas exageradas. Os indígenas também são humanos. O próprio contato com os religiosos indígenas pode ajudar a esclarecer essa questão.

4. CONCLUSÃO

É possível concluir que uma mudança considerável foi operada na consciência de muitos religiosos indígenas nos últimos tempos. Eles sabem que é preciso continuar indígena, apesar das adversidades da VR. Vítimas de constantes discriminações, sua reação quase sempre era a raiva e o silêncio, agora porém argumentam com os não-indígenas, ressaltando seus valores e o direito de serem "diferentes". Sabem que o pequeno número de religiosos indígenas se deve muito mais à estrutura e à ideologia da VR do que a uma suposta incapacidade dos indígenas para esta forma de vida.

Diante do que foi visto é possível concluir que na prática as congregações ainda não aceitam os costumes e valores indígenas. O indígena que chega para ser religioso e/ou padre tem somente de aprender, nada para ensinar ou contribuir com a Igreja. Estamos falando de indígenas, mas isso também vale para negros ou ciganos. O que está em jogo é a disposição da VR de se abrir para um *contato* amistoso com culturas diferentes da ocidental dominante. Isso parece não estar acontecendo. Mas nem tudo está perdido. Só dois responderam que a congregação não aceita seus valores. A maioria disse que existe abertura e aceitação, pelo menos teoricamente. Já é uma disposição para o diálogo. O que falta é tornar realidade essa "boa vontade", que, aliás, é respaldada em vários documentos recentes da Igreja, principalmente o de Santo Domingo.

Se houver uma firme boa vontade de dar atenção aos indígenas que chegam, haverá necessariamente mudanças na forma de realizar o processo formativo. Do contrário, continuarão dois mundos a se confrontar, um impondo sua cultura e o outro se esforçando para se adaptar. A vida religiosa só teria a ganhar se se efetivasse esse diálogo. Os indígenas dizem que poderão trazer do meio do seu povo a parti-

lha, o respeito pelo outro, um "comportamento calmo e delicado", um modo mais dançante de celebrar, simplicidade, igualdade e inclusão, nunca a exclusão. Não são coisas estranhas ao imaginário da vida religiosa, mas talvez sejam estranhas a muitas formas concretas de **vida** religiosa. Não é um bom risco para se correr?

ESTUDOS ESPECIALIZADOS NA VIDA RELIGIOSA

Pe. Márcio Fabri dos Anjos, CSSR
São Paulo – SP

Falta-nos um pouco de profissionalismo. Falta até honestidade profissional. O Reino não dispensa habilitação nem se constrói com improvisações.

Será que todas as Congregações e Ordens precisam ter gente com estudos especializados? Ou este é um desafio só para algumas pessoas e Congregações? Ou a questão é mais para as Congregações masculinas que tem religiosos que são padres?

Entendemos aqui como "estudos especializados" aqueles que, de modo geral, se fazem em nível de cursos e exigências acadêmicas. Este assunto dos estudos especializados na VR é mais importante do que à primeira vista pode parecer. Vamos tratar o assunto de forma bem ampla, pois a diversidade de situações é grande entre os diversos institutos de vida consagrada. Naturalmente, os grupos que se compõem de sacerdotes naturalmente já são obrigados a organizar um tipo de formação que inclui estudos universitários. Mas mesmo para esses grupos há questões interessantes a serem levantadas no conjunto. É variável também a atenção que se dá à formação permanente. O que escrevemos então aqui pretende servir antes de tudo como algumas primeiras idéias e provocações, para que em cada Congregação e Ordem se repense este assunto.

1. Por que alguém de nós?

Os estudos especializados dentro de um grupo são sempre uma necessidade para a vida desse grupo. Conheço Congregações que se refugiam no "carisma fundacional" para inibirem estudos especializados de seus membros. Desculpam-se mais ou menos assim: "Nosso carisma não é o estudo e a pesquisa, mas sim... (determinada tarefa ou missão)". E com isto se dispensam de incentivar membros de sua congregação para algum preparo científico ou mais profissional. Às vezes até inibem seu desejo de estudar.

De fato, a reflexão sobre as opções de vida do grupo, o discernimento e a organização das idéias que o sustentam são necessidades vitais. Elas exigem pessoas dentro do próprio grupo que estejam habilitadas a facilitar esses serviços indispensáveis. Embora uma "assessoria" externa tenha seus lados de riqueza, ela não consegue substituir em tudo os próprios membros da Congregação, Ordem ou Instituto especialmente naquilo que envolve suas experiências específicas. Mas, além disso, existe algo além dos interesses internos de cada Congregação. São as tarefas que o Evangelho apresenta: para desempenhar bem a missão e as tarefas do carisma congregacional, exige-se preparo. Tudo isso põe a questão do estudo especializado como um desafio para qualquer Congregação, Ordem ou Instituto de vida consagrada.

Os interesses particulares de institutos se somam ainda às necessidades da Igreja como um todo. Assim como a diversidade dos carismas fundacionais são uma riqueza para a Igreja, assim também a reflexão, fundamentação e sistematização desses carismas garantem a transparência e melhor intercomunicação dos carismas na Igreja.

2. Que tipo de estudos especializados?

Tentando começar de modo bem concreto, vamos perguntar que tipos de estudos especializados são convenientes para religiosos(as). Numa Congregação religiosa é de se supor que esses estudos se guiem, antes de tudo, pela missão a que o grupo e seus membros são chamados a cumprir no anúncio do Evangelho. Essas tarefas missionárias tomam concretude em "frentes" ou "obras" que a Província assume, dando vazão a seu ardor missionário. Veremos, mais adiante, que esse aspecto da missão e das obras deve se compor com o outro lado que são as habilidades e preferências pessoais, sem o que massacraríamos as pessoas. É uma síntese a ser feita com sabedoria e idealismo pelas pessoas envolvidas e pelo grupo.

Mas aqui façamos um pequeno esquema de tipos de estudos especializados que podem ser necessários e mesmo indispensáveis em uma Ordem ou Congregação. Anotamos cinco tipos:

a) *Especializações diretamente ligadas ao carisma fundacional* – Cada Ordem ou Congregação tem naturalmente seus desafios específicos nesse campo. E os entendo de duas maneiras:

a1) Especializações voltadas para o **estudo das fontes históricas e espirituais** de sua Ordem e Congregação no conjunto da Igreja. Estes estudos, pesquisas e produções científicas vão se tornando praticamente indispensáveis para a identidade do grupo religioso e portanto exigem pessoas que a eles se dediquem. Os próprios membros são em grande parte insubstituíveis nessa tarefa.

a2) Especializações que vão ao encontro das **tarefas específicas decorrentes do carisma**. Estas especializações visam responder ao desafio de competência e no fundo também de honestidade profissional na área em que atuamos como religiosos. Pensemos em Congregações que expressam a obediência a seus carismas fundacionais se dedicando, por exemplo, à educação, ou à comunicação. Para um bom desempenho desses serviços, seus membros são particularmente desafiados a entender ao menos um pouco melhor dessas áreas. E naturalmente ter algumas pessoas especializadas no campo. Assim também se podem descobrir espaços e áreas que exigem aprofundamento, embora estejamos acostumados a dispensar estudos mais aprofundados. Penso em especial como merece muito mais atenção teórica a opção preferencial pelos pobres, isto é, como é desafiador compreender "o mundo dos pobres", para que os carismas fundacionais possam assumir o amor aos pobres de Deus de forma mais inteligente.

b) *Especializações que visam ao Ensino Teológico* – Estas especializações dizem respeito mais de perto às Ordens e Congregações que se ligam a Institutos acadêmicos de ensino teológico, particularmente cumprem a tarefa da formação teológica presbiteral. Mas este não seria o único espaço que aqui se abriria. Penso que, desde o momento em que os grupos religiosos desenvolvam pesquisas e estudos a partir das áreas específicas de seus carismas, poderiam surgir proveitosos serviços oferecidos mais amplamente à Igreja. Assim como Jesuítas, Dominicanos, Salesianos, Redentoristas e Camilianos têm desenvolvido centros de estudo e de especificações segundo seus carismas próprios,

assim também outros centros de especialização poderiam ser desenvolvidos. Existe aqui uma grande área a ser conquistada pelas religiosas, em grande parte afastada até agora de estudo e especialização teológica, para grande perda de todos nós.

c) *Estudos que visam à formação e à vida em comunidade* – A presença de pessoas especializadas para subsidiar a Formação religiosa no interior de cada grupo pode ajudar a enfrentar uma área delicada e complexa. Tendo em vista a formação inicial e a permanente, incluindo nesta a vida em comunidade, podemos lembrar a importância de disciplinas como a pedagogia, a psicologia e a espiritualidade. Estas especializações naturalmente se desdobram em importantes assessorias a outros setores de atividades da Ordem ou Congregação e em serviços pastorais diretos ao Povo de Deus.

d) *Especializações profissionais* – Tendo em vista as habilidades pessoais e as áreas de trabalho particularmente de religiosos(as) não clérigos, abre-se uma gama interessante de possibilidades de estudos especializados que podem servir tanto para o interno da Congregação, como em serviços eclesiais mais amplos. Penso aqui em habilitações profissionais que requerem, por exemplo, os grandes meios de comunicação. Ali estão capacitações que não se improvisam. Além disso, devemos pensar também em serviços profissionais úteis na sociedade, através dos quais possamos levar adiante o testemunho de solidariedade e luta pela justiça em favor dos pobres. As profissões técnicas e profissões liberais de modo geral constituem interessantes espaços para especializações dos membros de uma Congregação. Além de servirem por assim dizer ao interno do grupo religioso, são também uma ponta de abertura para maior interação da vida religiosa com a sociedade.

e) *Especializações em dimensão de serviço eclesial mais amplo* – Trata-se aqui de anotar a dimensão pela qual os estudos especializados constituem uma contribuição da Congregação ou Ordem a suprir necessidades comuns de Igreja. Em geral todo estudo especializado pode ter utilidade interna congregacional e/ou eclesial mais ampla. Vale a pena lembrar aqui a enorme necessidade que temos de maior participação das mulheres na reflexão e elaboração teológica, mesmo na dimensão da formação teológica presbiteral. E talvez ainda maior é a necessidade que temos de religiosos(as) capazes de levarem o fermento cristão ao diálogo científico com a sociedade em cada uma das diversas ciências.

3. Primeiras bases de estudo especializado

Quando olhamos para alguém cientificamente bem preparado, a gente pode ficar admirado, mas ao mesmo tempo pode ter um leve sentimento de inferioridade: "Nunca vou chegar lá! Isso não é para mim..." Mas, de fato, todo especialista um dia foi um iniciante com suas limitações. O segredo é dar um passo depois do outro. Considerando nossa realidade, anoto aqui algumas observações:

a) Um ponto de partida é aceitar que nem todos(as) são chamados(as) para tudo. Assim, nem todos "são feitos(as) para desenvolverem de forma realizadora um estudo especializado. Isso mostra a necessidade de a pessoa *descobrir* suas habilidades e preferências. Nesse desafio de descoberta é preciso um explícito *apoio* no nível da formação, e um *incentivo* para que a pessoa acredite em si mesma e na validade dos estudos em perspectiva. Existem até técnicas que podem, se necessário, ajudar na descoberta das principais tendências e direções em que cada pessoa pode produzir melhor em sua vida.

b) Reforço do estudo básico: Um bom estudo começa pelas bases; e hoje percebemos quão necessário é suprir as defi-

ciências do ensino básico brasileiro para levar adiante uma séria formação. É preciso descobrir as lacunas que podem perpassar a capacitação na língua portuguesa e rudimentos de formação humanística deixados para trás. Essas lacunas se descobrem mais facilmente na medida em que delineamos as áreas que nos propomos aprofundar.

c) Facilitação para estudo em áreas de interesse e habilitações instrumentais: O incentivo pessoal aos interesses intelectuais de cada um é fundamental para que a especialização venha a acontecer. E isto começa de longe, facilitando aos co-irmãos(as) irem adquirindo o instrumental necessário (por exemplo estudo de línguas estrangeiras; pequenos "ensaios" em cursos breves; contatos e experiências breves). Aqui entram os interesses por temas ou disciplinas que vão além dos programas comuns para todos.

d) *Alertas*: Em se tratando da promoção inicial dos estudos especializados cabem dois alertas. O primeiro seria quanto a uma *especialização precipitada*. Esta significaria um estreitamento da visão do sujeito por uma seleção exclusiva de um campo ou área sem uma base de conhecimento em outras áreas. Uma formação científica supõe sempre uma base de conhecimentos comuns. Quem estuda teologia, por exemplo, não pode renunciar a um conhecimento básico das diversas áreas, para se dedicar apenas ao campo de seu interesse. O segundo seria uma *supervalorização precoce* da pessoa, que então não somente se condicionaria facilmente à sua área, como também poderia ser levada à presunção de achar que já sabe tudo e domina mais do que realmente sabe. São desafios que um processo de formação deve enfrentar.

e) Discernimento comunitário: É importante ter presente, por fim, que as escolhas por áreas de especialização obedecem a critérios pessoais, mas também devem se ater a critérios comunitários. De um lado é importante valorizar a concentração de forças em torno de objetivos comuns. Esta obediência aos nossos carismas é exatamente um dos fatores que nos leva a sermos "congregados". Assim, a escolha de nossas especializações deve levar em conta também a forma de somarmos com os co-irmãos(ãs) na vida comunitária e na missão. Por outro lado, a comunidade pode também atuar como aquela que solicita, incentiva ou ajuda a discernir com mais objetividade as nossas aptidões.

4. Um ambiente para a especialização

a) *Valorização dos estudos e seus serviços* – Um ambiente interno favorável aos estudos especializados na Província ou Região se constitui particularmente pela *valorização* dos serviços especializados, reconhecendo sua validade e servindo-se deles. O reconhecimento é um dos principais estímulos humanos. Esta valorização se traduz também institucionalmente pela *solicitação* que os diversos setores podem fazer aos confrades em particular e ao Governo Provincial para que um estudo especializado se realize dentro de uma área ou de um tema específico.

b) *Ambiente interno da Província: obstáculos* – A possibilidade de estudos especializados deve contar com um apoio grupal que começa por um reconhecimento de sua necessidade. Um primeiro obstáculo a esse respeito seria o *autodidatismo*. É sem dúvida uma riqueza a capacidade que temos de transmitir a gerações novas as habilidades cultivadas em cada setor. Mas seria ingenuidade acreditar que isso substitua assessorias especializadas na área. Geralmente as pessoas são enviadas para setores de atuação, com tarefas às vezes muito importantes, mas sem o mínimo de preparo. Falta-nos um pouco de profissionalismo. Poder-se-ia falar em certos casos até em falta de honestidade profissional. É

como se os serviços do Reino de Deus dispensassem habilitação e pudessem se construir com improvisações supridas eternamente pela "obediência" religiosa.

Um segundo obstáculo seria a *acomodação* que anestesia qualquer inquietação científica e portanto também qualquer esforço de atualização.

Um terceiro obstáculo podem ser os ciúmes e inseguranças que colocariam os estudos e especializações como peças do jogo de poder interno. Talvez seja bom se precaver contra essa forma tão rudimentar de infantilismo espiritual.

c) *Interação* – O clima favorável aos estudos especializados é ajudado por uma atitude de interação com os membros da Congregação ou Ordem que fizeram seus estudos: solicitar seus préstimos, mas também não deixar simplesmente por conta deles aquela área. Esta seria uma forma de lavarmos as mãos ou até de rotularmos as pessoas a partir de suas especializações. A interação é importante para que enfrentemos um possível isolamento de quem estudou, em suas posições. Em outras palavras, os estudos especializados na Vida Religiosa dependem de cultivarmos um ambiente em que o diálogo científico, em suas questões práticas pelo menos, seja uma preocupação comum das comunidades.

d) *Estudos no exterior ou no Brasil?* – O local dos estudos especializados tem suas conveniências segundo diferentes fatores em jogo. Especialmente é preciso ver onde se encontram boas escolas. Mas de modo geral a diversificação da fonte dos estudos representa uma riqueza cultural. Os estudos e especializações no Brasil têm a riqueza de possibilitarem maior inserção em nosso contexto. Freqüentemente, porém, se deparam com um grande limite que é preciso ser evitado: a proposta de estudo se apresenta em meio a um acúmulo de outros encargos e deste modo fica faltando uma liberação mínima para a pessoa se dedicar com tranqüilidade.

Os estudos no exterior têm a riqueza de propiciar outras experiências culturais, como também normalmente implicam tempo integral para o estudo. No sentido de contato com outras culturas, nossos estudos têm se desenvolvido principalmente na Europa. Mas parece interessante pensar também em outros contextos, desde que somados com boa qualidade de estudo.

Isso tudo não deve naturalmente tolher nem desencorajar a conjugação de oportunidades, quando por exemplo o estudo se faz, por vários motivos, associado a uma incumbência ou aproveitando um espaço ocasional. Algumas especializações podem inclusive ser feitas, com proveito, dessa forma, quando o engajamento de trabalho coincide com os temas do estudo.

5. Desafios Globais e Perspectivas

Os estudos especializados na Vida Religiosa já são em parte uma realidade praticada em vários setores. Não tivemos a preocupação de fazer levantamentos nesse sentido. Tivemos antes a preocupação de estimular uma análise da situação dos estudos especializados em cada grupo religioso e a partir daí sensibilizar para organizações e planejamentos que contemplem também as especializações.

Quais são os desafios globais mais importantes nessa questão? Apontaria apenas dois nesse momento: O primeiro é superarmos o preconceituoso distanciamento das religiosas do estudo teológico. Isto é uma grande perda para a Igreja, especialmente agora que nos defrontamos com a ingente tarefa de reelaborarmos a Teologia na reciprocidade de gênero. Em um momento em que tanto precisamos de mulheres teólogas, acho que cometem omissão e negligência as comunidades religiosas que não pensarem, e pior ainda negarem, formação teológica especializada a religiosas capazes.

O segundo seria fazer frente à necessidade crescente que temos de cristãos(ãs)

que possam participar do diálogo científico na grande sociedade. A velocidade das mudanças e dos avanços científicos e tecnológicos é incrível. Vamos deixar que o fermento evangélico fique para trás do tempo? ou que seja levado apenas por cientistas e peritos leigos(as) de boa vontade? A Vida Religiosa se compõe de enorme diversidade de carismas. Cada carisma diz respeito a necessidades humanas concretas que por sua vez são tratadas por ciências específicas e se tocam por tecnologias modernas. Caberia a cada grupo religioso se preocupar em dar sua contribuição cristã ao diálogo científico, a partir de seu carisma. Um sonho? Na Bíblia Deus falou muitas vezes por sonhos...

Podemos trabalhar com otimismo e entender que as perspectivas são boas. Há mais recursos para especializações e estudos hoje. Os tempos modernos são empolgantes e propiciam áreas incríveis para a pesquisa. E além de tudo, o Espírito Santo está sempre preparado a ajudar a quem se dispõe a enfrentar os novos tempos em seu nome.

QUESTÕES PARA REFLETIR:

1. Quantos são mais ou menos os membros de sua Ordem ou Congregação que têm estudos especializados?
2. Quais seriam as principais especializações que iriam ao encontro das necessidades importantes em sua Congregação ou Ordem?
3. Ousando sonhar, quais as áreas em que seria tão bom sua Congregação poder oferecer à Igreja e/ou à Sociedade alguma pessoa especializada?

ASPECTOS QUE MARCAM A VIDA RELIGIOSA

(BRASIL – AMÉRICA LATINA E CARIBE)

Lina Boff, SMR
Rio de Janeiro – RJ

Os aspectos aqui evidenciados expressam os elementos que compõem a Vida Religiosa como chamado do Senhor para continuar e completar a missão que começou com o anúncio do Reino e consumou com a doação de sua vida na cruz.

Com o processo renovador desencadeado pelo Vaticano II, aplicado em nosso Continente por Medellín e Puebla, a vida religiosa latino-americana passou a apresentar-se com uma nova identidade que foi se construindo na medida em que esta descobria seu lugar na Igreja Particular, tomava consciência da sua missão nesta Igreja, deixava-se interpelar pela realidade e ia fazendo descobertas que configuravam sempre mais a sua consagração a Deus para a missão do Reino na Igreja, na Sociedade, no Mundo.

A partir deste evento que foi o Vaticano II e o dinamismo que o Espírito suscitou em nossa realidade histórica, nasce na Igreja latino-americana uma "nova figura" de vida religiosa que brota da interpelação dos pobres e do seu mundo.

A existência de multidões de empobrecidos levou a vida religiosa a tomar a sério a presença destes rostos que de muitas maneiras a interpelavam.

Este fenômeno, interpretado à luz da opção evangélica preferencial pelos pobres, em continuidade com Medellín e Puebla, ilumina, à imitação de Jesus Cristo, toda a ação evangelizadora (cf. SD 296) da vida religiosa no Brasil e no continente latino-americano.

EM QUE CONSISTE PARA A VIDA RELIGIOSA A OPÇÃO PELOS POBRES

A raiz profunda que faz a Vida Religiosa optar pelos pobres é essencialmente a sua consciência de estar partilhando da vida e da missão de Jesus Cristo numa convivência íntima e em comunhão de destino com o próprio Jesus.

A motivação evangélica da vida religiosa pelos pobres como primado da caridade perfeita para com Deus e para com o próximo exige "uma identificação cada dia maior com Cristo pobre e com os pobres" (DP 1140); "aceitar e assumir a causa dos pobres como se estivéssemos aceitando a própria causa de Cristo" (Mens. 3); "re-

conhecer os rostos sofredores de Cristo" (DP 31) nos rostos concretos dos pobres da nossa realidade.

A própria apresentação da vida de Jesus não deve esquecer sua vida pobre (DP 190, 584), sua comunhão com as angústias e esperanças do seu povo (DP 176), e o fato de que não "rejeitou viver até a morte com os mais postergados" (DP 316) para realizar o plano salvífico do Pai que culmina com a sua gloriosa ressurreição, a partir da qual todos, homens e mulheres, começarão a viver da nova criação inaugurada pelo Senhor da Glória.

Esta opção exigiu um redimensionamento e um novo enfoque dos aspectos mais evidentes de todas as formas de vida religiosa. Tais aspectos são: o seguimento de Jesus Cristo, a redescoberta da Palavra de Deus, a inserção no meio do povo, a experiência de Deus e a vida de oração.

É evidente que estes elementos nunca poderão apresentar a plena riqueza da vida religiosa vivida na ótica da opção pelos pobres, mas a caracterizam na totalidade da vida cristã.

1. O SEGUIMENTO DE JESUS CRISTO

Os bispos reunidos em Puebla afirmam: "O serviço aos pobres é a medida privilegiada e não excludente do nosso seguimento e do nosso serviço a Jesus Cristo" (DP 1145).

Toda a vida cristã tem uma relação íntima com o projeto de vida de Jesus. A vida religiosa é chamada a viver esta relação com seu modo próprio que implica partilhar da vida e do mistério de Jesus, numa ligação pessoal com ele ou no seguimento dele.

Em parte alguma a partilha do caminho de Jesus recebe um conteúdo tão profundo, como na relação entre a pessoa de fé e Jesus. Na medida em que o cristão, homem e mulher, toma consciência de estar penetrando no viver, no agir e no pensar de Jesus, coloca-se em harmonia com ele, e toda a sua vida entra em consonância com a vida de Jesus.

O seguimento cresce até a identificação, em que a vida de Jesus torna-se o princípio da vida cristã. Pode-se sublinhar dois elementos que compõem a experiência cristã como seguimento de Jesus.

O primeiro elemento é que esta experiência começa sempre de uma história concreta, aquela que o Cristo viveu. O segundo é a tomada de consciência de que, no caminho percorrido por Jesus, há um momento central, o mistério pascal, de onde é necessário partir se se quer realmente compreender o mistério de Jesus Cristo e encarná-lo na própria vida.

Esta trajetória de Jesus explica a novidade do Reino de Deus do modo como ele a trouxe, e sobretudo nos faz participar da realidade de sua vida doada por todos na cruz em vista da plenitude de sua glória.

Desta participação à vida e ao mistério de Jesus Cristo nasce a missão da vida religiosa. Para responder a este chamado a religiosa, o religioso recebem de Deus a comunicação do verdadeiro conhecimento e da verdadeira vida, conforme as palavras de Jesus:

"Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer" (Jo 15, 15).

A missão da vida religiosa é prolongar conscientemente a atuação salvífica de Cristo para a qual se torna necessária uma comunhão profunda da religiosa, do religioso aos sentimentos de Cristo. Paulo deixou as formulações mais incisivas sobre este ponto:

"Pois a caridade de Cristo nos compele, quando consideramos que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram. Ora, ele morreu por todos a fim de que aqueles que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles" (2Cor 14-15).

Tal missão se insere na vida do povo de Deus que forma a Igreja cujo ministério apostólico vai muito além de uma transmissão da mensagem cristã, objeto de uma proclamação ao mundo inteiro. Mas tal missão implica uma con-formação à consciência redentora de Cristo e à participação no ministério de seu sofrimento para chegar à participação de sua vida gloriosa.

2. A REDESCOBERTA DA PALAVRA DE DEUS

A redescoberta da Bíblia constitui uma fonte de renovação espiritual e missionária da vida religiosa e o eixo a partir do qual a prática pastoral da religiosa, do religioso encontra resposta à crescente sede do povo pela Palavra de Deus, a prioridade da evangelização, que é o anúncio da Boa Nova, da catequese bíblica e da celebração litúrgica (cf. DP 150).

Na perspectiva da nova evangelização pedida pelo santo Padre, a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), lança o Projeto "Tua Palavra é Vida" para toda a vida religiosa como principal subsídio de leitura-oração-estudo comunitário e pessoal da Palavra de Deus em resposta ao pedido feito pelos Superiores e Superioras Maiores na XV Assembléia Geral.

Tal Projeto está levando à vida religiosa do Brasil e pode-se dizer do Continente um santo e apaixonado entusiasmo pela atualização e encarnação do significado profundo da Palavra de Deus lida e interpretada dentro da fé da Igreja (DP 372). Ao reaprender a ler a Bíblia rezando a vida, a religiosa, o religioso retomam nas condições de hoje a melhor tradição da VR na Igreja.

A redescoberta da Palavra de Deus constitui a espinha dorsal da espiritualidade e da missão da vida religiosa cuja evolução interna exigiu-lhe a leitura orante da Bíblia: lida, meditada, rezada, contemplada.

O movimento bíblico criado pelos inúmeros grupos que se reúnem em torno da Bíblia para rezar e encontrar luz e força para responder aos apelos da realidade, espalhados por todo o país (cf. DP 981), é o novo método adotado pela vida religiosa no processo da evangelização dos nossos povos.

A Sagrada Escritura torna-se assim o centro da vida, da espiritualidade e da missão profética da vida religiosa no Brasil e no Continente.

3. A INSERÇÃO NO MEIO DO POVO

Desde a opção pelos pobres que tem como motivação de fundo o seguimento de Jesus Cristo, a missão da vida religiosa na Igreja, na Sociedade, no Mundo, e a urgente necessidade de penetrar na inspiração originária do carisma fundacional com vistas a uma atualização do mesmo como serviço aos mais pobres e marginalizados, toda a vida religiosa passou a criar uma nova forma de ser e de atuar.

Uma das formas que melhor vem respondendo à interpelação dos pobres em nosso Continente são as comunidades religiosas inseridas no meio do povo, com seu testemunho de fraternidade profética, de atuação evangelizadora, e que, no conjunto da vida eclesial, têm um lugar definido como experiência de Deus em comunhão de vida com os mais pobres.

Esta não é a única forma válida de vida religiosa, mas a consideramos como uma

forma privilegiada por expressar os valores do evangelhos da vida consagrada de uma maneira particularmente transparente.

Em **nível de vida espiritual,** a vida religiosa se caracteriza por três momentos: o momento da contemplação do rosto de Deus na pessoa do povo pobre. Cristo, que se fez pobre para nos enriquecer, é a chave de leitura através da qual Deus se revela no rosto do pobre; o momento da prática libertadora que se destina ao homem e à mulher de forma integral; e o momento do amor ativo levado às últimas conseqüências (martírio), como primado da caridade perfeita para com Deus e para com o irmão e a irmã mais pobres.

Em **nível de vida comunitária,** a vida religiosa inserida caracteriza-se por relações mais diretas e fraternas, nas quais se valoriza a pessoa humana como tal. Nestas relações interpessoais consideram-se como base humana indispensável para a convivência evangélica a sinceridade, a maturidade e a capacidade de criar laços de amizade profunda numa vida simples, pobre, em sintonia com a vida do povo, aprendendo dele os caminhos da fraternidade, da sororidade e da comunhão.

A vida interna da comunidade inserida no meio do povo pobre é notificada pela sua abertura ao povo, à intercongregacionalidade e ao mundo, pela sua solidariedade e pelo seu pluralismo e finalmente pelo seu testemunho comunitário da vivência dos votos como modo de seguir a Jesus Cristo e pela integração entre oração, vida fraterna e missão.

Em **nível de vida apostólica,** emerge cada vez mais a consciência aguda da inserção da vida consagrada nos meios populares, nos lugares de novas fronteiras "ad intra" e "ad extra", na evangelização das culturas oprimidas e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

A atuação da vida religiosa inserida nestes pontos estratégicos da Igreja, da Sociedade e do Mundo torna-se uma atuação profética: ela descobre o significado transformador do anúncio e da práxis evangélica e vê em tal processo uma manifestação de Deus que se revela no curso da história construída e contada desde os mais pobres e pequenos.

Ao tomar como eixo de articulação a opção pelos pobres na prática evangélica, a vida religiosa inserida, de modo particular a vida religiosa feminina, sempre mais define seu lugar na Igreja, sua missão carismática como Povo de Deus e sua participação como mulher consagrada nos inúmeros movimentos e organizações populares associados às lutas do povo.

Os aspectos da vida consagrada que foram aqui evidenciados são a expressão dos elementos que compõem a vida religiosa como chamado do Senhor para continuar e completar a missão que ele mesmo começou com o anúncio do Reino, atuou com sua obediência ao plano salvífico do Pai e consumou com a doação completa de sua vida na cruz em vista de dar a todos e a todas, pelo seu Espírito, a vida do Cristo Glorioso.

4. A EXPERIÊNCIA DE DEUS

A experiência de Deus feita a partir da história, na qual Deus é experimentado como o Deus da vida que continua a história da salvação na história do nosso povo, e a experiência de Deus feita em Jesus de Nazaré, morto e ressuscitado, presente e atuante com o seu Espírito em cada membro da comunidade e na nossa realidade de opressão e injustiça.

Pelo seu Espírito somos enxertados no Cristo, servo sofredor, e somos unidos sempre mais a ele que atua na história para levar a termo o plano salvífico do Pai. A experiência do Deus trinitário possibilita e abre a vida religiosa a integrar fé-vida e lhe é fonte de discernimento no campo da evangelização (DP 529).

5. A VIDA DE ORAÇÃO

A oração feita a partir da realidade se encarna na vida pessoal e comunitária, torna-se uma atitude permanente da religiosa e do religioso, e é fonte de profetismo autêntico capaz de levar à experiência martirial.

Este tipo de oração é feito não só na comunidade religiosa, mas com o povo e desde o povo, evento que converte a oração da religiosa, do religioso em uma exigência existencial que muda a forma e o conteúdo da mesma, para responder às situações, para adequar-se ao povo, para concordar com a re-interpretação da identidade e do papel da própria vida religiosa.

A oração comunitária feita na comunidade religiosa e com o povo é um ato de louvor a Deus e uma celebração que compromete a vida na medida em que esta oração está conectada com a realidade que se vive. É uma experiência que impulsiona a vida religiosa no sentido de comprometê-la a viver com radicalidade a sua consagração e a sua união com Deus, no Espírito, e a desafia a rezar de maneira diferente.

Para a Sagrada Escritura a experiência de Deus é feita na vida: buscando autenticidade humana, lendo os acontecimentos da história à luz da fé. É esta a experiência de Deus que compromete a vida e a missão da VR, hoje, na América Latina.

A oração litúrgica e a prática sacramental procuram ser vividas com novos enfoques, novas formas e estilos, não só nas comunidades religiosas, mas em contato com o povo e suas expressões religiosas descobrindo nelas a força evangelizadora que trazem dentro de si.

Deve-se reconhecer que se sente de maneira aguda a necessidade de adaptar não só a oração litúrgica, mas toda a liturgia (cf. DP 899), sobretudo a da celebração dos sacramentos de iniciação cristã, às diversas culturas do nosso povo de um modo geral e de modo particular aos jovens, aos pobres e aos grupos afro-brasileiros que são em maior número.

A falta de ministros ordenados tem enriquecido e tem feito desabrochar a criatividade da vida religiosa no campo da oração e da liturgia, de modo especial as comunidades religiosas inseridas no meio do povo, com a criação de celebrações adequadas e próprias para cada acontecimento e festa significativos da comunidade cristã, a realização de encontros de oração e cantos e a organização do culto em torno da Palavra de Deus que une a comunidade cristã (cf. DP 906), renova sua esperança e a faz crescer no amor de Deus, do irmão e da irmã.

Nesta trajetória, a vida religiosa, em seu compromisso pelo Reino de Deus, se inspira na figura de Maria associada a Jesus pobre, já que ela "conheceu a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio" (DP 316), proclamou "que a salvação de Deus está relacionada com a justiça para com os mais pobres" (DP 1144).

Maria é, para a vida religiosa e para toda a Igreja, motivo de alegria e fonte de inspiração, por ser a estrela da Evangelização e a Mãe dos nossos povos (cf. EN 82; DP 168).

Para servir ao Senhor e aos mais pobres, religiosas e religiosos encontram em Maria um modelo de consagração radical a Deus amado sobre todas as coisas, a ela se dirigem no caminho para Cristo e na missão de anunciá-lo a todos (cf. DP 745-746).

A vida religiosa acolhe a Palavra de Deus a exemplo da humilde serva do Senhor e aprende, do seu "fiat", a atenção profunda às moções do Espírito; da sua presença na Igreja nascente, aprende a ser fiel ao chamado do Senhor para a missão; e do seu mistério da assunção, aprende a viver na fé e na esperança de realizar o próprio destino e a fixar o coração e a mente lá onde se encontram os bens eternos.

BIBLIOGRAFIA

A leitura orante da Bíblia/1: "Introdução". Col. Tua Palavra é vida. Ed. Loyola, São Paulo. Publicações CRB, 1990.

BERNARD, Ch. A. **Teologia spirituale.** Testi di teologia – 1. Ediz. Paoline, Roma, 1982.

BINGEMER, M.C.L. "A experiência cristã de Deus como vitória da vida, **Convergência** 178, dez. / 1984, 597-606.

BOFF, C., CUNHA de A.R.I. **Inserção Formação Trabalho.** publicações CRB, 1987.

CLAR, **Vida Religiosa en América Latina a partir de Medellín.** Bogotá, 1976.

DE FREITAS, C., BOFF, C., CALIMAN, C. **Inserção: novo modo de ser da vida religiosa.** Publicações CRB, 1989.

DE FREITAS, C., CALIMAN, C. **Vida Religiosa e nova consciência eclesial.** Caminhada pós-conciliar na América Latina. Publicações CRB, 1988.

MACISE, C. **La vida religiosa del futuro.** Fasc. publicado na **Revista de Espiritualidade** 170, 1984, 59-93. **Ser signos de liberación.** Cuestionamentos de la vida religiosa desde las enseñanzas de San Pablo. Publicações CLAR, 1978.

VAN BAVEL, T. J. **O núcleo da vida religiosa.** Tensão evangélica, impulso da sociedade. Edit. Vozes, Petrópolis, 1978.

VV.AA. **Nova Evangelização e vida religiosa no Brasil.** Publicações CRB/XV/AGO, 1989.

A CRISE DA MODERNIDADE BRASILEIRA E OS DESAFIOS PARA A VIDA RELIGIOSA CONSTRUIR UMA CULTURA DA SOLIDARIEDADE

Pe. Inácio Neutzling, SJ
Curitiba – PR

Importa criar uma cultura da solidariedade, o que implica mudança profunda na própria maneira de o religioso encarar o universo de sua vida. Uma cultura da solidariedade modificará a maneira de os religiosos se relacionarem, usarem e disporem de seus bens materiais e simbólicos.

Analisando a realidade brasileira, dois fatos chamam a atenção. O primeiro é a pauta de discussões da sociedade brasileira e o segundo, o fenômeno da banalização da violência.

A sociedade brasileira, hoje, está aprisionada dentro do círculo de giz da discussão econômica. A agenda da discussão política nacional é predominante, e quase que exclusivamente econômica. O debate gira em torno dos últimos índices de inflação, das taxas de juro, da política cambial, dos resultados da balança comercial, da crise do sistema financeiro. Este debate se amplia para a discussão dos programas de qualidade, da restruturação produtiva, da busca da competitividade.

As últimas eleições presidenciais foram determinadas e definidas pelo Plano de Estabilização Econômica. Fernando Henrique Cardoso foi eleito pelo Plano Real. Esta análise é cada vez mais consensual. Ou seja, ele foi eleito para estabilizar a moeda e acabar com a inflação. A estabilidade da moeda é vista como condição "sine qua non" da salvação nacional e acabar com a inflação como o melhor jeito de aliviar a pobreza.

Os problemas prioritários como desnutrição, a deseducação, o descalabro da saúde, o saneamento básico, a questão da moradia e do transporte público desaparecem como desafios básicos. O aumento do desemprego parece ser algo meramente conjuntural. Basta que a economia volte a crescer para que a questão do desemprego

seja resolvida. A sociedade brasileira cai, assim, na armadilha de considerar as dificuldades econômicas como sendo os seus verdadeiros problemas fins[1]. Por isso ela não reage com mais vigor diante da bilionária ajuda financeira ao sistema financeiro, da apropriação, pelo Tesouro, de recursos do Fundo de Assistência do Trabalhador (FAT) para financiar a diferença de juros no refinanciamento das dívidas agrícolas e do uso de recursos do FAT e FGTS para financiar Estados, a taxas inferiores a de mercado.

Temos aqui um caso típico em que a sociedade é vista e passa a se ver como espelho da economia. Os problemas sociais e aqueles vinculados diretamente à constituição do processo humano deixam de ter uma identidade própria e são apropriados pela realidade única da economia. Há um processo de inversão de valores no qual a sociedade perde a noção do real e a solução para os verdadeiros problemas não são encontrados, pois eles ficam subordinados aos econômicos [2]. É o que o Celso Furtado denomina de "fundamentalismo mercantil". Isto significa, segundo este economista, que vivemos "o apogeu da idéia de que a lei do mercado e sua lógica é a medida de todas as coisas, convertendo-se em 'ética'. Delineia-se a idéia de que o mercado pode ser o cimento de uma sociedade". Trata-se de "uma forma de religião moderna"[3].

O segundo fato é a violência crescente. Um exemplo muito concreto desta violência foram os acontecimentos do Estádio Pacaembu em São Paulo, no domingo, 20 de agosto. As imagens mostradas, à sacie-dade, pela televisão, nos interpelam e questionam. Essa violência gratuita, que faz parte do assim chamado mundo moderno como o estresse, a omnipresença do computador e da globalização da economia, não é o reflexo da desagregação social, da crise da sociedade "onde há um clima de vale-tudo"[4] da competitividade excessiva, enfim, de uma sociedade na qual "a ética da solidariedade foi francamente derrotada pela ética da eficiência?"[5]

Toda esta violência nos relembra as várias chacinas que o Brasil nos últimos anos assistiu: Matupá (MT), Carandiru (SP), Candelária e Vigário Geral (RJ), Corumbiara (RO) e, mais recentemente, Santa Isabel do Ivaí (PR). Lembra-nos também das várias manifestações, nos últimos anos, de pessoas e até de entidades de classe se posicionando a favor da morte de menores de rua para, segundo elas, "livrar a sociedade de futuros assaltantes e seqüestradores".

O cientista político José Augusto de Souza Rodrigues, analisando o medo e o mal-estar na cidade do Rio de Janeiro decorrentes da banalização da violência e da desvalorização da vida, levanta a hipótese de estarmos vivendo "o perigo eminente da fragmentação da ordem jurídica e da própria ordem social causada pela irrupção selvagem e descontrolada da outra cidade, cuja *autopoiesis* se daria a partir de éticas particulares que não se reportam nem à racionalidade formal, nem ao conteúdo normativo da lei"[6].

O que sem dúvida impressiona é a sedução da violência. Para Gilberto Velho, um problema da antropologia, hoje, é analisar o fascínio da violência. Pois "a transgressão e o crime seduzem, por isso são assustadores"[7]. O psicanalista Jurandir Freire Costa aponta para o risco de que acabemos "nos organizando psicologicamente de maneira a ter satisfação e prazer com a violência e com o espetáculo da morte do outro. Em termos técnicos, isso se chama gozar com a destruição"[8].

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS ÉTICO-CULTURAIS DA SOCIEDADE BRASILEIRA

A reflexão sobre estes fatos aponta algumas características ético-culturais da sociedade brasileira.

1. O Evangelho da Competitividade[9]

Uma primeira característica da realidade ético-cultural da sociedade brasileira é a busca da competitividade. Todas as reformas que estamos assistindo no País visam a um grande objetivo: a inserção competitiva do Brasil no mercado internacional. Ela é o fim último que galvaniza todos os esforços dos atores sociais como as empresas, a administração pública, o sistema financeiro, a escola, a universidade, enfim, a nação inteira. A competitividade torna-se o meio para alcançar a salvação nacional. Enfim, "competitividade é a palavra da moda, vale para tudo"[10]. Estamos diante de um verdadeiro evangelho: o evangelho da competitividade.

O evangelho da competitividade se reduz a algumas idéias simples: estamos engajados numa guerra tecnológica, industrial e econômica em escala mundial. O objetivo é sobreviver, não se deixar matar. A sobrevivência passa pela competitividade. Fora dela, não há salvação nem a curto nem a longo prazo; fora dela não há crescimento, bem-estar econômico e social, autonomia e independência política.

A competitividade tem os seus evangelistas, seus teólogos, seus sacerdotes e, evidentemente, os seus fiéis: a opinião pública trabalhada por esse discurso[11].

O evangelho da competitividade sacraliza, primeiramente, o ***princípio da exclusão***. Todo mundo é convidado ao banquete, mas somente um pequeno punhado de indivíduos, de grupos, de regiões ou de países – aqueles capazes de adquirir a graça de serem mais competitivos que os outros – têm efetiva e legitimamente acesso à mesa. A competitividade socializa o fato de que a verdade está do lado do mais forte nos planos tecnológicos, industrial e comercial. Conferindo uma primazia absoluta à excelência, ela legitima a manutenção das desigualdades entre indivíduos, grupos sociais, regiões e países.

Em segundo lugar, a ideologia da competitividade reforça a primazia da ***lógica da guerra*** nas relações entre as empresas, os operadores econômicos, as cidades, os Estados. A visão da economia mundial que ela veicula é extremamente redutiva: as empresas são exércitos se digladiando pela conquista dos mercados e na defesa das posições conquistadas. Seus dirigentes são descritos como estrategistas. Todos os meios são bons neste combate: pesquisa e desenvolvimento, as ajudas do Estado, a especulação financeira, o "dumping" dos preços, as fusões, as aquisições. No *bellum omnium contra omnes*, na célebre fórmula de Hobbes[12], já não existe mais o justo e o injusto, o moral ou o imoral.

Neste clima belicoso, a pressão exercida sobre as pessoas é enorme: estas – ao preço de estresse considerável, do medo do trauma do desemprego e da precarização do trabalho[13] – lutam por sua sobrevida, subordinadas à realização do quadro de tarefas ou às taxas de lucro fixadas pelas empresas[14].

2. O neo-individualismo

Uma segunda característica é o neo-individualismo [15].

A lógica da competitividade, que vai se impondo amplamente nos mais variados setores da vida moderna, implica uma mudança geral das normas e valores coletivos, que tinham vigência em muitas organizações sociais, operárias e outros movimentos, para um individualismo competitivo que se erige em valor central. Este individualismo emerge numa sociedade em que "os ideais coletivos não passam de balela e cada um vive e morre solitário diante de sua imagem no espelho"[16]. "O individualismo torna-se o padrão absoluto de escolha"[17]. A ação coletiva vai se tornando

cada vez mais difícil, pois "a figura do social como centro de troca comunicativa de indivíduos, que reciprocamente transmitem informações e regras de comportamento, baseados nas experiências individuais e coletivamente compartilhadas, tornando-se símbolos de coesão que conferem unidade às diversas formas de consciência, torna-se praticamente inútil. Enfim, o social como princípio da experiência comunitária desapareceu"[18]. O indivíduo é concebido na sua identidade abstraindo das suas relações com os demais. O individualismo exacerbado torna-se a condição necessária para entender as mudanças culturais que estamos vivendo.

A nossa época mudou a hierarquia moralista das finalidades. O prazer tornou-se autônomo com respeito às regras morais. A felicidade subjetiva é a que irriga a maior parte da cultura cotidiana. Edificou-se uma nova civilização, que já não se dedica a vencer o desejo, mas a exarcebá-lo e desculpabilizá-lo: os gozos do presente, o templo do eu, do corpo e da comodidade se converteram na nova Jerusalém dos tempos pós-moralistas[19].

Aqui temos uma característica importante da modernidade. Para a época moderna a pessoa humana é um ser constitutivamente movido pelo prazer. A ordem hierárquica 1- Amor; 2- Desejo; 3- Prazer, é radicalmente invertida. "Essa é, seguramente, uma das heranças mais problemáticas e originárias que a época moderna nos legou. Das mais espinhosas também. Em essência talvez não seja difícil enunciá-la: a do papel constituinte do prazer na estruturação do sujeito" [20].

Assim, vai-se criando e forjando uma hierarquia em que preceitos como justiça social, solidariedade e amor ao próximo são vistos como menores. Ou, então, como princípios idealistas, fantasiosos, ineficientes, puritanos, repressivos, obsoletos, em suma, como conselhos edificantes, do "catecismo dos perdedores"[21].

Enfim, vivemos uma era caracteristicamente individualista que "logrou atrofiar nas próprias consciências a autoridade do ideal altruísta, desculpabilizou o egocentrismo e legitimou o direito de se viver a vida autocentradamente. O espírito de sacrifício, o ideal de preeminência do próximo perdeu credibilidade: mais direitos para nós, nenhuma obrigação de se dedicar aos demais, tal é, em termos abruptos, a fórmula do individualismo cabal"[22].

Condillac, em 1754, formulou de maneira muito pertinente a mudança ético-cultural que vivemos. Para ele, "viver é propriamente gozar, e a vida é mais longa para quem mais sabe multiplicar os objetivos de seu gozo"[23]. A época moderna substitui o conceito de felicidade, central na tradição ético-cultural do Ocidente, pela idéia de uma vida segura e confortável. Esta mudança ético-cultural é atestada por Hobbes. Não é mais para a felicidade que tendem as aspirações das pessoas humanas, mas para a acumulação de instrumentos de poder. A identidade do indivíduo não é mais dada pela participação na política e na cultura da *pólis*. Assim, fazer uma chamada à virtude é exigir um altruísmo que, do ponto de vista do indivíduo do mercado, não é somente inexplicável, mas irracional[24].

Esta mudança ético-cultural apresenta o seguinte desafio: se já não sabemos mais decidir sobre o que é bom e o que é mal, se o ideal coletivo é descartado como fantasia e ficção, quais são então as normas e as referências que podem possibilitar a vida na *pólis*? Contardo Caligaris, psicanalista, analisa como a revista da moda, que parecia, até recentemente, uma exceção editorial, indica as normas éticas e políticas. Pois, "na falta de referências morais compartilhadas — normal em nossa cultura individualista —, ela nos fornece um certo patrimônio de estereótipos estéticos comuns. Não sabendo decidir coletivamente o que é bom e o que é mal, conseguimos

concordar sobre o que é elegante. Para quem pouco quer saber das tradições recebidas, critérios estéticos substituem vantajosamente critérios éticos" [25]. Neste contexto, "o que realmente importa — ou seja, Como devo viver? — se torna uma questão de gosto de preferência pessoal idiossincrática ou, na melhor das hipóteses, de identificação religiosa ou étnica. Atribuir tudo a uma 'pluralidade de compromissos éticos' significa não exigir nada de ninguém e não reconhecer em ninguém o direito de exigir coisa alguma de nós. A suspensão de julgamentos nos condena logicamente à solidão"[26].

3. A ideologia do bem-estar

A ideologia do bem-estar[27] expressa-se de maneira contundente na festejada "modernização". É ela que de certa maneira passa a definir o que é bom e desejável.

Modernizar quer dizer várias coisas. Quer dizer ser neoliberal em economia; ser a favor da privatização de tudo que possa vir a dar lucro; cultuar a tecnologia da informática e das multimídias; ser "liberado" em matéria de sexualidade; adotar o consumo ostentatório como estilo de vida; construir identidades pessoais pela filiação a grupos particularizados por marcas corporais, traços étnicos, convicções religiosas etc.; tornar-se praticante e consumidor das inúmeras tecnologias de bem-estar físico-mental e, por fim, fazer do sucesso na mídia sintoma de auto-realização e da linguagem da publicidade, meio intelectual privilegiado das discussões culturais. Todos estes itens compõem o lado aprovado da nova ideologia moral. Todos recebem o aval da maioria dos brasileiros, que vê, na adesão a este ideário e a este estilo de viver, prova de sua ocidentalização e de sua entrada no "clube do Primeiro Mundo".

O homem médio brasileiro converteu-se à ideologia do bem-estar. Ela se opõe, quase ponto por ponto, à cultura humanista, democrática e pluralista que marcou a civilização ocidental. A ideologia do bem-estar caracteriza-se pelos seguintes traços:

a. É virulentamente **antipolítica.**

Na ideologia do bem-estar, o que conta não é a virtude, é o sucesso. A distinção entre o público e o privado tende a apagar-se em proveito de um outro fenômeno, o da *publicidade*.

O sucesso tornou-se um meio "naturalizado" ou "socializado" de construção da identidade pessoal. A diluição do sujeito na moral do consumo e do mercado faz do sucesso uma das poucas condições de posse da admiração do outro.

Enfim, a perda do interesse pela política está dentro do contexto da "mercificação" e da sacralização do mercado. As pessoas decepcionadas, deixaram de imaginar que a política é basicamente o exercício da imaginação de formas mais justas e melhores de viver. "E quando se desiste da idéia de ter uma vida justa e decente para todos, os pilares da nossa ética começam a perder para o fetiche do mercado"[28].

b. É **particularista** na visão de mundo que propõe a seus crentes e praticantes.

Aqui estamos diante de algo fundamental que caracteriza, como o mostrou o antropólogo L. Dumont [29], a modernidade. A primazia e a importância das relações entre as pessoas é substituída pelas relações entre as pessoas e as coisas. Mais ainda: as relações entre as pessoas são subordinadas às relações destas com as coisas. Ou seja, a primazia da relação homem/coisa sobre a relação homem/homem, característica da ideologia econômica moderna, tomou conta dos sinais da vida cotidiana.

Isto fica mais claro no fenômeno da violência urbana. Os delinqüentes de pés descalços não hesitam em tirar a vida de

quem quer que seja para apropriar-se de objetos de ostentação. O outro, o despossuído de bens, nada vale por si. A indiferença recíproca das classes sociais na cultura urbana brasileira é espantosa e feroz. Quem mata entende que a vítima só vale pelo que possuía como objetos de consumo ostentatório; quem morre mal sabe que só valia pelos objetos que possuía, como lhe ensinaram a acreditar[30].

Enfim, "a quantidade passa a ser a medida da existência. Todas as diferenças são diferenças puramente quantitativas. E o indivíduo, privado de qualidade, passa a ser submetido à contingência do ilimitado desejo de posse e do narcisismo do objeto. O desejo fica à deriva. Nada mais o limita"[31].

c. É determinista e autoritária em seus princípios éticos.

A ideologia do bem-estar é determinista porque tende a buscar, cada vez mais, em fatos, coisas ou eventos descritos como materiais, as justificativas das intenções éticas. Com ou sem propósitos cínicos, tomar princípios éticos gerais como fundamento de ações éticas particulares é visto e tido como idealismo.

A ideologia do bem-estar é porta aberta para o autoritarismo. Não há como justificar direitos humanos iguais para seres humanos naturalmente diferentes se não estipulamos que desigualdades naturais não podem ser justificativa para desigualdades morais. As formas de poder e de fenômenos de dominação no que se refere, por exemplo, à questão do conhecimento, da informação, e que podemos qualificar de "novas barbáries" têm aqui o seu fundamento ontológico[32].

A VIDA RELIGIOSA: A OUSADIA DE SABER SER CONTRACULTURAL

Vivemos uma época de grandes mudanças. Um livro clássico para entender a época moderna intitula-se *A Grande Transformação*[33]. Em que consiste a grande transformação que estamos vivendo? Ela consiste, de um lado, na revolução contínua dos instrumentos de produção, das relações de produção, na própria produção. A inovação contínua é uma característica fundamental desta grande transformação. De outro lado, ela implica uma grande transformação no campo ético cultural. As relações sociais são constantemente abaladas. "Todas as relações fixas e cristalizadas, com seu séquito de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem. Tudo o que é sólido e estável se volatiza, tudo o que é sagrado é profanado"[34]. Assim, "ser moderno é estar num meio ambiente que promove aventuras, poder, desfrute, desenvolvimento, progresso, inovação contínua, enfim contínuas transformações próprias e do mundo, mas que, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo o que possuímos, sabemos e, até, somos"[35]. Nós vivemos nesta contradição. Qual tem sido o posicionamento da Vida Religiosa diante desta grande transformação?

J.B. Libanio aponta alguns cenários abertos para a Vida Religiosa diante dos desafios que emergem da grande transformação[36].

a. O cenário da rendição

Sob o nome de pluralismo, liberdade, espontaneidade, tolerância, a Vida Religiosa embarcaria totalmente no movimento atual de deixar-se, de um lado, conformar-se pelas leis imperantes do sistema, e, de outro, reagiria a ele no sentido de assumir as tendências culturais da pós-modernidade e até mesmo sendo tocada por cortes da Nova Era.

Deste cenário, emerge uma Vida Religiosa desvertebrada, plural, entregue às

subjetividades individuais, incapaz de ousar evangelicamente no sentido de forjar "ações contraculturais". Pois, "é bem possível que se os religiosos se deixam assimilar totalmente pela cultura da nova burguesia, não terão muita força de atração sobre a juventude da própria classe média e ficarão cortados do mundo dos marginalizados"[37].

b. O cenário de negociação

Trata-se de um cenário menos radical que o anterior. Aqui se busca barganhar com as tendências da grande transformação, num jogo "toma lá, dou cá". É a clássica política tradicional, vulgarmente chamada de "mineira". Se vale para o mundo da política tradicional, reflete uma Vida Religiosa sem clareza, sem identidade, que visa simplesmente acomodar-se à nova situação. Como os limites daquilo do que se abre mão e do que se aceita não são decididos a não ser dentro do jogo de forças e freqüentemente fora de critérios éticos ou religiosos, esse cenário significa também uma capitulação inaceitável da Vida Religiosa.

c. O cenário de entrincheiramento defensivo e ofensivo

Ambos participam da mesma atitude de fechamento diante das correntes atuais. Um simplesmente tranca-se na sua posição, *defendendo-se* por todos os meios da entrada das correntes atuais da grande transformação na Vida Religiosa. Trata-se de um posicionamento fadado ao fracasso nas comunidades inseridas no mundo moderno e os religiosos necessariamente terminarão influenciados por eles. Um entrincheiramento aguerrido e ofensivo tem chance em pequenos grupos fanáticos que se alimentam precisamente do combate.

d. O cenário da posição crítico-construtiva

É o único promissor. Aqui a Vida Religiosa busca conjugar constantemente a clareza sobre os valores fundamentais e identificadores que lhe são inerentes, através de uma autocrítica provocada pelas novas realidades e por uma posição de liberdade criativa diante das provocações destas mesmas realidades. Neste cenário os(as) religiosos(as) aceitam o desafio de articular a identidade com a alteridade. Não se renuncia à identidade da Vida Religiosa nem se fecha à alteridade da situação. Mais. A identidade não é concebida como algo fixo, dado a priori, mas crítico-construtivamente em relação à história passada e diante da novidade do presente. Ou seja, cabe aos religiosos(as) discernir: ora serão culturais, ora serão contraculturais.

A CRIAÇÃO DE UMA CULTURA DA SOLIDARIEDADE

A sociedade moderna realizou muitas das suas promessas. E as realizou, muitas vezes, em excesso. O exemplo mais evidente é a revolução tecnológica[38]. Ao mesmo tempo, foi irremediavelmente incapaz de cumprir outras. Se por um lado acertou por excesso, por outro, fracassou rotundamente[39]. O seu fracasso provoca um vazio tão global, que não pode ser preenchido no contexto da modernidade. São, precisamente, os seus excessos e o seu déficit irreparável que "constituem a nossa contemporaneidade e é deles que temos de partir para imaginar o futuro e criar as necessidades radicais cuja satisfação o tornarão diferentes e melhor que o presente"[40].

O maior déficit da modernidade está, sem dúvida, no seu fracasso em construir uma maior igualdade entre as pessoas. A fraternidade e a solidariedade desapareceram do horizonte da modernidade como algo impossível de ser realizado. Estes ideais tornaram-se para a sociedade moderna uma irrealidade e uma fantasia.

Qual é a contribuição que podemos dar no sentido de criar as necessidades radi-

cais cuja satisfação tornarão o futuro da sociedade diferente e melhor que o presente? Enfim, qual é a contribuição que a Vida Religiosa pode dar na construção da fraternidade e da solidariedade, hoje?

a. O desejável e o possível

Cada vez estamos mais conscientes do excesso das promessas que a modernidade realizou. Nunca se teve tantos bens à disposição. Nunca houve tanta riqueza. Nunca na história da humanidade se pôde dispor de tantos recursos técnico-científicos. Ou seja, cada vez mais o que desejamos é possível de ser realizado. Firma-se, assim o princípio: se tecnologicamente é possível, faça-se!

No entanto, juntamente com a consciência do excesso das realizações da modernidade, estamos conscientes do déficit do cumprimento das suas promessas. Nunca houve tanta desigualdade. Nunca se torturou e matou tanta gente como neste século. Pela primeira vez na história da humanidade vencemos a escassez objetiva. Mas, no entanto, todos os anos, dezesseis milhões de seres humanos morrem de fome ou de doenças diretamente ligadas à fome[41].

A partir do déficit da modernidade precisamos aprender, negativamente, que nem tudo o que é possível é desejável. E, positivamente, precisamos aprender a desejar o que parece impossível para a sociedade moderna.

Isto significa:

- Manter vivo o ideal da igualdade numa sociedade que parece ter renunciado a realizar este sonho. As desigualdades entre as pessoas são consideradas como naturais e por isso são consideradas, além de não-eliminâveis, úteis para o melhoramento da sociedade. O desafio é criar um consenso em cima do ideal da igualdade. Afirmar a igualdade fundamental de todas as pessoas, apesar das desigualdades existentes, constitui-se, hoje, no desafio maior[42]. Enfim, trata-se de apostar na possibilidade de construir uma sociedade humana a partir do princípio da solidariedade-comunidade e não a partir do princípio da guerra de todos contra todos.
- Contribuir na afirmação radical e contundente do valor da vida: defender, promover e garantir a vida plena para todas as pessoas e para todos os seres vivos, contra a cultura da morte[43]. Enfim, "bom é tudo o que conserva e promove todos os seres, especialmente os vivos e, dentre os vivos, os mais fracos; mau é tudo o que prejudica, diminui e faz desaparecer os seres"[44].
- Insistir no reconhecimento da igual dignidade fundamental da pessoa humana. O imperativo que se apresenta para nós hoje é: Não toque! Isto é humano![45] Nunca a pessoa humana pode ser reduzida a uma mera mercadoria, um objeto que se usa, uma coisa[46]. É preciso constantemente estar vigiando e ser capaz de intervir em favor do humano sempre quando este é ameaçado ou chutado para escanteio. Não tergiversar e nunca cansar na defesa do humano. "Reconhecer o outro como humano é um exercício do dia-a-dia. É o pai que diz, a professora que ensina e o padre que prega"[47].
- Afirmar a dignidade do outro é apostar desde já na radicalização da democracia. Radicalizar a democracia significa apostar na capacidade das pessoas de serem construtoras do conjunto da vida social. Esta aposta é a expressão de uma fé, de uma convicção profunda: o credo de uma sociedade de homens e mulheres livres e iguais[48].

Das comunidades cristãs e da Vida Religiosa em particular cabe esperar, além do seu empenho pela mudança da realidade, o gesto que provoque a consciência de

que o que existe não deve prosseguir existindo e que é factível uma outra situação, mais humana. Quais seriam os gestos capazes de sacudir a modorra de nossa sociedade e de nossa vida cristã? Como provocar simbolicamente a sociedade hoje para que seja capaz de vivenciar valores como a solidariedade e a partilha?

b. Um novo estilo de vida

Estamos diante de um desafio enorme: ou aceitamos este estilo de vida produtivo-consumista, caracterizado pela "compulsão do consumo" ou, a partir da crítica a este, nos empenhamos por uma revolução qualitativa.

A não-aceitação do estilo de vida produtivo-consumista passa pela necessidade da crítica radical à compreensão da liberdade como direito individual de acesso ao mercado de bens e serviços, visando ampliar de forma desvairada o nível de consumo, meta central do processo civilizatório. Pois na nossa sociedade, o critério para medir a performance da vida social e econômica é o consumo[49]. O desafio é criar um consenso sobre a necessidade e a urgência da aceitação do que J. Habermas chama de uma "autolimitação inteligente". A autolimitação inteligente implica pensar um novo tipo de sociedade onde se pode viver e trabalhar melhor, consumindo menos e de maneira diferente. Onde muitas necessidades podem ser mais bem satisfeitas por uma quantidade menor de produtos, melhores, mais duráveis e eco-socialmente mais racionais[50]. Enfim, não é desejável, ainda que tecnicamente possível, definir a **qualidade de vida** pelo **nível de consumo**[51].

Como testemunhar que se pode ser feliz vivendo uma cultura *da gratuidade*, uma cultura da moderação que possibilite uma repartição dos bens mais igualitária e justa para todos os seres humanos e que favoreça melhores condições de realização humana[52]?

Os gestos proféticos não se programam como operação de marketing. Mas não estaria na hora de nos perguntarmos acerca de que estilo de vida seria mais interpelante para a sociedade brasileira? Seguramente que isto nos faria viver mais atentos à função simbólica da vida mesma. Enfim, precisamos de experimentos exemplares, controlados e que sirvam como testemunho e estímulo. É preciso conjugar o profético e o pragmático; o provocativo com o realmente realizável. "A humanidade está buscando ansiosamente um modelo alternativo de sociedade. Essa busca não pode ser teórica. Precisa de sinais concretos. Precisa de movimentos precursores"[53].

Desta urgência emergem algumas interpelações para a Vida Religiosa: "Podemos aceitar com facilidade toda novidade que provém do mundo capitalista, confiando nas regras do mercado e pensando que fora dele não há nenhuma saída alternativa?"[54]. "Como compatibilizar a crescente necessidade de dinheiro com as finalidades da vida religiosa? É possível viver uma vida religiosa e ao mesmo tempo viver procurando cada vez mais dinheiro, embora com um fim santo? Podemos ter certeza de que os meios técnicos não contaminam os fins, ou desviam de certos fins? Não haverá nos próprios meios certos fins implícitos? Pode-se consumir cada vez mais meios técnicos sem adotar uma ideologia consumista?"[55]

Parece ser cada vez mais forte a interpelação, hoje, para que a Vida Religiosa "no seu modo de viver seja sinal de outra sociedade. Que sua vida seja um protesto contra a sociedade nova que se está implantando nas cidades atuais e o anúncio de outra sociedade"[56].

Para isto é cada vez mais "necessário avançar na valorização da gratuidade da presença e na utilização de meios fracos, caminho próprio da vida religiosa"[57]. Cada vez mais somos chamados a uma revisão radical do modelo econômico consumista,

pois "a sobriedade na vida pessoal, comunitária e nas obras representa a única atitude coerente com a nossa opção de vida"[58].

c. As Pessoas e as Coisas

A ciência moderna nos fez sentir à vontade com as coisas. Mas perdemos a capacidade de nos sentir à vontade e bem com as pessoas.

Em nome da objetividade, a representação foi supervalorizada. A representação cria distância. Quanto maior a distância mais objetivo se torna o conhecimento. Um exemplo deste processo é a informática. A mediação interpessoal e os códigos de comportamento baseados no contato, na proximidade humana são cada vez mais abolidos. A extrema abstração se articula com o extremo materialismo. "Cada um é interlocutor de si próprio por intermédio da 'máquina pensante' que torna disponível, aparentemente, todo o mundo externo adaptado às exigências individuais." Esta é a forma de estar junto de uma sociedade reduzida a pedaços. É a conexão de uma sociedade sem sociabilidade[59]. A sociedade pós-industrial cada vez mais desenvolve "um solilóquio consigo mesmo pela imagem eletrônica"[60]. A inovação tecnológica capaz de realizar a utopia do cibersexo é um outro exemplo deste processo. Cada parceiro, separado geograficamente, usaria equipamentos compatíveis, onde quem precisa ser compatível é a máquina, não o casal[61].

Ou seja, "o conceito de virtual é uma realidade inescapável e pode ser aplicado em qualquer atividade". A realidade virtual transporta as pessoas para qualquer lugar, seja para um supermercado seja para a África do Sul. As pessoas, sem sair de casa, manterão contatos pessoais, viajar de maneira interativa e através de uma tela de computador[62]. Passamos não só a ver e a entender à distância, mas a tocar e a sentir à distância. É a perspectiva táctil propiciada pelo telecontato, pela imagem virtual. Ou seja, como a bomba atômica, a segunda bomba (Einstein), a bomba informática causa uma desintegração, não somente das partículas da matéria física, mas das pessoas que compõem nossas sociedades[63].

Desta realidade emerge o imperativo: estar próximo é mais importante do que ser real[64]. Mais do que nunca hoje se faz necessário privilegiar o próximo em detrimento do real.

Diante da crise e da inclemência social, somos chamados a recuperar a capacidade de se compadecer com as multidões e a maximizar a solidariedade. Esta é, hoje, uma forma de opção moral e de aposta de humanização.

Para a Vida Religiosa isto implica recuperar a capacidade de, tendo os mesmos sentimentos de Jesus, ver a situação das multidões e mover-se de compaixão (cf. Mt 9, 35-36). Aliás, o Sumo Sacerdote, segundo a Carta aos Hebreus, "não se envergonha de os chamar de irmãos (os mais pequeninos - Mt 25,40-45) já que ele tornou-se tão próximo deles que participa da sua mesma condição. Por isso o Sumo Sacerdote tornou-se capaz de misericórdia e de socorrer os que são necessitados (cf. Hb 2, 11. 17-18).

Somos chamados hoje a trabalhar mais na nossa espiritualidade e teologia o "princípio misericórdia". "Parafraseando a Escritura, poderíamos dizer que, se no princípio absoluto-divino 'está a palavra' (Jo 1,1) e através dela surgiu a criação (Gn 1,1), no princípio absoluto histórico-salvífico está a misericórdia, e esta se mantém constante no processo salvífico de Deus. Elevar a princípio esta misericórdia pode parecer um mínimo; mas, segundo Jesus, sem ela não há humanidade nem divindade e, como todos os mínimos, é um verdadeiro máximo. O importante é que esse mínimo-máximo é o primeiro e último: não existe nada anterior à misericórdia para

motivá-la, nem existe nada mais além dela para relativizá-la ou recusá-la. Misericórdia é, portanto, o primeiro e o último; não é simplesmente o exercício categorial das chamadas 'obras de misericórdia', embora possa e deva se expressar também nestas. É algo mais radical: é uma atitude fundamental perante o sofrimento alheio, em virtude da qual se reage para erradicá-lo, pela única razão diante do não-dever-ser do sofrimento alheio, se decide, sem escapatória possível, o próprio ser"[65].

O Evangelho de Jesus, prioritariamente, "não é palavra, nem ensino, mas 'sinal', quer dizer, é solidariedade, respeito aos outros, comunhão, partilha, pão distribuído, vista recuperada etc. São os milagres, que devem ser interpretados como gestos poderosos (nesse caso o poder está na fraqueza de entregar-se aos outros) de Jesus para fazer brotar a vida e para instaurar relações mais humanas, mostrando sua práxis de misericórdia. Encontramos aqui o caminho fundamental da evangelização dos excluídos do nosso tempo. Ter compaixão, ter solidariedade para com a dor do outro é o passo inicial, mas determinante, talvez o mais importante e, muitas vezes, o único que a Vida Religiosa deveria realizar"[66].

Enfim, o desafio para os cristãos e especialmente para a Vida Religiosa é mobilizar os seus princípios e permitir que possam emergir as suas energias solidárias. Somos chamados a investir na formulação de ideais consistentes, não permitindo que a racionalidade instrumental substitua a racionalidade ético-dialógica que emerge da interpelação do rosto do outro, do próximo.

Ou seja, "importa criar uma **cultura da solidariedade**. Cultura significa modo de pensar, de viver, de sentir, de relacionar-se, de valorar, de interpretar as regras do jogo humano. Desenvolver na Vida Religiosa a cultura da solidariedade implica mudança profunda na própria maneira de o religioso encarar o universo de sua vida. Adquire nova sensibilidade diante do excluído. Isso não se alcança sem o jogo da prática e da consciência, do fazer e do sentir, do pensar e do amar. Uma cultura da solidariedade, mais que simples campanha, modificará a maneira de os religiosos relacionarem-se, de perceberem, de usarem, de disporem de seus bens materiais e simbólicos"[67].

Enfim, "particularmente, diante dos excluídos, habituados a ouvir palavras bonitas e promessas que não se cumprem, parece absolutamente necessário priorizar o **"testemunho silencioso de solidariedade"** e o empenho pela libertação" [68].

d. *Vigilantes e Defensores do Mistério*

A caída da polaridade ideológica e o descrédito das ideologias — o que a pós-modernidade chama de grandes relatos — propiciou, como apontamos acima, uma sorte de relativismo de valores e visões, uma certa fluidificação do sentido. O resultado se faz sentir em formas de trivialização em que se exalta o efêmero e a vinculação temporal converte o sentido da vida numa moda. Por outra parte, a busca compulsiva de segurança propicia atitudes fundamentalistas.

Será que não é necessário, sobretudo, que contribuamos para o cultivo do espírito crítico, suficientemente enraizado na experiência, para deixar no plano da seriedade penúltima tudo o que surge das interpretações e dos projetos humanos? Será que não nos cabe a função de dar sentido e profundidade à vida colocada a serviço do outro e retomar o sentido de adorar o verdadeiro Deus? Será que estamos suficientemente vigilantes e atentos na defesa do Mistério ante a poderosa religiosidade que abrange a todas as classes sociais, que está no fundo da dinâmica quantitativa e

funcional do nosso mundo formando o substrato legitimador do seu "progresso" e "eficácia": a religião do consumo? Como ter a ousadia, numa sociedade como a nossa, de afirmar e testemunhar que os propósitos do Todo-Poderoso, para usar a linguagem de um estudioso leigo, não coincidem necessariamente com nossos propósitos puramente humanos, ou seja, de que o mundo não foi feito para a nossa convivência pessoal"?[69] Parafraseando K. Barth, é preciso ter clareza e não titubear: "colocar as mãos sobre Deus: jamais"[70].

Enfim, cabe aos religiosos e religiosas serem vigilantes e defensores (as) do Mistério, aprofundando o seu olhar e afinando a sua percepção para detectar as práticas e as propostas, seculares e religiosas, que comerciam com os deuses para poder, assim, como o testemunho e com a agudeza iconoclasta destruir qualquer pretensão de identificação banal ou idolátrica e com sutileza, persistência e pedagogia, arrancar grande parte da população das redes deste culto.

PARA CONCLUIR

Mais do que nunca temos a tarefa de, a partir da fragmentação da vida moderna, contribuir na reconstrução de um arquipélago de racionalidades locais, nem mínimas, nem máximas, mas tão só adequadas às necessidades locais, quer existentes quer potenciais, e na medida em que elas forem democraticamente formuladas pelas comunidades interpretativas.

Diante do desmantelamento dos monopólios de interpretação, que redundam em milhões de renúncias à interpretação, devemos apostar na criação de milhares de comunidades interpretativas. Ou seja, ousar, contra o saber, criar saberes e, contra os saberes, contra-saberes[71].

A irracionalidade global só pode ser combatida localmente. Quanto mais global é o problema mais locais e mais multiplamente locais devem ser as soluções. Soluções movediças mas radicais no seu localismo. Esta é nossa debilidade. Esta a nossa potencialidade.

NOTAS

1. Betinho, comentando a declaração de Fernando Henrique Cardoso, segundo a qual combater a inflação é a melhor maneira de aliviar a pobreza e que o Plano Real foi o maior esforço de distribuição de renda que o Brasil já fez, disse: "Essa é a lógica dos economistas que acham tudo ótimo e que todos os problemas foram resolvidos. Enquanto o país for refém desse raciocínio, estamos fritos" – **Folha de São Paulo,** 17-09-95, 1-4; **Le Monde Diplomatique** publicou recentemente uma análise do primeiro ano do governo FHC intitulado "Pletora de reformas, Manutenção das Desigualdades". No artigo "O amargo remédio do doutor Cardoso", Jean Ziegler afirma que Fernando Henrique foi "sagrado" como "campeão do liberalismo" pelo presidente dos EUA, Bill Clinton, quando da sua visita à Casa Branca em abril de 1995" **Le Monde Diplomatique**, Décembre 1995, p. 23.
2. Cf. BUARQUE, Cristóvam, **A Desordem do Progresso,** O fim da era dos economistas e a construção do futuro, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1990, p. 84.
3. Entrevista de Celso Furtado a Carlos Mallorquín - **Novos Estudos,** 41, 1995, p. 109.
4. Maurício MURAD, "A Regra é não ter regra", **Jornal do Brasil**, Caderno B, 27-08-95, p. 7. Este clima de vale-tudo se expressa nos resultados da pesquisa sobre a atuação do juiz peruano que classificou o Brasil para a semifinal da Copa América. Um de cada três pesquisados deu nota dez para o juiz. A maioria, portanto, parece partilhar a tese de que "roubado é mais gostoso". Cf. Clóvis Rossi, "Meu Brasil Inzoneiro", **Folha de São Paulo,** 21-07-95, 1-2.
5. BELLUZO, Luiz Gonzaga, "A Política da Globalização", **Folha de São Paulo,** 10-09-05, 2-5.
6. RODRIGUES, José Augusto de Souza, "Metáforas da Desordem", **Proposta, nº** 66/1995, p. 23; A Revista **Proposta**, editada pela FASE, dedica todo este número sobre a cultura da violência.
7. **Jornal do Brasil**, Caderno B, 27-08-95, p.7.
8. COSTA, Jurandir Freire, "O Gozo com a Destruição", **Jornal do Brasil,** 12 de março de 1995, p. 13. Vários filmes recentes têm abordado esta técnica com muito realismo. Basta citar A Lista de Schindler e Pulp Fiction – Tempos de Violência, entre outros.

9. PETRELLA, Riccardo, "L'évangile de la Compétitivité", **Le Monde Diplomatique** septembre, 1991, p. 32.
10. Clóvis Rossi, "A lógica animal", **Folha de São Paulo**, 23-08-95, 1-2. O jornalista procura explicar a violência no país a partir da busca em excesso da competitividade.
11. Esta análise de R. Petrella é compartilhada no Brasil por BUARQUE, Cristóvam, "O pensamento em um mundo Terceiro Mundo", In: BURSZTYN, M. (org.), **PENSAR O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1993, p. 79. "Os economistas transformam-se, assim, em uma espécie de doutores de uma Igreja, com a função de elaborar as argumentações que justificam os dogmas vigentes" – BUARQUE, C., **A desordem do Progresso,** op. cit. p. 90.
12. De Cive, Prefácio; Leviathan, Editions Sirey, Paris, 1971, p. 124.
13. Segundo a opinião do consultor internacional Massao Umeda, "entre os países do mundo, o Brasil talvez seja o que mais gera estresse nos trabalhadores devido à tentativa de aplicar, a intervalos muito curtos, a Qualidade Total", **Gazeta Mercantil** 15-08-95, C-8. Para entender melhor o impacto do desemprego sobre os trabalhadores (as), como o estresse, a fadiga mental, os suicídios (por exemplo, entre bancários, no ano de 1995), fenômeno conhecido no Japão como Karoshi, cf. CEPAT Informa, **O Mundo do Trabalho na América Latina, no Brasil e no Paraná**, Síntese Informativa, Curitiba, 1995, pp. 13-17.
14. Para entender melhor as grandes mudanças que a busca da competitividade e produtividade estão provocando no mundo do trabalho, cf. KREIN, Dari – NEUTZLING, Inácio, Reestruturação Produtiva. As Principais Características, CEPAT, Curitiba, 1995.
15. O conceito é trabalhado por LIPOVETSKY, Gilles, **El Crepúsculo del Deber**. La ética indolora de los nuevos tiempos democráticos, Ed. Anagrama, Barcelona, 1994.
16. FRIAS FILHO, Otávio, "Lesbian Chic", Folha de São Paulo, 5-10-95, 1-2.
17. BARCELLONA, Pietro, **O Egoísmo Maduro e a Insensatez do Capital**, Ed. Ícone, São Paulo, 1995, p. 18. Cf. também HARVEY, David, **A condição Pós-Moderna**, Ed. Loyola, São Paulo, 1992, p. 161.
18. BARCELLONA, Pietro, op. cit.
19. LIPOVETZKY, Gilles, op. cit. p. 50.
20. MONZANI, Luiz Roberto, **Desejo e Prazer na Idade Moderna**, Editora da Unicamp, 1995, p. 215.
21. COSTA, Jurandir Freire, **A Ética e o Espelho da Cultura**, Ed. Rocco, Rio de Janeiro, 1994, p. 42.
22. LIPOVETSKY, Gilles, op. cit. p. 131.
23. Traté des Sensations, cit em: MONZANI, Luiz Roberto, op. cit, p. 215.
24. Cf. ANGEHRN, Emil, "Métaphysique et Politique chez Thomas Hobbes", Revue de Théologie et de Philosophie, 119.1987, pp. 51-66. POOLE, Ross, Moralidad y Modernidad. El Porvenir de la Ética, Herder, Barcelona, 1993, pp. 28-35.
25. CALIGARIS, Contardo, "O Caleidoscópio do Consumo", MAIS – **Folha de São Paulo**, 26-11-95, 5-15.
26. LASCH, Christopher, **A Rebelião das Elites e a Tradição da Democracia,** Ediouro, Rio de Janeiro, 1995, p. 105.
27. Aqui seguimos a reflexão de COSTA, Jurandir Freire, **A Ética e o Espelho da Cultura,** op. cit. pp. 42-50.
28. COSTA, Jurandir Freire, "O Gozo com a Destruição", **Jornal do Brasil**, 12 de março de 1995, p. 13.
29. DUMONT, L., **Homo aequalis**, Genèse et épanouissement de l'idéologie économique, Gallimard, 1977.
30. COSTA, Jurandir Freire, "O Gozo com a Destruição", **Jornal do Brasil**, 12 de março de 1995, p. 13.
31. BARCELLONA, Pietro, op. cit, p. 18.
32. Cf. PETRELLA, Ricardo, "Le Retour des Conquérants", **Le Monde Diplomatique,** mai 1995, p. 20; Tarso GENRO, "A Missão Impossível", **Folha de São Paulo**, 7-10-94, 1-3; Tarso, GENRO, "Um Projeto para um Programa", **Folha de São Paulo**, 11-11-94, pp. 1-3; Anita NOVINSKY, "Desafio maior é preservar a humanidade", **estado de São Paulo**, 5-3-95, D-6.
33. POLANYI, Karl, **A Grande Transformação.** As origens da nossa época, Campus, Rio de Janeiro, 1980.
34. MARX, Karl – ENGELS, Friedrich, **Manifesto do Partido Comunista,** Vozes, Petrópolis, 1988, p. 69.
35. BERMAN, M., **Tudo o que é sólido desmancha no ar,** cit. por Ross Poole, op, cit, p. 56.
36. LIBÂNIO, J.B., **A Vida Religiosa na Crise da Modernidade Brasileira,** Loyola, 1995, pp. 47-48; A tipologia usada por J. B. Libânio é de P. BERGER, **Una gloria lejana. La búsqueda de la fe en época de credulidad**, Barcelona, Herder, 1994, p. 58ss.
37. COMBLIN, José, "Algumas Interpelações aos Religiosos depois de Santo Domingo", **Convergência** 1992, p. 332.
38. NEUTZLING, Inácio, **A Transformação do Capitalismo no final do século XX,** CEPAT, Curitiba, 1995.
39. O desafio de K. Marx foi, precisamente, "entender que o capitalismo é, ao mesmo tempo, o melhor e o pior que sucedeu à raça humana". A opinião é de F. JAMESON, cit em: Poole, Ross, op. cit., p. 51.
40. SANTOS, Boaventura de Sousa, **Pela Mão de**

Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade, Edições Afrontamento, Porto, 1994, p. 92; Cf. também do mesmo autor, "O social e o político na transição pós-moderna", **Lua Nova** 31/1993, pp. 181-207.

41. Cf. DEBRAY, Régis – ZIEGLER, Jean, **Trata-se de não entregar os pontos**. Conversas radiofônicas, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1995, pp. 18-19. Dados recentes mostram que, por exemplo, na década de 80 morreram de fome na África mais pessoas que em todas as décadas anteriores, neste século.
42. Para esta discussão ver BOBBIO, Noberto, **Direita e Esquerda. Razões e Significados de uma distinção política**, Editora Unesp, São Paulo, 1995.
43. Cf. Setor Pastoral Social – CNBB, **Brasil: Alternativas e Protagonistas. Por uma sociedade democrática**. 2ª Semana Social Brasileira, 2ª ed., Vozes, Petrópolis 1994, pp. 39-42.
44. BOFF, Leonardo, **Ecologia, Mundialização espiritual. A emergência de um novo paradigma**, São Paulo, Ática, 1993, p. 18.
45. SANTOS, Boaventura de Sousa, **Pela Mão de Alice**, op. cit p. 93.
46. Cf. **Christifideles Laici**, n° 37.
47. COSTA, Jurandir Freire, "O Gozo com a Destruição", **Jornal do Brasil**, 12 de março de 1995, p. 13.
48. Cf. Setor Pastoral Social – CNBB, **Brasil: Alternativas e Protagonistas**, op. cit. pp. 103-104.
49. Cf. BUARQUE, Cristóvam, **A Desordem do Progresso**, op. cit, p. 133. Em 1993, 16% da população mundial consumiu 62% de todos os bens produzidos no planeta, segundo dados apresentados por Jean Ziegler em DEBRAY, R. – ZIEGLER, J. op. cit. p. 64.
50. Toda esta perspectiva de um novo estilo de vida baseada na autolimitação inteligente é possibilitada, hoje, pela revolução produtiva que libera as pessoas do fardo do trabalho. Ou seja, a redução do tempo de trabalho pode apontar para um projeto de sociedade e de civilização mais humano e mais solidário. Neste sentido devem ser estudados os estudos de GORZ, André, Capitalismo, Socialismo, Ecologia. Orientamenti, Disorientamenti, Manifestilibri, Roma, 1992; AZNAR, Guy, **Trabalhar Menos para Trabalharem Todos**, Ed. Scritta, São Paulo, 1995.
51. Cf. BUARQUE, Cristóvam, **O Colapso da Modernidade Brasileira** e uma alternativa, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991, p. 38.
52. MARDONES, José Ma., "Funciones y Tareas para um Mesianismo de risistencia y creatividad", **Sal Terrae** 82/1 (1994), pp. 47-48.
53. COMBLIN, J. art. cit. p. 330.
54. PERANI, Claudio, art. cit. p. 43.
55. COMBLIN, J., art. cit., p. 336.
56. COMBLIN, J., art. cit., pp. 329-330.
57. PERANI, Claudio, art. cit. p. 45.
58. LIBÂNIO, J. B., op. cit., p. 60.
59. BARCELLONA, Pietro, op. cit., p. 18.
60. A constatação é de R. Debray no livro ditado acima, p. 21.
61. DIMENSTEIN, Gilberto, "Pecados Siderais", **Folha de São Paulo**, 22-11-95, 1-11.
62. A afirmação é de Faith Popcorn, cf. **Gazeta Mercantil**, 19-09-95, C-1.
63. VIRILIO, Paul, "Alerte dans de Cyberespace", **Le Monte Diplomatique** août 1005, p. 28.
64. SANTOS, Boaventura de Sousa, **Pela Mão de Alice**, op. cit. p. 94.
65. SOBRINO, Jon, **Princípio Misericórdia. Descer da Cruz os Povos Crucificados**, Vozes, Petrópolis, 1994, p. 32-37.
66. PERANI, Claudio, "Vida Religiosa e Novos Rostos da Missão na Perspectiva da Exclusão Social" in: Vários, **Vida Religiosa. Modernidade e Novos Rostos da Missão**, Publicações CRB, 1995, pp. 38-39.
67. LIBÂNIO. J.B., **A Vida Religiosa na Crise da Modernidade Brasileira**, Ed. Loyola, 1995, pp. 52-53. É interessante anotar que a organização não-governamental Transnationais Information Exchange – TIE, que reúne trabalhadores das indústrias automobilísticas, químicas e da alimentação, dos países da Europa Central e dos países do Sul do Mundo, está lançando a campanha **SOLIDARIEDADE X COMPETITIVIDADE. UM QUESTÃO ESTRATÉGICA**. Cf. Revista **Interação**, 4/17 (1995).
68. PERANI, Claudio, art. cit. p. 39; A expressão "testemunho silencioso de solidariedade" é o Documento 40 da CNBB, n° 70.
69. LASCH, C., op. cit. p. 280-281.
70. Cit. em RIBEIRO, Cláudio de Oliveira, "A espiritualidade entre a libertação e gratuidade", Contexto Pastoral 5/24, 1995, p. 5.
71. SANTOS, Boaventura de Sousa, **Pela Mão de Alice**, op. cit, p. 93.

ESPIRITUALIDADE: A VIDA EM COMUNIDADE

Pe. Agenor Girardi, MSC
Rio de Janeiro – RJ

A autêntica comunidade cristã tem olhos voltados para a realidade do mundo. O cristão deve ser um promotor de comunidades nos vários campos da vida social e profissional.

Toda pessoa humana nasce do seio de uma família, a primeira comunidade de amor. É ali que ela vai desenvolver os seus dons e as suas capacidades inatas.

A pessoa humana só consegue tomar consciência do mundo e dos outros através do amor e da partilha que se dá na vida em comunidade.

AS RELAÇÕES FRATERNAS

Existem vários tipos e modelos de comunidade. Falamos aqui de comunidades cristãs, comprometidas pela fé e pelos laços de fraternidade. Viver em comunidade, nesta perspectiva, é lutar pela justiça no mundo. A comunidade cristã não esquece dos mais pobres e miseráveis. Ela vai lutar em defesa dos mais fracos; os prediletos do Evangelho.

Não basta estar junto ou um ao lado do outro. É preciso que haja objetivos comuns. É preciso que haja relações interpessoais entre os seus membros. A comunidade cristã sempre apresenta uma dimensão de fé e de amor que liga e fortalece os seus membros.

Hoje, mais do que nunca, há uma grande busca de relações comunitárias por parte das pessoas, em todos os níveis; não só no plano religioso, em que se procura superar o egoísmo e o individualismo, mas também no campo humano, social, cultural, recreativo... Há uma grande sede de amizade e de convivência fraterna.

Em contrapartida, é na comunidade que também acontecem as inevitáveis tensões e conflitos. A comunidade é o lugar do crescimento, mas é também o lugar das tensões entre os diversos egoísmos humanos. Nem sempre a pessoa está madura e preparada para viver em harmonia e doação na comunidade cristã.

O pecado vem agravar tal situação, razão pela qual as relações com os outros sempre têm também algo de conflitivo. É preciso superar limites. É preciso ir além dos interesses pessoais. Olhar mais para o "nós" e menos para o "eu".

Viver em comunidade é sair do anonimato. É se deixar crescer. É colocar seus dons e talentos a serviço. Só quem ama de um modo pleno entende o que significa viver em comunidade. Um pessoa egoísta nunca vai ser um bom membro de comunidade, pois predominam os seus interesses e não o bem comum.

A VIDA DE COMUNIDADE E A SAGRADA ESCRITURA

A Escritura mostra que todo o Antigo Testamento é uma tentativa de criar e formar a vida de comunidade. Porém, no Antigo Testamento não se encontram ainda muito desenvolvidas as relações comunitárias, com a dimensão interpessoal, que nós entendemos hoje. De um ponto rude e primitivo, tenta-se criar um caráter comunitário e fraterno.

O Antigo Testamento não esconde todos os conflitos existentes nas relações comunitárias e familiares; aliás, ele os destaca, às vezes, até nos pormenores. Há assassinatos. Há rivalidades brutais e vingativas, até mesmo entre pais e filhos, dentro da própria família. O próprio Rei Davi tem de fugir diante da perseguição de seu filho Absalão: – "Então Davi disse a todos os seus oficiais que estavam com ele em Jerusalém – Levantemo-nos e fujamos. Doutra sorte não escaparemos de Absalão. Apressai-vos em partir, para que não aconteça que se apresse ele e nos ataque, nos destrua e passe a cidade ao fio da espada" (2 Sm 15,14).

Mas, o Novo Testamento vai desenvolver de uma maneira plena e de uma forma privilegiada a dimensão comunitária e a vida fraterna, a partir do Amor sem limite, trazido por Jesus.

A mensagem do Novo Testamento pressupõe uma profunda personalização das pessoas. O cristianismo tem como ápice a vida fraterna e comunitária. A obra fundada por Jesus é precisamente a Igreja, isto é, a comunidade daqueles que participam da mesma fé e na mesma Eucaristia.

O próprio Jesus em sua pregação formou uma "nova comunidade", o grupo dos doze que seria o fermento novo do Reino. – "Então Jesus constituiu o grupo dos doze, para que ficassem com ele e para enviá-los a pregar" (Mc 3, 14). Com este grupo Jesus viveu em especial intimidade, através da qual lhes foram revelados os mistérios do Reino. Foi nesta comunidade que Jesus também revelou os segredos de Deus, ensinando com a própria vida que o amor é serviço: "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo 15, 13).

A vivência experimentada na comunidade terrena com Cristo, transformou-se depois na comunidade pós-pascal, a Igreja nascente do Espírito, no cenáculo em Jerusalém.

Toda a experiência da difusão do cristianismo reside na irradiação evangélica das comunidades cristãs, através das quais se experimenta o novo e contagioso amor de Cristo. As novas comunidades acolheram milhares de homens e mulheres que buscavam um mundo novo, e este "fermento do amor" conseguiu transformar a face do mundo. As Cartas de Paulo, o missionário itinerante, constituem testemunhos vivos das comunidades em que se vivia o cristianismo com uma unidade capaz de superar as divisões de raça, de classe social, de tradições religiosas e culturais. Essas comunidades constituíram os postos missionários avançados do Evangelho.

A VIDA DE COMUNIDADE HOJE

A vivência comunitária hoje implica a superação do individualismo egoísta, sobre o qual se assenta, em grande parte, a nossa sociedade. A comunidade é vista como o mais eficaz meio de defesa da pessoa, contra os crescentes e anônimos poderes do Estado e das forças políticas e econômicas.

Por isso procura-se viver a experiência comunitária em todos os setores da vida profissional, nas organizações dos bairros

e municípios, na educação dos jovens, nas festas, nas reuniões sociais... Se isso ocorre em todos os planos da sociedade, é evidente que esse retorno à vivência comunitária é ainda mais urgente no terreno religioso e cristão.

Ainda predominam entre nós e em nossas Igrejas as formas religiosas individualistas ou de massas, nas quais não se apresenta as relações interpessoais e fraternas. Busca-se Deus de uma forma egoísta e interesseira. Não há partilha de vida. Cada um só pensa em si mesmo. No entanto, não podemos nos esquecer de que o núcleo do cristianismo é o Amor e a Partilha. Tal Amor exige a presença e a vivência da comunidade e das relações fraternas. Ao mesmo tempo, não podemos perder de vista o Apostolado com os mais pobres da sociedade.

O cristão hoje, e mesmo o monge que vive na clausura, não pode perder em sua mística e em sua oração os problemas mais urgentes de um povo em busca de libertação. A autêntica comunidade cristã tem os olhos voltados para a realidade do mundo. O cristão deve ser um promotor de comunidades nos demais campos da vida social e profissional.

Com sua contribuição e sua fé praticada, o cristão deve dar um testemunho da vivência comunitária e da integração acima dos particularismos. É preciso levar o Evangelho a este mundo egoísta, que precisa ser renovado a partir deste amor comunitário.

QUESTÕES PARA REFLETIR:

1. O que significa para você "Viver em Comunidade"?
2. Como está organizada sua comunidade?
3. Existe entre-ajuda comunitária?
4. O que está sendo feito com os mais necessitados da comunidade?

CAPÍTULO LOCAL: UM ESPAÇO PARA A PARTILHA DE VIDA E PARA DECISÕES PARTICIPATIVAS

Frei Silvestre Gialdi
Caxias do Sul – RS

O Capítulo Local, regularmente preparado e celebrado, constrói valores e provoca relações fraternas profundas e duradouras. Gera qualidade de Vida Religiosa. Transforma à convivência diária. Melhora a capacidade de servir, ajudar, acolher e perdoar.

INTRODUÇÃO

A sociedade, na sua expressão pluralista, requer métodos participativos, democráticos e transparentes em todas as instâncias da organização social e da administração institucional. A consulta à comunidade para tomada de decisões é uma prática humana cultural e social, hoje com suporte jurídico e ético. A decisão consensual é um indicativo de participação e de co-responsabilidade.

Na vida monástica, originariamente, o **capítulo** tinha três significados. Primeiramente, a consulta à comunidade para a tomada de decisões importantes: uma extensão da prática do prior consultar os monges mais sábios e prudentes. A partir de 817, aparece outro significado: a assembléia comunitária era convocada para a leitura e a explicação de um Capítulo da Regra de São Bento, como ponto de partida para o exame de consciência, confissão pública das faltas externas e a correção fraterna. Uma prática cenobita. E, por fim, temos o Capítulo da Regra e o Capítulo da Culpa.

Enquanto o sentido monástico original do Capítulo está relacionado à consulta à comunidade e ao exercício pastoral do abade, por sua vez, Francisco de Assis amplia a assembléia: todos os frades da Ordem participam. É o Capítulo das Esteiras, referindo-se às cabanas ou barracas de alojamento.

Na tradição monástica, nasce primeiro o Capítulo Local e, no século VIII, se desenvolve o Capítulo Geral dos abades de uma nação ou região. Inicialmente foi uma experiência dos cistercienses. O Concílio de Latrão IV, em 1215, o estendeu a todas as Ordens Religiosas. Na tradição franciscana, a primeira experiência é o Capítulo da Fraternidade (Capítulo das Esteiras). O Capítulo de 1217 divide a Ordem em Províncias. Surgem, então, os Capítulos em nível geral, provincial e conventual. Esta prática se consolidou e perdura até hoje.

Neste momento, preveniu-se que autoridade e capítulo não são duas realidades conflitivas ou ambíguas em seu exercício.

A autoridade é a expressão e o sinal da presença de Jesus Cristo na comunidade. Cabe, pois, ao ministro da comunidade animar a vida e o sentido pleno da consagração. Por sua vez, a comunidade, reunida em capítulo, é uma comunidade eclesial e carismática, que concretiza o projeto comum de vida.

A fidelidade ao chamado de Deus, ao carisma, à espiritualidade e à missão passa, em primeira instância, pela autoridade do ministro, agraciado pelo carisma do serviço. E, às vezes, pela comunidade, reunida em capítulo, como legisla o Direito Canônico: "Os órgãos de participação ou de consulta cumpram fielmente o encargo que lhes foi confiado, de acordo com o direito universal e o direito próprio, e exprimam a seu modo o empenho e a participação de todos os membros para o bem de todo o instituto ou da comunidade" (Cân 633, § 1). Portanto, no Capítulo Local prevalece o princípio da participação de todos os membros da comunidade, presididos pelo ministro. E prevalece o princípio da coresponsabilidade e da correção fraterna.

Cabe ao ministro da comunidade, como "primus inter pares", a missão de ser pastor, pai e mãe, que implica diálogo, gratuidade, ternura, sensibilidade, carinho e vigor para estabelecer o princípio da colegialidade e da unidade confessional, carismática e apostólica. Ao mesmo tempo, representa a consciência eclesial, institucional e social.

A reflexão divide-se em seis capítulos. Os primeiros dois tratam do desenvolvimento histórico do Capítulo da Fraternidade Local na historiografia franciscana e nos documentos da Igreja. Nos capítulos terceiro e quarto serão abordados o significado, a função e a natureza do Capítulo Local. E os dois últimos, os aspectos práticos: a socialização e a celebração do Capítulo Local. Quanto à denominação, prefere-se a expressão Capítulo Local e não Capítulo Conventual, para contemplar as experiências atuais de pequenas comunidades inseridas, que residem não mais em conventos mas em casas.

1. O CAPÍTULO LOCAL NA PRIMEIRA HORA DA ORDEM FRANCISCANA

Os primeiros encontros da fraternidade franciscana original obedecem ao princípio da espontaneidade, como orienta São Francisco: "Todo o ano pode cada ministro reunir-se com os seus irmãos, na festa de São Miguel Arcanjo, onde lhes aprover, para tratar com eles das coisas que se referem a Deus" (1Rg 18, 1). Além disso, para ler a Regra (Test 37) e dizer a culpa (7 Ct 38-39).

A comunidade original reunia-se, espontaneamente, pelo desejo do encontro fraterno, para atender estes elementos fundamentais: ouvir o relatório apostólico dos frades, confessar as culpas e ouvir as instruções de São Francisco (Cf. I Cel 30; TNf: Paixão de São Verecundo). Atesta Tomás de Celano: "Quando se reuniam em algum lugar, ou quando se encontravam em viagem, reacendia-se o fogo do amor espiritual, espargindo suas sementes de amizade verdadeira sobre todo o amor. E como? Com abraços fraternos, com afeto sincero, com ósculos santos, uma conversa amiga, sorrisos agradáveis, semblante alegre, olhar simples, ânimo suplicante, língua moderada, respostas afáveis, o mesmo desejo, pronto obséquio e disponibilidade" (I Cel 38).

Com o aumento significativo do número de frades, foi necessário organizar e estabelecer uma assembléia comunitária anual, denominada "capítulo", como destaca Jacques de Vitry, Bispo de Acre: "Uma vez por ano, os homens desta Ordem se encontram num lugar combinado para se

alegrar no Senhor e comer juntos: e é de grande proveito para todos"(TNF). Portanto, não é um capítulo de Ministros maiores, mas uma assembléia comunitária aberta a todos os membros da fraternidade.

Nos primórdios da Ordem, o Capítulo não era nem provincial nem conventual, pois as Províncias foram constituídas somente em 1217, e os frades não residiam em conventos, mas eram "peregrinos e forasteiros". A primeira experiência capitular franciscana é a síntese de todos os capítulos (geral, provincial e local), com enfoque centrado na fraternidade.

O espírito do Concílio de Latrão IV, celebrado em 1215, atinge a Ordem dos Frades Menores. O Capítulo de Pentecostes de 1217 dividiu e organizou a Ordem em Províncias e estabeleceu os frades em residências fixas. A institucionalização do capítulo é irreversível: Capítulo Geral, obrigatório em cada três anos, com a presença do Ministro Geral e dos Ministros Provinciais. E um Capítulo Geral anual, não obrigatório, com o Ministro Geral e os Ministros Provinciais da Itália. E o capítulo com a presença de todos os frades foi substituído pelo Capítulo Provincial: todos os frades de uma Província reunidos com o Ministro Provincial (1Rg 18).

Até 1220 acontece o processo de sistematização de residência fixa nos eremitérios e conventos. Surge a vida comunitária, articulada com estruturas conventuais e com características espirituais próprias. Em conseqüência, emerge o Capítulo Conventual: a reunião dos frades da comunidade local, presidida pela guardião. Na prática beneditina, depois da Hora Prima, havia o capítulo da leitura da Regra e o capítulo da culpa. Na tradição franciscana, segundo Tomás de Eccleston: "Os frades costumavam reunir-se cada dia para conversar e beber juntos, aqueles que desejavam, e cada dia faziam o capítulo": o capítulo da culpa, a consulta e a deliberação comum sobre as questões da vida espiritual e apostólica.

Por sua vez, a Regra de Santa Clara, em 1253, prescreve sobre o capítulo: "Pelo menos uma vez por semana, a abadessa tenha de convocar suas Irmãs para um capítulo. Aí, tanto ela quanto as Irmãs devem confessar humildemente suas faltas e negligências comuns e públicas. E tratem aí, de acordo com todas as Irmãs, o que for necessário para a utilidade e o bem do mosteiro, porque muitas vezes o Senhor revela à menor o que é melhor" (RSC IV, 15-18). A respeito da distribuição dos trabalhos, ordena: "A abadessa ou a vigária deve indicar em capítulo, diante de todas, o que cada uma deverá fazer com as próprias mãos" (ibid. VII, 3).

Aos poucos, o Capítulo Local é institucionalizado na Ordem Franciscana. As Constituições aprovadas no Capítulo Geral, celebrado em Roma em 1239, e as Constituições compiladas por São Boaventura e promulgadas na Capítulo Geral de Narbona, celebrado em 1260, contemplam, explicitamente, o Capítulo Local. Em síntese, nos primórdios da Ordem, o Capítulo Local tem funções bem claras e precisas. Fundamentalmente, mais do que um órgão deliberativo e administrativo, é um encontro de todos os frades da comunidade conventual, que se reúnem para expressar, comunicar e consolidar a unidade espiritual. Ao mesmo tempo, o próprio Capítulo Local oferece ocasião aos frades para a acusação pública da culpa. Oferece ao guardião a oportunidade de cumprir a sua missão pastoral quanto à instrução, admoestação e correção fraterna. E, por fim, é uma circunstância favorável para a fraternidade assumir as responsabilidades comunitárias.

2. O CAPÍTULO LOCAL NOS DOCUMENTOS DA IGREJA

As transformações sociais e eclesiais atingiram também a estrutura da vida comunitária. Os grandes conventos com comunidades numerosas foram dizimados

pelas desistências e pela experiência da pequena comunidade, inserida no contexto do trabalho profissional e inserida geograficamente no contexto sociocultural dos excluídos. A mentalidade socioeclesial mudou. A fundamentação institucional foi substituída pela adesão carismática da espiritualidade e da missão. O poder piramidal e centralizado foi substituído pelo método democrático, participativo e transparente através dos debates, das conclusões e das avaliações feitas em assembléia, presidida pelo ministro.

Internamente, resgatou-se a função original do guardião, no sentido de zelar, cuidar e guardar a vida dos frades e da fraternidade com amor, ternura e vigor, e a missão da madre, para ser mãe e mestra das irmãs. A pessoa e a comunidade são consultadas e ouvidas para as deliberações e as decisões de caráter pessoal e comunitário. A transferência deixou de ser uma ordem expressa e um mandato irrecusável para ser um envio e uma missão em conseqüência da adesão a uma comunidade de vida consagrada e da consagração a Deus.

O Concílio Vaticano II impulsionou as mudanças da Vida Consagrada, posteriormente revigoradas pelos documentos latino-americanos de Medellín, Puebla e Santo Domingo, que destacam a experiência testemunhal, a solidariedade fraterna e a missão evangelizadora. O espírito movente da renovação é a volta às fontes, a originalidade carismática do instituto, a missão no mundo em nome da Igreja e uma profunda experiência de Deus.

Novos princípios redimensionaram a experiência da vida comunitária, em harmonia como desenvolvimento e o contributo das ciências humanas. A valorização da pessoa humana em sua dignidade constitucional e a valorização das culturas em suas expressões intrínsecas.

O decreto *Perfectae Caritatis* prescreve: "Os capítulos e os conselhos executem com fidelidade a tarefa que lhes é confiada no governo e exprimam, cada qual a seu modo, a participação e o interesse de todos os confrades pelo bem da comunidade toda" (PC 14). O mesmo documento orienta para que a comunidade religiosa supere a divisão por categorias diferenciadas e todos os membros vivam em fraternidade: "Para que no entanto se estabeleça entre os membros um vínculo mais íntimo de fraternidade, aqueles que são chamados conversos, cooperadores ou com outro nome, sejam estreitamente associados à vida e às obras da comunidade. A não ser que as circunstâncias de fato aconselhem outra coisa, deve cuidar-se que nos institutos femininos se chegue a uma única categoria de irmãs" (ibid. 15).

A *Perfectae Caritatis* solicita o que segue: "[...], em assuntos que se relacionam com os destinos de todo o instituto, os superiores consultem de modo apto os coirmãos e lhes dêem ouvido" (ibid. 4). Por sua vez, a *Mutuae Relationes* destaca o papel, a competência e a missão dos superiores, quanto ao múnus de ensinar, de santificar e de governar em obediência e conformidade com o projeto evangélico e carismático do próprio instituto, e garantir a fidelidade comunitária e pessoal dos membros (Cf. MR 13).

Evidentemente, é indispensável "o diálogo comunitário, guiado pela fé, pelo recíproco acolhimento e pela valorização das pessoas e pela obediência religiosa [...]" (RHP 9). Acrescenta outro documento da Igreja: "A comunidade religiosa é visualização da comunhão que fecunda a Igreja e, ao mesmo tempo, profecia da unidade à qual tende como sua meta final" (CC 10).

O mesmo documento destaca a importância do Capítulo Local como momento de partilha comum: "[...] demonstrou-se muito positivo realizar regularmente, muitas vezes a cada semana, encontros em que os religiosos e as religiosas compartilham problemas da comunidade, do instituto, da

Igreja e seus principais documentos". E salienta: "São momentos úteis ainda para escutar os outros, partilhar os próprios pensamentos, rever o percurso, pensar e programar juntos" (ibid. 31).

Por outro, "a falta e a pobreza de comunicação normalmente geram o enfraquecimento da fraternidade; o desconhecimento da vida do outro torna estranho o confrade e anônimo o relacionamento, além de criar situações de isolamento e solidão". E lamenta o documento: "Comunicam-se temas e problemas periféricos, mas raramente se compartilha aquilo que é vital e central no caminho da consagração". Logo a seguir aconselha: "Procurem-se formas e instrumentos que possam permitir a todos aprender progressivamente a partilhar, com simplicidade e fraternidade, os dons do Espírito, a fim de que se tornem verdadeiramente de todos e sirvam para a edificação de todos" (ibid 32). Pois, "uma comunidade reunida como uma verdadeira família no nome do Senhor goza de sua presença" (DIVR 19).

Por fim, o Capítulo Local pode ser conduzido através de técnicas de psicologia social e de comunicação. Porém, é indispensável valorizar a primazia da pessoa, o bem do irmão ou da irmã, as relações de amizade, a confiança mútua e a sinceridade constante na dimensão da fé.

3. NATUREZA DO CAPÍTULO LOCAL

É necessário considerar os elementos e os aspectos que constituem o Capítulo da Fraternidade Local, na dimensão da comunhão fraterna e na dimensão da participação da comunidade no exercício da autoridade e do governo. Porém, a natureza do Capítulo Local na ordem Franciscana é a primazia da fraternidade. E uma expressão mais consistente, a fraternidade é o constitutivo absoluto do Capítulo Local. Portanto é mais do que consulta, participação, decisão e avaliação. O Capítulo Local é o exercício da comunhão fraterna: o desejo espontâneo de encontrar-se para partilhar a vida e as experiências, para exprimir a unidade nas diferenças e para favorecer a ajuda mútua e a colaboração fraterna, em nome do Senhor.

A dimensão do Capítulo Local é o exercício da autoridade e do governo, com funções consultivas, colegiadas, diretivas, instrutivas, exortativas e penitenciais, tendo como pano de fundo a leitura de um capítulo da Regra.

O exercício da autoridade na fraternidade franciscana é realizado por um irmão para os irmãos, como ordena a Regra: "Todos os irmãos devem ter sempre um dos irmãos desta Ordem como ministro e servo desta fraternidade" (2Rg 8,1). Portanto, a autoridade é entendida como serviço e como ministério, que quer obediência e responsabilidade dos irmãos.

A partilha e a co-responsabilidade do governo acontece no Capítulo Local através da consulta, do conselho e da colegialidade moral. Cabe, porém, às Constituições determinar o conteúdo e o valor jurídico do Capítulo Local. Fundamentalmente é a assembléia da comunidade, na qual todos os membros participam, sob a presidência do ministro (guardião), para garantir a fraternidade, como prescrevem as Constituições dos Frades Capuchinhos: "Compete ao Capítulo Local, sob a direção do guardião, confirmar o espírito fraterno, promover a consciência de todos os frades pelo bem comum, dialogar sobre tudo o que diz respeito à vida fraterna, principalmente quanto à animação da oração, da observância da pobreza e a promoção da formação em fraternidade, para procurar juntos a vontade de Deus" (Const. 142, 3).

As Constituições dos Frades Menores Conventuais seguem o mesmo espírito: No Capítulo Local "se deverá tratar de todos

os problemas que concernem à vida e ao apostolado da comunidade, para que tudo transcorra em fraterna concórdia e com a colaboração de cada um" (Const. 87, 11). Por sua vez, as Constituições dos Frades Menores salientam: "Compete ao Capítulo Local principalmente avaliar e promover pelo diálogo o que deve ser assumido num planejamento comum, incentivar a concórdia e a cooperação ativa e responsável de todos, examinar e avaliar as obras realizadas pela fraternidade ou pelos irmãos individualmente e tratar dos assuntos de maior importância" (Const. 241).

O Capítulo Local é a instância que privilegia a vida fraterna, prioriza as decisões tomadas em comum e favorece o exercício da caridade fraterna, da ajuda mútua e da avaliação colegiada. Por isso, no Capítulo Local acontecem as relações diretas, a participação ativa e a responsabilidade consciente dos membros da fraternidade, como pessoas maduras, criativas, sensíveis, críticas e participativas, animadas pelo mesmo espírito, pelo mesmo carisma e pela mesma missão.

Por sua vez, cabe ao guardião animar e promover a vida fraterna, despertar novas idéias, suscitar experiências, mediar a integração fraterna, inclusive, empregando recursos e técnicas das ciências humanas. Conseqüentemente, o Capítulo Local é mais do que uma reunião programativa e avaliativa, uma discussão decisória ou uma transmissão de ordens e informações. A natureza do Capítulo Local é despertar os sentimentos de pertença comunitária, fazer crescer a comunhão na fraternidade, enriquecer a vida pessoal, vocacional e cristã dos membros da comunidade e favorecer o desenvolvimento das capacidades, e o crescimento da fé e da consagração.

Para conduzir o Capítulo Local com segurança é indispensável a sustentação jurídica e o apoio da psicologia, da pedagogia, da sociologia e das técnicas de relações humanas e intersubjetivas, e o respeito às expressões da comunicabilidade transparente, da democracia participativa, do diálogo comunicativo e da flexibilidade evangélica. O Capítulo Local é, pois, em síntese, um encontro de irmãos comprometidos com a fraternidade, fundamentada na espiritualidade, no carisma, na caridade e na obediência à vontade de Deus. A espiritualidade alimenta o sentido e a eficácia do Capítulo Local, na perspectiva de concretizar e perpetuar o carisma e a busca comunitária da vontade de Deus.

4. SIGNIFICADO E FUNÇÕES DO CAPÍTULO LOCAL

Os princípios democráticos da transparência, da participação e do diálogo, e a influência da modernidade e da pós-modernidade, que privilegiam a vida subjetiva, prazerosa e instantânea, deram um novo significado ao Capítulo Local, com novas metodologias, com características regionais e culturais, especialmente nas comunidades pequenas e inseridas.

Fundamentalmente, o Capítulo Local está inserido no projeto da vida comunitária, em que tudo se programa a partir da vida fraterna e comunitária. Portanto, o significado primeiro do Capítulo Local é garantir a primazia da vida fraterna: programar a vida e as atividades a partir da vida fraterna. Ao mesmo tempo, visa garantir a vida fraterna alegre e participativa, superando bloqueios e angústias, temores e feridas, amarguras e fechamentos, traumas e frustrações. O Capítulo Local quer garantir, pois, o crescimento vocacional dos irmãos ou das irmãs, a ajuda em suas necessidades, a maturidade humana e cristã, as relações fraternas crescentes e a boa organização da fraternidade. Ao mesmo tempo, é missão do Capítulo Local favorecer o encontro fraterno dos irmãos dispersos e isolados. Por fim, o Capítulo Local quer fortalecer a mística, a espiritualidade e a

missão apostólica da comunidade. Por isso, o Capítulo Local é a expressão da vivência dos votos e da integridade da consagração na obediência à vontade de Deus e iluminados pelo Espírito Santo. Favorece a obediência caritativa e o serviço criativo. O Capítulo Local é uma relação de amor.

Esta obediência por amor impulsiona a vida fraterna, os serviços de ajuda mútua e a partilha dos bens, do saber e dos dons em comunidade. O Capítulo Local deve ser uma oportunidade fecunda para a espontaneidade, a criatividade e a co-responsabilidade. Deve ser um caminho para a solução comum dos problemas, dos desejos, das opiniões, das propostas e dos desafios. Portanto, o Capítulo Local é um instrumento de sustentação do amor fraterno, da vida fraterna e da fraternidade, pois cada um dos participantes tem "a possibilidade de edificar junto com os outros, de modo ativo e construtivo, a vida da fraternidade" (VEITH, 1993, p. 36). O mesmo autor testemunha: "A experiência demonstra que lá onde os frades se reúnem de modo autêntico para refletir e decidir em conjunto, cresce de uma parte a disponibilidade em assumir a responsabilidade em favor da fraternidade, e de outra parte, diminuem sempre mais as murmurações e as críticas feitas sem amor ao superior e aos outros frades" (ibid. p. 37).

O Capítulo Local também é um instrumento de formação permanente e continuada; um instrumento de promoção da vida espiritual da fraternidade; e um instrumento de correção afetuosa da vida fraterna. A fraternidade local tem o dever de garantir, de promover e de dar condições favoráveis à vida dos frades em diferentes níveis e exigências.

No caso específico, para favorecer e incentivar a formação continuada e permanente, é necessário ter uma biblioteca atualizada, com livros, revistas, obras e meios audiovisuais. Ao mesmo tempo, promover estudos, debates, seminários e reflexões sobre os mais diversos temas, sugeridos pala fraternidade, inclusive com assessoria externa. É fundamental, para a renovação e o crescimento da vida fraterna, que a comunidade aprofunde o carisma, a espiritualidade, a missão e a história do seu instituto religioso, com estudos programados e bem conduzidos. Deve-se programar, também, a partilha das próprias experiências e atividades; encontros culturais e passeios fraternos.

No que diz respeito à promoção da vida espiritual, o Capítulo da Fraternidade Local ajuda a melhorar a oração pessoal e comunitária; a manter uma relação de confiança profunda e dialogal com Deus e seus desígnios. Ajuda aprofundar a partilha dos problemas e das necessidades espirituais; a promover a solidariedade na fé com o mundo dos excluídos. Favorece a comunhão com a Igreja, com as outras fraternidades, com os familiares, com os benfeitores e com todos os que promovem o bem, a verdade, a justiça e a paz.

Por fim, o Capítulo Local promove a correção fraterna de forma cordial e afetuosa, para que seja uma verdadeira ajuda fraterna. Ao longo dos tempos, a riqueza do Capítulo da Culpa, aos poucos, se transformou em formalismo vazio, sem contentar a ninguém e sem promover a vida fraterna. Contudo, o Capítulo Local resgata a sua experiência original: a correção fraterna e a revisão de vida à luz da Palavra de Deus, como um instrumento de exortação, apoio e encorajamento para a superação das dificuldades e para a conversão contínua. A correção fraterna visa à promoção e à valorização da vida, por isso exige confiança, amor e benevolência, tendo como meta a reconciliação e a paz com toda a fraternidade.

O Capítulo Local requer como pressupostos a preparação compartilhada, a motivação séria, a predisposição positiva, o respeito fraterno, o diálogo construtivo, a disponibilidade em contribuir e acolher, a

abertura à Palavra de Deus e ao Espírito Santo.

5. O CAPÍTULO LOCAL COMO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO

O elemento novo do Capítulo Local é a sua compreensão como processo de socialização: um momento privilegiado de participação, de diálogo e de partilha, que exige co-responsabilidade fraterna e trabalho em equipe, tendo como mediação o diálogo interpessoal e a comunhão de vida, o incentivo à criatividade e à liberdade. Portanto, não bastam a boa vontade nem uma profunda espiritualidade. Faz-se necessário superar os condicionamentos pessoais, os preconceitos negativos, o autoritarismo centralizador e o diálogo periférico.

O Capítulo Local como processo de socialização significa pôr-se a caminho para discussões produtivas, para decisões comunitárias e para a partilha fraterna da vida. Significa superar a tolerância e a passividade para assumir o processo de participação e de socialização da vida comunitária. O Capítulo Local é um momento expressivo e um lugar privilegiado para debater opiniões, para a tomada de decisões conjuntas, para afirmar a obediência participativa, para estabelecer o diálogo interpessoal, para promover a integração fraterna, para favorecer a inserção profunda na vida religiosa consagrada.

Como afirmam J. Bórmida e P. Beltrame: "A socialização é um processo por meio do qual a família religiosa transmite de uma geração a outra a própria cultura, os próprios modelos de convivência, seu modo peculiar de tomar decisões, sua visão particular de mundo. É o processo pelo qual adapta os indivíduos aos modelos aceitos e aprovados pelo instituto" (BÓRMIDA & BELTRAME, 1992, p. 16). A socialização é um processo de integração para assimilar atitudes, modos e formas de Vida Consagrada mediante a formação inicial e a formação permanente, Por sua vez, o Capítulo Local aponta a dinâmica, o processo e o sentido da fraternidade. E o frade aprende "como, onde e para que os irmãos se reúnem, quais são as regras básicas da vida comum, de que maneira e em que lugar se pode ter contato com Deus" (ibid. p. 17).

Convém lembrar que processo formativo desenvolve a socialização secundária, pois a socialização primária acontece na experiência e convivência familiar, social e eclesial, que geram os elementos fundamentais para a vida comunitária: vida fraterna, encontros comunitários, obediência participativa, co-responsabilidade criativa, liberdade crítica, missão libertadora e encontro com Deus. Porém, sem esquecer a necessidade de trabalhar e superar os conflitos e as contradições.

O processo de socialização na vida fraterna fornece a experiência necessária para assumir a legitimação e a identidade do instituto, o seu contexto e a sua realidade, sem nivelar a experiência da adesão e nem generalizar as experiências pessoais. A crise da identidade religiosa acontece quando se nivelam as experiências e se generalizam as conquistas. O Capítulo Local é a instância comunitária para recuperar a legitimação e a identidade do instituto religioso, que se expressa na espiritualidade específica, no carisma próprio e na missão especial.

6. CELEBRAÇÃO DO CAPÍTULO LOCAL: PRINCÍPIOS E PRÁTICA

O Capítulo Local, por sua natureza, é uma celebração fraterna que visa promover e enriquecer a vida da comunidade. Por isso, o Projeto de Vida Comunitária e

o Capítulo Local estão intrinsecamente unidos: celebração e vida.

O modo de celebrar a vida fraterna e o modo de planejar a vida comunitária devem considerar, como pressupostos, os elementos históricos, culturais, sociais e eclesiais da fraternidade: sua composição numérica, sua faixa etária e sua formação; sua missão e atividades; suas responsabilidades profissionais, sociais e eclesiais. Portanto, não existe um modelo único de Capítulo Local. Existem linhas indicativas, funções, prioridades, responsabilidades e elementos estruturais.

6.1. Preparação do Capítulo Local

O guardião tem um papel determinante na vida da fraternidade e, conseqüentemente, na preparação, na organização e na condução do Capítulo Local. A sua missão pastoral se concentra nestes aspectos: é o presidente do Capítulo Local; pela sua responsabilidade e pelo ministério da autoridade serve os irmãos em suas necessidades. No Capítulo Local, especialmente em comunidades grandes, é possível haver também um moderador, para coordenar e sistematizar as discussões, tratar as questões com argumentos e conduzir a discussão conforme o problema central, sem impor as próprias idéias e desejos. Manter o clima do diálogo fraterno, evitando os ataques pessoais. Garantir a palavra para todos. E conduzir a tomada de decisões. Um assessor para reflexão e estudos. E um secretário para ajudar o guardião na preparação do Capítulo Local, para a leitura da ata anterior, para anotações e a publicação da ata atual.

O guardião é também o animador da fraternidade e da vida dos irmãos. O articulador e o mediador diante dos conflitos. Tem a responsabilidade dos frades e da fraternidade para o bem da vida comum. E garantir o Capítulo Local como órgão consultivo e colegiado, e não um poder paralelo ao poder do guardião.

O Capítulo Local requer um planejamento, uma preparação, uma organização e uma pauta, com data, local, duração e responsabilidades assumidas em comunidade. Possivelmente que seja mensal e durante um dia inteiro. A pauta deve considerar os pontos relevantes centrais da vida da fraternidade, colhidas sugestões da comunidade. Preferencialmente, dividir os temas em dois blocos: uma parte de caráter celebrativo e espiritual e outra parte, os estudos, a reflexão e os elementos organizativos, administrativos, operativos e práticos. Criar um clima favorável, celebrativo, fraterno e aprazível. O Capítulo Local não se improvisa, mas se celebra e se vive.

6.2. Celebração do Capítulo Local

A celebração do Capítulo Local obedece a estes passos:

a) CONVOCAÇÃO: O Capítulo Local deve ser convocado e presidido pelo guardião (ministro da fraternidade), considerando data e pauta assumidas pela fraternidade, tempo longo (preferencialmente um dia inteiro). Um ambiente previamente preparado. Conforme as necessidades e urgências, a ajuda de um moderador, de um assessor e de um secretário. Ter uma linha condutora. Providenciar, com a ajuda do secretário, todo o material necessário. Garantir a presença de todos.

b) ABERTURA: Acolhida e saudação do guardião, em clima de alegria, confiança, fraternidade, reconhecimento e esperança. Ato contínuo, momento de espiritualização e interiorização com canto, orações, leituras, preces e invocação às luzes do Espírito Santo. Apresentação, discussão e aprovação da pauta, com possibilidades de esclarecimento e incluir outros assuntos. Por fim, leitura, debate e aprovação da ata do último Capítulo Local.

c) ILUMINAÇÃO: Os textos iluminativos podem ser colhidos da Bíblia, da

Regra, das Constituições, das fontes, circulares ou documentos. Possivelmente, todos os presentes devem ter acesso aos textos, para a leitura, meditação, reflexão e partilha. O moderador conduz a reflexão, faz perguntas sobre o texto aplicadas à realidade e à vida da comunidade. Favorecer para que todos participem e dialoguem. O moderador conclui a reflexão. Ato contínuo, o guardião propõe a revisão de vida (fraterna, espiritual, litúrgica, pastoral, comunitária) num clima de fé, respeito, afeto, ternura, confiança e amor mútuo. Conclui-se este momento com uma oração, possivelmente de reconciliação.

d) TEMAS E ESTUDOS: É a função do Capítulo Local promover o enriquecimento espiritual e a formação permanente. O guardião pode buscar apoio em assessorias para organizar uma sólida formação espiritual e permanente com estudos de temas sugeridos pela comunidade. Convém destacar que as questões da vida fraterna, espiritual, carismática e apostólica são prioritárias.

e) AVALIAÇÃO E CONFRONTO: Nesta fase, o Capítulo Local avalia e confronta a caminhada da fraternidade diante dos seus desafios, prioridades, metas e objetivos. Possivelmente em grupo, avaliar, apontar e destacar as carências, as deficiências e as causas destes aspectos: Vida espiritual, vida de oração e liturgia, vida fraterna e relacionamentos, vida apostólica e atividades, vida de pobreza e penitência, aspectos administrativos, econômicos, funções, serviços, encargos, responsabilidades, retiros, cursos, viagens, lazer, dia da fraternidade. Em plenário, expor, debater e analisar os resultados, sem cair em discussões secundárias ou paralelas.

f) PROPOSTAS, DECISÕES E INFORMAÇÕES: Novamente em grupo, apontar soluções para as deficiências, sugerir novas propostas, desafios, necessidades e prioridades com suas justificativas. Em plenário, promover o debate, tomar as decisões e indicar responsabilidades. Ato contínuo, socializar as informações, os compromissos e os eventos, com suficiente transparência e clareza. Informar tudo o que for de interesse da comunidade: assuntos da Fraternidade, da Província, do Instituto, da Igreja; assuntos administrativos e econômicos; assuntos ligados às atividades, funções e responsabilidades; viagens, cursos, eventos etc.

g) ASSIMILAÇÃO E CONCLUSÃO: O guardião, auxiliado pelo secretário, fazer uma síntese dos temas tratados, suas conclusões, desafios e prioridades. Marcar a data e a pauta para o próximo Capítulo Local. Escolher o moderador, o assessor e o secretário. Recordar as questões pendentes. Cabe ao secretário fazer a ata. E cabe ao guardião encaminhar as decisões tomadas, encorajar e animar a comunidade. Oração conclusiva de ação de graças. Como ato final, o ágape: confraternização festiva.

CONCLUSÃO

O Capítulo Local integra, em si mesmo, os aspectos fundamentais da Fraternidade: a vida fraterna, a programação fraterna, a oração fraterna, a animação fraterna, a correção fraterna e a administração fraterna através da obediência participativa, da co-responsabilidade criativa e da participação libertadora. Portanto, uma fraternidade que celebra regularmente o Capítulo Local é capaz de promover o crescimento espiritual e vocacional de seus membros. É capaz de animar a partilha profunda da vida, dos dons e dos bens dos irmãos ou das irmãs. É capaz de promover a harmonia e o equilíbrio entre a autoridade constituída e a liberdade pessoal, garantindo o princípio da obediência participativa e da co-responsabilidade criativa.

Existe uma nítida harmonia e complementaridade entre Capítulo Local e Pro-

jeto de Vida Comunitária. O Capítulo Local sem o Projeto de Vida Comunitária é estéril, racional, material e formal. E o Projeto de Vida Comunitária sem o Capítulo Local permanece apenas no plano das intenções, da sublimidade, sem confronto e sem revisão. Portanto, sem avanços significativos.

O Capítulo Local, regularmente preparado, celebrado, dirigido e avaliado constrói valores e provoca relações fraternas profundas e duradouras. Gera qualidade de vida fraterna e espiritual. Transforma a convivência diária alegre, participativa, confiável e dialogal. Melhora a capacidade de servir, de ajudar, de acolher e de perdoar. Em síntese, o Capítulo Local é uma mediação que manifesta e promove a vida fraterna. Garante a primazia da fraternidade sobre a individualidade. Organiza e planeja a vida, as atividades, as necessidades e as prioridades da comunidade a partir do princípio da vida fraterna.

ABREVIATURAS

CC – Vida Fraterna em Comunidade
Const – Constituições
DIVR – Doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa
MR – Mutuae Relationes
PC – Perfectae Caritatis
RHP – Promoção Religiosa e Humana
RSC – Regra de Santa Clara
TNf – Testemunhas não-franciscanas do século XIII
Test – Testamento de São Francisco de Assis
1Cel – Tomás de Celano (primeira biografia de São Francisco de Assis)
1 Reg – Regra não-bulada de São Francisco de Assis
2 Reg – Regra bulada de São Francisco de Assis
7Ct – Carta de São Francisco de Assis à Ordem dos Frades Menores

BIBLIOGRAFIA

1. BÓRMIDA, Jerónimo; BELTRAME, Pedro. El Capítulo Local: un proceso de socialización. **Cuadernos Franciscanos.** Santiago do Chile, vol. 26, n° 97, p. 14-20, ene./mar. 1992.
2. CÚRIA GERAL DOS FRADES CAPUCHINHOS. **Constituições dos Frades Menores Capuchinhos.** São Paulo: CCB, 1992.
3. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA. **Vida fraterna em comunidade.** São Paulo: Paulinas, 1994.
4. GIALDI, Silvestre. Vida Consagrada: renovación o fragmentación. **Cuadernos Franciscanos.** Santiago do Chile, vol. 29, n° 111, p. 131-141, jul/sep. 1995.
5. GUTIÉRREZ, Luís. Capítulo Local. In: RODRÍGUEZ, Angel Aparício; CASAS, Juan Canals. **Dicionário Teológico da Vida Consagrada.** São Paulo: Paulus, 1994, p. 81-89.
6. JOÃO PAULO II. **Código de Direito Canônico.** São Paulo: Loyola, 1983.
7. SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RELIGIOSOS. **Religiosos e promoção humana.** São Paulo: Paulinas, 1981.
8. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS E PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES. **Relações entre Bispos e Religiosos na Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1978.
9. SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS RELIGIOSOS E INSTITUTOS SECULARES. **A doutrina da Igreja sobre a Vida Religiosa.** São Paulo: Paulinas, 1983.
10. SANNA, Ambrósio. **El Capítulo Conventual: problematica y perspectivas.** Roma: Curia General OFMConv., 1978. Polígrafo.
11. VEITH, Viktrizius. **Il Capitolo Locale: esperienze, riflessioni e orientamenti delle fraternità cappuccine.** Bologna: EDC: 1993.

FORMAÇÃO PERMANENTE NAS CONGREGAÇÕES CLERICAIS

Pe. Lourenço Kearns, CSSR*
São Paulo – SP

Há muita necessidade de redescobrir a teologia da consagração religiosa, a chamada para se ter intimidade com Deus, experimentar seu amor incondicional e sua misericórdia libertadora, o sentido da direção espiritual. Há necessidade de reacender o fogo do amor de Deus com mais autenticidade e maturidade.

1. UMA REALIDADE

Um Religioso(a) que serve ou serviu nos núcleos regionais da CRB poderia confirmar que, em geral, os Religiosos clericais não participam nos programas de formação permanente fornecidos pela CRB. Sem dúvida, há uma resistência para formação permanente na vida dos Religiosos Clericais. Essa realidade é um fato triste mas verídico. E, sem dúvida, muitas religiosas(os) leigas estão num processo de atualização enquanto muitos Religiosos Clericais estão ficando para trás nas questões sobre a teologia da Vida Religiosa, e na atualização dos temas sobre a Vida Religiosa na América Latina.

2. POR QUE HÁ RESISTÊNCIAS?

2.1 – Existe a possibilidade de *orgulho intelectual* no sentido de que na formação inicial, nas Congregações clericais, houve ao menos alguma preparação no Postulantado, um ano de Noviciado, o estudo de filosofia (ao menos dois anos) e de teologia (ao menos 4 anos). Quando terminamos esse processo inicial, temos a sensação de possuir uma bagagem suficiente em todos os campos — espiritual — intelectual — e na formação humano-afetivo para enfrentar os apostolados e a realização de nossos carismas congregacionais. Portanto, possuindo o suficiente, não precisamos "estudar" mais. Também, tudo o que é oferecido para a formação contínua e permanente é posto em último lugar, ou pior, é considerado uma perda de tempo. Os convites que vêm de níveis variados, diocesano, provincial e dos núcleos da CRB, sim-

* O AUTOR: Pe. Lourenço Kearns é redentorista da província de Campo Grande cuja sede está em Curitiba. Passou quase todo seu ministério na formação de futuros Redentoristas, religiosos e clericais. Acabou de servir a província como Provincial por seis anos. Agora está em São Paulo, a pedido do novo Provincial, com a comunidade de quatro religiosos estudando teologia, e dois Postulantes.

plesmente são "para os que ainda não estudaram". Esses cursos destinam-se somente àqueles que não estão em nosso nível de formação. E o pior efeito disso é que já entramos numa época da pós-modernidade em que o que aprendemos no seminário maior simplesmente não corresponde mais aos anseios do povo de Deus que servimos. Não corresponde mais a todos os assuntos que tocam na teologia moral ao que o povo de Deus está escutando nos meios de comunicação social. O Povo de Deus está procurando em nós respostas profissionais, está procurando mais do que uma simples confissão tradicional – está procurando direção espiritual segundo sua realidade no mundo como leigos e segundo seu crescimento por meio de sua formação permanente nas paróquias e nas dioceses. Se nossas pregações não forem atualizadas pela formação contínua, não seremos entendidos. O pregador fica desatualizado, o que talvez seja o pior desserviço que oferecemos ao nosso povo. Sem formação contínua, ficamos como profetas desatualizados que o mundo não entende. Mas a idéia de que já "recebemos o suficiente no seminário", que nada mais é do que orgulho, continua dirigindo nossa vida. E nós, Religiosos clericais, e o povo sofremos com isso. Somente um momento de honestidade e uma boa dose de humildade podem nos convencer de que precisamos de muita formação em todas as áreas.

2.2 – Outra razão pode ser o *medo* como um obstáculo para procurar a formação permanente. Qualquer formação contínua mexe com o "estabelecido" em nós e pede que deixemos nosso lugar de conforto para assumir um novo ser, um novo agir ou um novo pensar que é *diferente*. Essa necessidade de termos novos modos de vida diz respeito a primeiramente nosso próprio estilo de vida em comunidade onde há novos apelos para uma fraternidade mais autêntica, adulta e exigente, e onde o velho sistema de fato não serve mais e certamente não atrai os jovens candidatos às nossas congregações. Também, a formação contínua altera nossa maneira fixa de enxergar a realidade que nos cerca com todos os seus desafios e nos convida a sair de nossa posição de "conforto" para assumir o novo. Em poucas palavras, a formação contínua e permanente é um chamado à conversão evangélica que mexe profundamente com o ser, o agir e o pensar do religioso como um indivíduo (sempre o primeiro momento de conversão), mas que tem efeito também na vivência comunitária e na vida da Província e da Congregação. Devido ao medo de "mudar", muitas vezes o religioso clerical opta pela "fuga" – numa atitude de "não mexa comigo", e por isso ele fica sempre no mesmo lugar sem assumir a necessidade de buscar outros horizontes. Isso também se expressa na falta de um retiro sério que exige silêncio, como um retiro dirigido. Quem optou por ficar estacionado normalmente foge do silêncio que causa confrontos consigo mesmo, com Deus e com as realidades, e foge dos apelos de conversão diante da Palavra de Deus.

2.3 – Há outro tipo de medo que pode nos afastar dos programas de formação contínua. É *o medo de conhecer-se a si mesmo* mais profundamente, especialmente na área psico-afetivo-sexual. Muitos cursos nestas áreas foram oferecidos pelos Núcleos da CRB pelo Brasil. Mas infelizmente, muitos religiosos clericais não freqüentaram essas oportunidades. Não há nenhuma dúvida de que a maioria dos Religiosos clericais reclamam que falta muita orientação nestas áreas humanas em nossa formação inicial, não só em teoria, mas na prática. E que a maioria ainda precisa de ajuda para crescer exatamente nestas áreas. Alguns Religiosos clericais sentem verdadeiro pavor de entrar e de tratar desses assuntos porque sabem que possivelmente vão acordar "bestas adormecidas" em seu ser. E esse processo exige um confronto com realidades dolorosas do passado. Mas

a finalidade dos cursos fornecidos pela CRB não foi somente acordar, mas também mostrar pistas para superar essas realidades em todos nós. Mas o medo está exatamente nisso: vou descobrir que *preciso mudar minha vida*, e que não posso mais culpar os outros por minhas deficiências e complexos. Infelizmente há muitos Religiosos clericais que têm pavor desses assuntos porque tiveram experiências negativas na sua formação inicial com formadores não profissionais que deixaram marcas desagradáveis. Mas essa realidade também pode ser superada se se acreditar que as pessoas que representam a CRB têm valor e profissionalismo e podem nos ajudar muito a superar "as bestas adormecidas" em todos nós.

2.4 – Uma das razões da resistência em procurar a formação permanente é um fenômeno cada vez mais evidente. Os Religiosos clericais estão *num estado de desgaste*; estão a caminho de uma estafa física e emocional, e por causa disso, a uma estafa espiritual que conseqüentemente pode levá-los a uma crise vocacional. A falta do clero diocesano por muito tempo foi solucionada pela presença de Religiosos clericais. Mas o trabalho constante e desgastante criou em muitos religiosos, especialmente em nós da segunda idade, um cansaço muito forte. Muitos perderam o sentido de "lutar" por seus ideais. Outros querem a paz, mas não acham forças para reassumir os caminhos de formação contínua. Muitos religiosos clericais estão sofrendo grandes decepções existenciais porque tudo pelo qual lutaram (o aspecto social da Igreja) está passando por uma reviravolta e isto causa decepção e desgaste físico e espiritual. Vêem seus valores, vividos com muita autenticidade e fidelidade, tornarem-se aparentemente "não-valores" pela nova geração de confrades e pelos religiosos (as) em grande número. Essa realidade causa uma crise forte no interior do religioso clerical e sua tendência é fechar-se em si mesmo e querer escapar de tudo. Ele não encontra forças para confrontar-se com o novo que traz a vida e muitas vezes a luz para sua condição atual. Um caminho para sair desse estado é assumir a necessidade de formação contínua. Inicialmente, uma parada "radical" pedindo à Província um tempo forte de recuperação (como um ano sabático) no qual poderia escolher os campos específicos nos quais sente que precisa de atualização, cura, descanso físico e direção espiritual no meio de crises espirituais e vocacionais. A Direção espiritual é um excelente exemplo de formação contínua. É necessário também uma redescoberta da essência da consagração religiosa (muitas vezes perdida na vivência de uma vocação puramente do clero diocesano). Também existe a possibilidade de projetar sua vida com mais realismo e entusiasmo e com novo sentido religioso. O programa do CERNE da CRB nacional, agora atuando em vários núcleos regionais, tem exatamente isso em mente. Somente a formação contínua pode oferecer tudo isso, mas muitos religiosos clericais não aproveitam o que lhes é oferecido nos programas de formação contínua.

2.5 – Uma forte "desculpa" para não assumir a formação contínua nos religiosos clericais é *o ativismo apostólico*. Devido à falta de clero diocesano, historicamente os religiosos clericais preencheram essa lacuna. Mas isso aconteceu com certo prejuízo dos aspectos religiosos de sua vocação. Pouco a pouco a identidade religiosa e os elementos dessa vocação foram sendo substituídos por ação pastoral. A identidade congregacional muitas vezes se perdeu no processo de simplesmente cumprir um "agir", enquanto o "ser" da vida consagrada era colocado em segundo lugar, se não esquecido totalmente. Coisas importantes, que nossas Constituições e Estatutos exigem de nós como religiosos clericais, foram colocadas num plano secundário e até perderam sentido: vida frater-

na, contemplação, carisma fundacional, comunidade de conversão em Cristo, o seguimento radical de Jesus, as três grandes renúncias evangélicas para poder viver a consagração. Tudo isso, pouco a pouco, foi deixado de lado. E quando o Espírito Santo sopra e chama seus religiosos à conversão, especialmente em nossos projetos provinciais, por meio de formação contínua, o religioso clerical sempre se acha justificado a não aparecer por causa do "trabalho urgente", especialmente nas paróquias. De repente, tal religioso começa a entrar em crise de identidade. Há pouca oração e intimidade com Cristo Sacerdote, sempre porque o trabalho não permite; muitos vezes vivem sozinhos sem comunidade de fato; quase nunca há retiros anuais com as mesmas desculpas de que o trabalho exige sua presença na paróquia; evita-se qualquer reunião que questione o ser e o agir da caminhada na Província segundo seu carisma e planejamento religioso. E o pior de tudo é que, no fundo do coração, o religioso clerical sabe que sua ação pastoral sem freios às vezes é uma fuga ao confronto com seu compromisso de consagração religiosa. Com a crise de vocações, parece que essa tentação vai aumentar cada vez mais, pois os Bispos simplesmente estão com dificuldades de achar agentes clericais e, querendo ou não, muitas vezes os mesmos Bispos não respeitam o ser religioso do religioso clerical. Os religiosos clericais precisam de formação contínua para aperfeiçoar seu ser e agir pastoral. Precisam de formação contínua para "abastecer" seu ser consagrado. Diante de tantas tarefas, os religiosos clericais precisam investir em momentos fortes e intensos de qualidade para recaptar a identidade perdida pelos anos. Cursos curtos, mas de qualidade, fornecidos pelos núcleos CRB, e pelos governos provinciais poderiam preencher essa necessidade.

2.6 – Finalmente, existe a *possibilidade de resistência na comunidade*. Essa atitude pertence mais a formação de uma comunidade do que ao indivíduo. Não somente os indivíduos religiosos precisam crescer, mas, muitas vezes, é a comunidade toda (local ou Provincial) que é chamada à formação contínua. No passado, sob o pretexto de caridade fraterna, quando um membro da comunidade optava por não crescer e bloqueava as tentativas da comunidade para agilizar a formação contínua, a norma era: "para manter a paz", deixamos o programa de formação contínua e abandonamos o que a maioria da comunidade está querendo. Hoje em dia essa desculpa não vale mais. Uma comunidade religiosa clerical não deve ficar para trás porque um irmão fez uma opção para parar de crescer. Deve haver uma votação democrática sobre possíveis programas de formação contínua, sim. Devem-se fazer tentativas na caridade de persuadir o confrade fechado a caminhar com o resto da comunidade, sim. Mas, se depois de tudo isso, o indivíduo ainda insistir em parar no tempo, o resto da comunidade deve caminhar sem ele. Deixe que esse irmão fique para trás (opção dele) com a esperança de que o bom exemplo do resto da comunidade possa puxá-lo prá frente com caridade e compreensão. Não é descaridoso caminhar diante da oposição de um ou outro. É caridade assumir a caminhada apesar da resistência de um confrade.

3. TENDÊNCIAS NA FORMAÇÃO CONTÍNUA HOJE

3.1 – Há certamente uma tendência para uma *formação holística*, isto é, uma formação que leve em conta todas as áreas de um consagrado clerical. Leve em conta a parte espiritual, a parte física — questões de saúde, a necessidade de lazer, a área psico-afetivo e sexual —, as exigências dos vários estágios de crescimento humano, es-

pecialmente nas crises da segunda e terceira idade, bem como a necessidade de aposentadoria com dignidade etc. Alguns religiosos clericos que fizeram uma caminhada com a formação contínua (como CERNE) experimentaram uma grande libertação nesse processo histórico. A formação holística certamente é mais humana e mais evangélica do que a formação que recebemos como noviços e juniores nos seminários maiores. Há muito para aprender – muito para tratar em todas as áreas de nossa vida – muito para *libertar*. Há necessidade de reaprender o casamento entre ação e contemplação que nutre nosso ser religioso e clerical. Há necessidade de cuidar de nossa saúde e ter tempo para lazer para recuperar o ser total. Há necessidade de buscar a ajuda espiritual de um irmão(ã) para falar das coisas que estão passando e de sua experiência de Deus. A leitura do livro lançado pelo grupo de reflexão de psicólogos da CRB seria um bom começo. (*A Segunda Idade da Vida Religiosa*, publicações CRB/1995). Muitos de nós religiosos clericais precisamos encontrar essa nova e libertadora formação holística em nossas vidas.

3.2 – Inclui-se nessa formação holística a necessidade de *atualização teológica e intelectual.* Precisamos admitir que o mundo teológico conseguiu, e ainda está conseguindo, avanços enormes desde que nós estudamos filosofia e teologia. Aqui, quero frisar, que não me refiro somente aos religiosos clericais da segunda idade. Muitos jovens Religiosos clericais se encaixam nessa necessidade de atualização teológica. Por falta de formação contínua nesta área intelectual, estamos ficando para trás e precisamos de uma atualização que só pode acontecer com um programa provincial de formação contínua. Como missionários, confessores, pregadores da palavra e como diretores espirituais de religiosas e outros religiosos clericais precisamos estar em dia com os avanços teológicos. Os peritos de nossas Congregações ou de outras Congregações masculinas e femininas podem nos ajudar fornecendo cursinhos, ou ao menos indicando leituras essenciais sobre determinado assunto pastoral. Também a maioria de nós precisa de uma atualização sobre o tema da pós-modernidade para entender as necessidades do povo de Deus. Há carência de capacitação segundo as necessidades da Igreja e os apelos da realidade.

3.3 – *A formação espiritual*, incluída nessa formação holística, é uma área muita esquecida pelos religiosos clericais. Cada fase ou estágio da caminhada na consagração religiosa precisa de crescimento porque sem ele há somente morte. Há necessidade de se redescobrir a teologia da consagração religiosa. Há necessidade de se redescobrir o chamado para ter intimidade com Deus, e, especialmente, experimentar seu amor incondicional e sua misericórdia libertadora. Há necessidade de se perceber, confrontar e superar os problemas específicos de cada estágio. Há a necessidade de se redescobrir o sentido de direção espiritual e a partilha de sua experiência de Deus com um outro (a) que de fato é capaz de ajudá-lo a crescer no amor a Deus e ao próximo. Há a necessidade de se redescobrir e reacender o fogo de seu amor inicial com mais maturidade e autenticidade. Hoje há necessidade de se redescobrir e viver o carisma congregacional buscando meios de viver esse carisma segundo suas capacidades. Há necessidade de muito perdão – perdão de raivas não resolvidas – de mágoas. Há necessidade de se assumir o perdão a si mesmo. Há necessidade de se colocar "a casa em ordem" espiritualmente.

3.4 – Também há a necessidade de acolher e atualizar todos os avanços *na área pastoral*, que se fizeram grandes desde que estudamos no seminário. Como podemos pregar melhor, como animar nossas liturgias, como captar os problemas do povo, como cuidar de grupos específicos e cres-

centes na Igreja como, por exemplo, divorciados, dependentes de drogas e álcool etc. Há muitas coisas nessa área que somente podem ser resolvidas com um programa de atualização pela formação contínua.

3.5 – Precisamos investir também na *formação contínua de nossas fraternidades*. Há toda uma releitura da vida em comunidade que nós, ou não tivemos na formação inicial, ou esquecemos. Há muito mais ênfase na amizade evangélica e na fraternidade do que no individualismo que reinava como uma "virtude" na formação inicial na maioria das congregações clericais. Hoje há uma ênfase maior nas reuniões da comunidade, mas reuniões de qualidade em que há ajuda mútua e, mais doloroso, conforto evangélico sobre nosso ser e agir religioso. Às vezes, o que falta para os religiosos clericais são meios adequados para realizar tudo isso. Nós não fomos formados para fazer tudo isso. Portanto, precisamos aprender e viver por meio de formação contínua. Mais do que nunca, a vida em comunidade precisa ser de qualidade para ser uma ajuda de crescimento e apoio aos membros da comunidade religiosa clerical.

3.6 – E finalmente, há necessidade de formar novas idéias sobre *o papel do Superior* da comunidade Religiosa clerical. Já se foi a idéia da autoridade como "pirâmide" quando tudo vinha de cima para baixo sem consulta. Infelizmente algumas congregações clericais ainda seguem esse modelo e por isso estão perdendo vocações. Mas também já se foi o período de anarquismo no qual todos determinaram tudo sem a consulta e consenso da comunidade. O novo conceito, que só pode ser acolhido num processo de formação contínua, é co-responsabilidade. A co-reponsabilidade indica que todos os membros de uma comunidade são co-responsáveis em buscar e executar a vontade de Deus. A responsabilidade não é só do superior que deixou os outros membros escapar de sua responsabilidade na obediência. Mas todos são co-responsáveis. É difícil acolher essas novas idéias sobre obediência evangélica e, pior, colocá-las em prática. Também está sendo redescoberta a finalidade do Superior numa comunidade como o "guia espiritual" de seus irmãos ou como seu *Pastor*. É necessário que nossos Superiores tenham formação contínua nessa área e tenham tempo para sentar e falar individualmente com seus membros, ao menos uma vez por mês, para nos animar, nos consolar, e nos desafiar para crescer em nossa vocação.

Espero que essa partilha possa ajudar meus co-irmãos Religiosos clericais a assumir com coragem os caminhos de formação contínua e permanente. Para meus irmãos que estão num desgaste físico, emocional, ou vocacional, busquem um tempo forte de parada para se abastecer em todas as áreas de sua vida. E que todos nós sejamos mais fiéis aos programas de formação contínua oferecidos pelos núcleos da CRB, pela Província e pela Congregação.

DOCUMENTO FINAL
VIVER E COMUNICAR CRISTO MESTRE NO AREÓPAGO DA COMUNICAÇÃO

Filhas de São Paulo – Irmãs Paulinas

Documento — mensagem do VII Capítulo Geral — Irmãs Paulinas

Reunidas no VII Capítulo Geral, à vigília do Terceiro Milênio, um momento histórico para a humanidade, para a Igreja e para nós, acompanhadas pela oração de todas as irmãs da Congregação, fomos convidadas a entrar em estado de "vigilância" para uma escuta do "que o Espírito quer dizer", através de eventos e palavras que nos reuniram de todas as partes do mundo, e sobre as quais devemos discernir as pistas para um novo caminho.

"Sentinela, quanto falta para terminar a noite?" (Isaías 21,11). Esta pergunta do profeta nos questiona sobre a nossa missão de "sentinela de Deus" e sobre o dever de todas as Paulinas de perscrutar os sinais dos tempos, para poder dizer aos nossos irmãos e Irmãs "de que parte vem a aurora" e de onde surge a luz que ilumina a humanidade.

I. UMA VIGÍLIA HISTÓRICA

Vindas de muitas nações, trouxemos no coração o eco dos grandes eventos da humanidade, da Igreja, da Congregação que nos envolvem profundamente, como cidadãs do mundo e como apóstolas de Cristo.

Nestes últimos anos fomos testemunhas oculares — graças também à televisão — de alguns notáveis acontecimentos históricos, socioculturais e políticos que nos surpreenderam e continuam a interrogar-nos, por suas implicações sobre o caminho da humanidade: a passagem à cultura pós-moderna e o atual processo de mudança radical, determinada também pela civilização da comunicação numa sociedade de consumo fragmentada e individualista; o desmoronamento das ideologias e dos regimes totalitários, com o ressurgimento dos novos nacionalismos e das novas guerras técnicas; a queda das fronteiras e o grande fluxo das imigrações dos povos do Sul para o Norte, do Leste para o Oeste do mundo, com ulteriores desequilíbrios e a emergência de novas formas de marginalização, de violência, injustiças, pobreza; a irrupção de formas de religiosidade e a rápida difusão do islamismo.

"Sentinela, quanto falta para terminar a noite?"

São alguns dos grandes desafios que, hoje, junto a todo o povo de Deus, somos

chamadas a enfrentar na evangelização de um mundo em movimento, mas que manifesta uma nova sede do absoluto e dos valores transcendentais.

No contexto deste processo de radical transformação, que muda o cenário do mundo e os costumes dos povos, vivemos na Igreja acontecimentos significativos que nos trouxeram luz e orientação: os últimos Sínodos dos Bispos, as viagens missionárias e ecumênicas de João Paulo II, suas grandes Encíclicas, com palavras iluminadoras sobre questões de vital importância para os homens e mulheres de nosso tempo e para a própria Igreja.

Lembramos de modo especial a Encíclica *Redemptoris Missio* que constitui para nós um ponto de referência para a missão: a carta apostólica *Tertio Millenio Adveniente* que prepara o jubileu do ano 2000 e traça um caminho eclesial "centrado em Cristo", Redentor do mundo, orientação esta que confirma a atualidade do caráter cristológico da nossa espiritualidade.

Como Congregação, nós, Filhas de São Paulo, vivemos acontecimentos históricos densos de significado e dinamismo apostólico; o novo Projeto Missionário, que dilatou o nosso coração e alargou os horizontes para um contributo à evangelização com novas presenças paulinas em diversas nações; o Centenário de nascimento da Primeira Mestra Tecla e o Octogésimo aniversário de fundação, que nos estimularam a redescobrir as nossas "santas raízes", de onde nasce a esperança do futuro.

E agora, a caminho para o novo milênio, nos preparamos para celebrar, na noite que separa os dois séculos, o Centenário da intuição de Pe. Alberione.

Este próximo aniversário já desperta em nosso coração o anseio do Fundador quando se perguntava: "Para onde caminha esta humanidade que se renova continuamente sobre a face da terra?" À luz que recebeu do convite de Jesus: "Vinde a mim todos" desperta, também em nós, o desejo de "fazer alguma coisa" pelos homens e mulheres deste tempo, a fim de que o novo milênio seja "fundado em Cristo".

Foi no contexto destes acontecimentos que se desenvolveu nossa reflexão sobre o "caminho da Congregação". À luz das contribuições oferecidas por todas as irmãs, caracterizamos a situação do Instituto nos vários componentes de sua vida, para projetar os novos caminhos.

De modo especial escutamos, com vivo interesse, os relatórios das representantes das diversas Circunscrições, o relatório da Ecônoma Geral e, sobretudo, o relatório da Superiora Geral, que traçaram um quadro vasto e analítico da atual configuração da Congregação nas diversas dimensões do nosso carisma, o caminho realizado, as atuais problemáticas, os desafios da sociedade e as orientações que a Igreja nos oferece.

Com a ajuda de alguns peritos, renovamos nossa reflexão sobre o tema específico deste VII Capítulo: "Apóstolas de Jesus Cristo no mundo da comunicação" e acolhemos indicações significativas para o presente e o futuro da nossa missão.

O ponto alto desta reflexão iluminativa foi-nos oferecido pelo discurso do Papa João Paulo II que nos definiu: "apóstolas da comunicação" e nos focalizou a grandeza de nossa missão e a responsabilidade de nosso dever de sermos testemunhas de Jesus mestre no campo da comunicação.

Acolhemos no coração uma grande riqueza de estímulos e de propostas, das quais emergem, claramente, duas linhas mestras e convergentes, duas palavras-chaves orientadoras: Cristo e Comunicação.

II. PARTIR DE CRISTO MESTRE

Filhas de São Paulo, mulheres consagradas apóstolas. "Apóstolas de quem"?

Esta pergunta nos questionou e ainda nos questionará. Para responder a nós mesmas e aos outros, de quem somos verdadeiramente apóstolas, sentimos que é indispensável partir Daquele que nos chamou e nos envia. Partir de Cristo, o Mestre, o Caminho.

Na "pausa para a reflexão" de toda a Congregação em vista do VII Capítulo Geral, e no próprio Capítulo, emergiu, com grande vigor, o desejo de darmos qualidade evangélica à nossa vida "centrando-nos em Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida" para sermos apóstolas e para "viver e comunicar Cristo".

Esta renovada consciência de nossa identidade se transforma agora num "propósito", suscitado certamente pelo Espírito Santo, que o Pai de Jesus e nosso, faz nascer no coração de cada uma. Cremos que foi o Espírito que nos "sugeriu" assumir a orientação cristológica como eixo do objetivo geral para os próximos anos.

Neste momento histórico, sentimos o dever de retomar literalmente as palavras do Fundador: "No centro está Jesus Cristo", no centro de nosso ser paulinas.

Cristo está no centro de nossa vida. Abre-se diante de nós a grandeza da experiência de Paulo, para o qual o "viver é Cristo"(Cf. Fl 1,21). Também nós estamos em crescimento rumo à plena maturidade, até que Cristo seja formado em nós (Cf. Gl 4,19). É a meta da nossa espiritualidade, que se caracteriza por uma interioridade comunicativa: "viver em Cristo" como Cristo vive no Pai, para sermos comunicadoras de seu amor ao mundo.

Como Paulinas, somos chamadas a ser, ao mesmo tempo, "Marta e Maria", contemplativa na ação, a exemplo de Mestra Tecla. Permanecendo interiormente na escuta orante do Mestre, realizamos o "serviço do Evangelho" aos povos. O mestre é o nosso "hóspede permanente", e a fonte que alimenta os pensamentos, os sentimentos e as energias apostólicas.

Na missão seremos um sinal de Cristo, de sua pobreza, de sua obediência filial, de seu amor oblativo ao Pai e aos irmãos até a entrega total.

Cristo no centro da comunidade. Na raiz de nossa vida fraterna encontra-se a promessa de Jesus: "Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles".

O Mestre é o nosso "hóspede permanente" a fonte que alimenta os pensamentos, os sentimentos, as energias apostólicas.

Esta presença de Jesus numa comunidade é a luz que arde e ilumina. Diante de nós está o exemplo da comunidade apostólica e das primeiras comunidades cristãs, que experimentaram, sensivelmente, a presença do Ressuscitado e o dom do Espírito, que as tornou testemunhas e missionárias. É nelas que queremos inspirar-nos.

Também nós somos chamadas a viver esta experiência do Cenáculo, na escuta da Palavra, assíduas à oração e à Eucaristia, solidárias na partilha dos bens. Se vivermos a comunhão e a unidade no pluralismo, num estilo de vida evangélica, as nossas comunidades serão proféticas e comunicadoras do Evangelho nos diversos contextos culturais.

Cristo no centro da missão. O Evangelho é Cristo. Ele é a boa notícia que o mundo espera de nós. Na base de nossa missão está uma profunda relação com Cristo e com o seu mandato: "Como o Pai me enviou, assim eu vos envio". "Permanecei no meu amor". Somos o prolongamento de seu corpo, no tempo, para realizar a sua mesma missão em meio à humanidade. Cristo em nós transmite-nos seu

olhar de amor ao mundo de hoje, sua compaixão pela multidão cansada e com fome, e nos torna continuadoras de seu convite: "Vinde a mim todos".

Há, entre nós, as que sentem mais profundamente o grito dos pobres e dos oprimidos, o apelo das mulheres e o choro das crianças, o desnível entre o Norte e o Sul do mundo, a desorientação dos jovens e de todos aqueles que buscam o sentido da vida. Sensíveis aos apelos da humanidade, somos enviadas ao encontro dos nossos irmãos e Irmãs para proclamarmos, como Cristo, o "tempo de graça" e de libertação, o tempo de esperança.

"Viver e comunicar Cristo" — uma realidade de fé e o itinerário missionário a percorrer sempre de novo. A cada uma e a todas juntas compete acolher o significado desta escolha para um renovado caminho com Cristo, com o Mestre que se torna nosso Companheiro de viagem como aos discípulos de Emaús, mas também o Caminho que nos é oferecido pelo Pai para uma plenitude de Verdade e de Vida.

III. ENTRAR NO AREÓPAGO DA COMUNICAÇÃO

"Comunicar Cristo" no areópago dos tempos modernos. Essa é a nossa missão. No início do Capítulo, um convite nos atingiu profundamente: "Levanta-te e entra na cidade, lá te será dito o que deves fazer" (At 9,6).

A ordem de Jesus a Paulo no caminho de Damasco foi renovada para nós com toda a sua força. Um apelo à conversão, um convite a entrar "na cidade": a cidade da humanidade transformada em "aldeia global", o mundo da comunicação. Um convite a entrar, como Paulo, no centro desta cidade planetária, o areópago da comunicação.

Com a encíclica *Redemptoris Missio*, a Igreja nos conduziu diante das portas desta cidade e nos convidou a entrar para evangelizá-la (Cf. RM 37c). E adverte que, "nos nossos dias, a mídia constitui não somente um mundo, mas uma cultura e uma civilização. Os arautos do Evangelho devem entrar para deixar-se permear por esta nova civilização e cultura, para oportunamente, saber servir (Ecclesia in Africa, n° 71).

Entrar, deixar-se permear assumindo esta nova civilização é o itinerário de Cristo que "entrou no mundo", "assumiu um corpo", fez-se homem para salvar a humanidade. É com o mesmo espírito e a atitude interior de Cristo, com a mesma fidelidade que nós somos convidadas a assumir o mundo da comunicação.

"A mídia constitui hoje não somente um mundo, mas uma cultura e uma civilização".

Sentimos a necessidade de acolher a urgência do convite da Igreja de reforçar a nossa caminhada para enfrentar os desafios do "primeiro areópago dos tempos modernos", lugar de mudança, de cultura, de política, onde se decidem as escolhas de vida e de morte.

Nesta reflexão sobre o presente e o futuro da missão, compreendemos melhor que a intuição profética de Alberione antecipou os tempos ao assumir a realidade em transformação para abrir novos caminhos ao Evangelho.

As orientações da Igreja, hoje, alargam os horizontes apostólicos. Enquanto nos entusiasma o reconhecimento da atualidade do nosso carisma, sentimos que a sua plena atualização, em nosso tempo, comporta algumas exigências.

Antes de tudo, isso exige de nós uma conversão e uma mudança de mentalidade para assumirmos, com amor, "o processo da comunicação global" que envolve relações profundas com Deus, com os outros, com toda a humanidade. A rápida trans-

formação das tecnologias e o fenômeno da comunicação exigem de nós um novo empenho espiritual, de formação integral e de preparação específica para chegarmos a ser testemunhas de Cristo, expertas em comunicação para agir, com senso profético e crítico, num contexto que se configura como "lugar de fronteira" da evangelização.

Neste contexto de transformação, que envolve todos os povos e todas as culturas, não podemos agir sozinhas, mas em sinergia, em comunhão e em colaboração entre nós, com a Pia Sociedade de São Paulo e a Família Paulina, com toda a Igreja e com as diversas Igrejas particulares nas quais vivemos, sobretudo, com os leigos cristãos profissionais em comunicação; mas também em sinergia com as pessoas e organismos de comunicação, atentas aos valores humanos e cristãos. Neste sentido, percebemos vivamente a orientação do Fundador de trabalhar na Igreja e com a Igreja.

O nosso contributo à nova evangelização se dá na "qualificação" dos conteúdos. Enquanto ao nosso redor as grandes religiões falam de Deus, nós, junto aos cristãos de todas as confissões e, em particular como paulinas, sentimos a necessidade de "comunicar o nome de *Cristo* ao mundo" — este é o Nome, o Evangelho que Paulo anunciou no areópago. É a herança do nosso Fundador. Esta "concentração cristológica" do nosso anúncio requer de nós uma verdadeira capacidade de diálogo ecumênico e inter-religioso.

Hoje, com nova consciência, sentimos a urgência de fazer nossos os três grandes amores do Apóstolo: *Cristo*, a *Igreja*, a *Humanidade*. Uma humanidade sempre mais atormentada e sofredora, necessitada de amor e de salvação.

Hoje, com nova consciência, sentimos a urgência de fazer nossos os três grandes amores do Apóstolo: Cristo, a Igreja, a Humanidade

A nossa comunicação na Igreja de Cristo comunicador do amor do Pai a todos os seus filhos deve exprimir sempre mais o espírito de Paulo que soube fazer-se "tudo para todos". A abertura universal e a inculturação são duas dimensões essenciais da nossa missão para oferecer a todos o Evangelho da Vida, para que a semente da Palavra de Deus possa produzir fruto no coração dos povos.

IV. A CAMINHO

Parece ouvirmos ainda hoje o convite do Primeiro Mestre: "A Igreja está a caminho. A mulher está a caminho. A caminho, Filhas de São Paulo, levem a verdade na caridade".

Não chegamos ainda a todas as nações do mundo. Ainda não descobrimos todas as possibilidades de anúncio. Ainda não usamos todos os meios mais rápidos e eficazes. Ainda não aprendemos todas as línguas.

"Viver e comunicar Cristo", como Paulo, é o nosso carisma na Igreja e a nossa oferta ao mundo. Mas é uma tarefa e um caminho de horizontes infinitos. Sentimos, em nosso coração neste momento mais do que nunca, a promessa de Cristo que o Fundador nos deu como herança: "Não temais; eu estou convosco. Daqui quero iluminar".

Diante do futuro, que não só avança, mas que já é presente, nos sentimos "insuficientes em tudo", mas nos apoiamos no "Pacto" que nos assegura a fidelidade de Deus, e nos lançamos para a frente com o espírito de Paulo, a perspectiva profética de Pe. Alberione e com a fé humilde e corajosa de Mestra Tecla.

Com Maria, Rainha dos Apóstolos, que nos precede no caminho, e com o "Segredo de êxito" no coração, *re*-partimos de Cristo, sabendo que ele vem ao nosso encontro no caminho de um futuro pleno de esperança.

A AUTOBIOGRAFIA DE JESUS

Pe. Nicola Masi
Belém - PA

A autobiografia de Jesus não termina. Ela se desenrola e cresce. Cada qual é convidado a continuá-la com a mesma honestidade, transparência e sinceridade dele.

Sempre gostei de me achegar às pessoas, crianças, adultos, mulheres, velhos, cultos, analfabetos. De ler o mistério que se esconde neles, o sentido de suas vidas, a expectativa de um futuro. Se são pessoas da montanha, que pensam e respiram alto, ou se são pessoas da planície com pulmões entupidos e coração fatigado. Que maravilha poder entrar na cabeça de um Sócrates, de Platão, Aristóteles, Agostinho, Dante, Pascal, Leonardo da Vinci, Einstein. Poder penetrar no coração de Maria Madalena, Francisco de Assis, Catarina de Sena, Vicente de Paula, Gandhi, Oscar Romero. Li com paixão os livros-entrevistas de Paulo VI, Guitton, do Card. Lustiger, Haering, Schillebeeckx. Gostaria de falar com tantas pessoas, penetrar no fundo de suas almas, me deixar encher das suas riquezas. Mas quantas vezes me surpreendi a desejar penetrar nos segredos daquele homem único que se chama Jesus Cristo. Será que se pode encontrá-lo? Terá ele escrito algo? Talvez sua autobiografia? Pensava sonhar. Mas não era sonho. Cristo escreveu de verdade sua autobiografia.

I. UM HOMEM COM UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA

Se é certo o que dizem dele, nem dá para imaginar a profundidade de tudo aquilo que ele viveu e experimentou. Pensei em Bach. Ele deve ter passado por todo o mundo da música, por todo o encanto da harmonia. Mas ele não experimentou o que se passou no espírito de Vivaldi, de Beethoven, de Mozart. Todos eles viveram nos cumes, mas ninguém conseguiu sentir o êxtase da harmonia de tudo. Sempre ficavam partes absolutamente inexploradas. Em Jesus não. Tudo foi explorado, sentido, experimentado em largura, comprimento, altura, profundidade. Deus ele o experimentou em tudo, coestendeu-se com ele, identificou-se com ele. Aliás, era ele o Deus único e verdadeiro. De outro lado ele era homem, homem verdadeiro. Era homem autêntico, que fez a experiência mais viva. Foi criança, foi adulto, teve fome, teve sede, ficou cansado, precisava de compreensão e de amizade, abraçou crianças, chorou, se sentiu traído, implorou ao Pai. E teve de enveredar pelo grande caminho da solidão, sozinho diante da morte, sem ver mais nada, fechando os olhos e só confiando no Pai. Foi condenado, despido, cravado na cruz, para que todos pudessem perceber que era homem verdadeiro, e não um fantasma. Verdadeiramente uma experiência única. Ninguém sabe como é Deus e ninguém mais do ele sabe como é o homem.

II. UM HOMEM QUE TEM MUITO A COMUNICAR

Ele, portanto, tem o coração cheio, o

espírito repleto de um mundo de coisas a comunicar. Ele sabe tudo do homem: suas tristezas, suas decepções, suas aspirações mais profundas, seu desejo de um mundo mais limpo, mais decente. Ele sabe onde está o sentido da vida, de onde vem, para onde vai. E ele gostaria de nos pegar pela mão, nos ajudar a percorrer o mesmo caminho dele. Aliás, ele se faz nosso caminho, coestende seus passos com os nossos passos, nos acompanha como fez com os discípulos de Emaús quando, nós também, tristes e decepcionados, deixamos Jerusalém, o lugar da nossa missão, e voltamos para casa. E no caminho ele nos fala, esquenta os nossos corações, abre nossos olhos e partilha o pão conosco. E nos diz que ele está sempre conosco, se esconde nas crianças, nos velhos, nos pobres, nos doentes, nos presos, nos marginalizados. E nos pede que não tenhamos medo. Ele está lá, à nossa espera, preparando uma casa para nós.

E de Deus o que é que ele vai nos dizer? Uma coisa inédita: que Deus é comunhão e o ar que ele respira é AMOR. É por amor que ele quis o homem à sua imagem. Aliás, quis ele também experimentar o que quer dizer ser homem. E amou tanto este homem que quis ele mesmo pagar todas as dívidas dele, carregando a cruz, todas as cruzes, de todos os homens. E, enfim, nos revelou que este Deus enxugará todas as lágrimas e irá fazer tudo novo, céu novo e terra nova, e será o TUDO de TODOS. Tudo isso Jesus veio nos contar.

III. OS CAMINHOS PARA SE COMUNICAR: ELE ESCREVEU UM DIÁRIO

Jesus viveu tudo isso condensado na sua vida. Quem o via via o Pai. Dizem que tinha um amor especial pelos pecadores, tinha amizades de uma ternura infinita, sabia falar com mulheres tão sofredoras, aceitava o carinho delas e as escolhia para anunciar seus mistérios. Acariciava leprosos, abria olhos de cegos a visões desconhecidas, mandava mulheres recurvadas levantar a cabeça, chamava os pobres, seus amigos, de bem-aventurados. Tudo nele fala. Não tinha máscara. Era infinitamente transparente. Era gostoso ser um homem assim. Quem estava cansado de ser homem, quem tinha perdido o sentido da vida, da própria humanidade, com ele recuperava o gosto, a vontade de voltar a ser homem e homem como ele.

E chegou a falar de si próprio, a escrever sua autobiografia. Ele não disse que falava de si, de seu Pai, dos seus amigos, das suas bodas, das suas ovelhas. Mas a gente sabe. Ele contou como se fosse de outra pessoa, usando parábolas, mas falava de si. Aí sabemos que foi chamado pelo Pai de "filho amado", e essa foi uma experiência inesquecível. Ele fez de tudo, passou por todas as profissões. Foi pescador, agricultor, pastor, carpinteiro. É ele aquele semeador que joga semente em abundância. É ele o agricultor que suplica o Pai para não cortar a figueira infrutífera, a ter paciência por mais um ano. É ele o pescador que lança a rede e apanha peixes de toda espécie. É ele o pastor que chama as ovelhas por seu nome, conhece um por uma, corre atrás da perdida, carrega-a no colo, se alegra com os vizinhos. É ele que varre a casa para encontrar a moeda perdida. É ele que cava a terra para encontrar tesouro. É ele que coloca o fermento ansioso que a massa cresça e se torne pão nutriente e saboroso. É ele "Lázaro" que se identifica como pobre, com cada pobre, e é obrigado a comer das migalhas disputadas pelos cachorros. É ele o esposo que casa com a humanidade e manda convidar ao seu banquete pobres, coxos, cegos. É ele patrão rico em misericórdia, que perdoa montanhas de dívida e corre a defender o devedor não perdoado. É ele que distribui talentos, fazendo-nos responsáveis de cidades e administradores da sua família. É ele o samaritano que gasta tudo o

que tem por um estrangeiro meio morto. É ele que manda para casa o fariseu carregado de outro pecado e o publicano explodindo de alegria. É ele o administrador acusado de ser infiel e de esbanjar as riquezas do Pai: ele, de fato, perdoava todas as dívidas. Tinha gente que não agüentava mais, queria eliminá-lo. Jesus o sabia e então contou a história daquele patrão da vinha que enviou seus servidores a pedir os frutos aos empreiteiros. Mas estes apanharam os servos, espancaram e mataram. Então o patrão mandou "o seu filho bem-amado", pensando: "A meu filho eles vão respeitar...". Mas os empreiteiros disseram uns aos outros: "Este é o herdeiro; vamos matá-lo e ficarmos com a herança". Agarrando-o, mataram-no e o lançaram fora da vinha".

Aqui termina o diário de Jesus. Bastante resumido. Pois ele, de verdade, foi traído, preso, julgado, condenado, morto.

Para muitos terminou o pesadelo. Mas muitos disseram que o viram de novo vivo. Juravam e estavam até dispostos a jogar a própria cabeça sobre a verdade do fato. Falava-se abertamente de ressurreição. Uns riam, outros caçoavam, mas outros acreditavam. E começou a circular aquele conto de Jesus a respeito daquele rei (e agora os cristãos entendiam que o rei era o próprio Jesus) que julgaria a todos e separaria cordeiros e cabritos. E a coisa mais impressionante era que agora aparecia claro que o pobre era Jesus, o preso era Jesus, o nu era Jesus, o faminto era Jesus, o excluído era Jesus.

IV. O DIÁRIO NÃO ESTÁ TERMINADO

A autobiografia de Jesus não está terminada. Mas deve ser continuada, pois ele vive conosco. "Eu estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo" (Mt 28, 20). Sua história de hoje não pode andar perdida. Alguém deve contá-la. Alguém deve escrever este diário. Mas já sei. O diário está na mão da lavadeira que toda noite acrescenta umas linhas grossas e tortas. O diário está na mão calosa do lavrador e o pedreiro meio analfabetos. As letras deles são graúdas e pesadas. O diário está na mão de uma velha. A gente se dá conta, pois a escrita é trêmula, quase incompreensível. O diário passa na mão de inúmeras crianças, perdidas na rua. Elas escrevem com caracteres enormes: "Pai, porque me abandonaste"? E o diário passa na mão de uma freira, de um bispo, de um padre. Que tipo de Jesus estarão eles vivendo? Que tipo de segredo estarão experimentando e comunicando? Será um diário autêntico? Vão esconder alguma coisa? Vão mudar o sentido das palavras? O rosto de Jesus sairá claro, inteiro, transparente? Meu Deus, que sejam sinceros, que sejam honestos, não usem de truques.

E assim, dia após dia, a autobiografia de Jesus se desenrola e cresce. Lá, no céu, o Pai está preparando para colocar a palavra FIM a este conto maravilhoso, ou talvez, tenha pronta outra palavra que diz assim: INÍCIO DA TERRA NOVA E DO CÉU NOVO EM CRISTO JESUS.

convergência

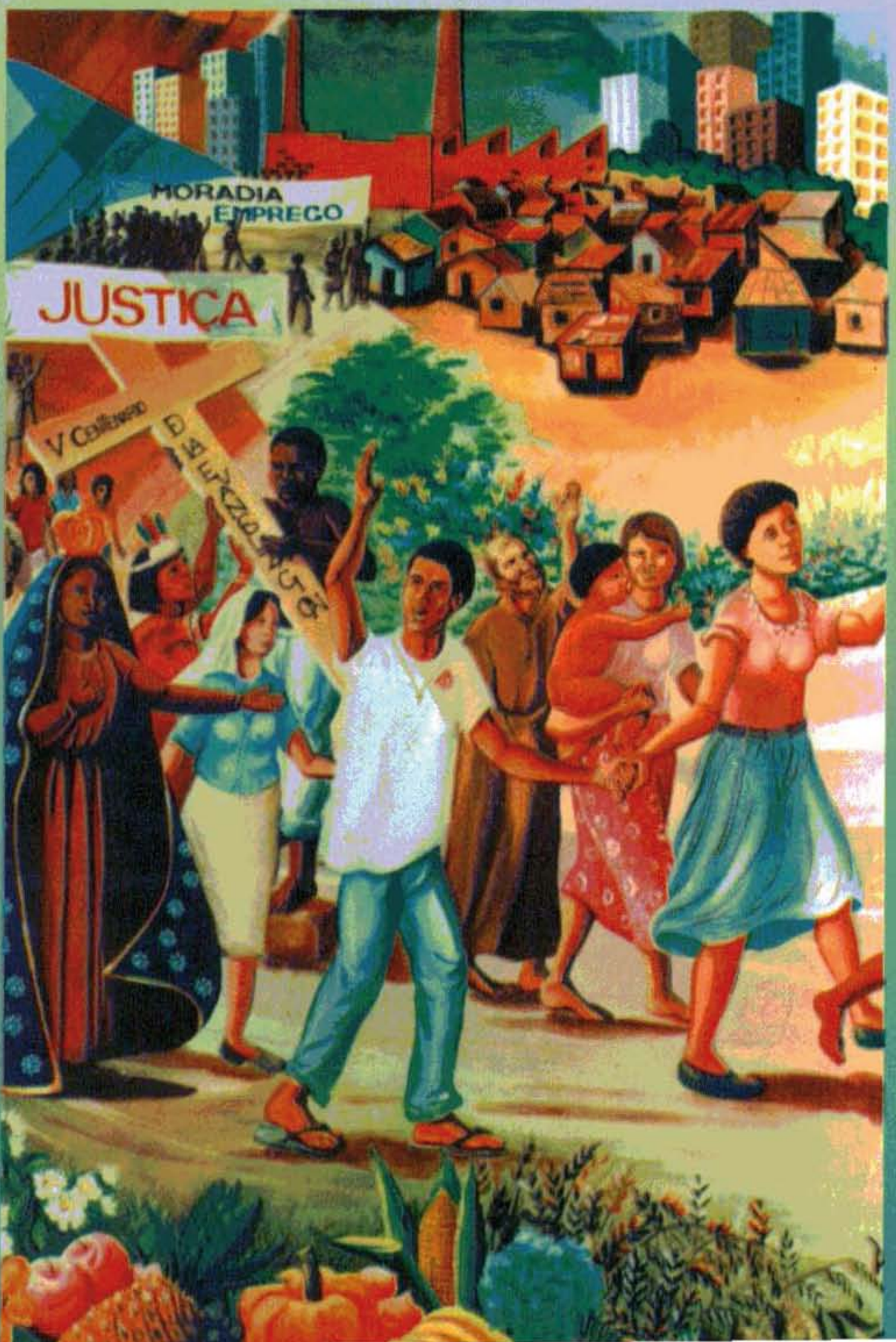
MARÇO • 1996 • ANO XXXI Nº 290

A EXPERIÊNCIA DOS RELIGIOSOS INDÍGENAS HOJE

Frei Florêncio Almeida Vaz

A CRISE DA MODERNIDADE BRASILEIRA E OS DESAFIOS PARA A VIDA RELIGIOSA

Pe. Inácio Neutzling, SJ



SUMÁRIO

EDITORIAL
JUSTIÇA E PAZ SE ABRAÇARÃO 75
Pe. João Roque Rohr, SJ

PALAVRA DO PAPA
"DAI-LHES VÓS MESMOS DE COMER"
(MT 14,16) 77

A EXPERIÊNCIA DOS RELIGIOSOS
INDÍGENAS HOJE 79
Frei Florêncio Almeida Vaz

ESTUDOS ESPECIALIZADOS NA VR 85
Pe. Márcio Fabri dos Anjos, CSSR

ASPECTOS QUE MARCAM A VR 91
Lina Boff, SMR

A CRISE DA MODERNIDADE BRASILEIRA 97
Pe. Inácio Neutzling, SJ

ESPIRITUALIDADE: A VIDA EM COMUNIDADE .. 111
Pe. Agenor Girardi, MSC

CAPÍTULO LOCAL: UM ESPAÇO P/ A PARTILHA
DE VIDA E P/ DECISÕES PARTICIPATIVAS 114
Frei Silvestre Gialdi

FORMAÇÃO PERMANENTE NAS
CONGREGAÇÕES CLERICAIS 125
Pe. Lourenço Kearns, CSSR

DOCUMENTO FINAL
VIVER E COMUNICAR CRISTO MESTRE 131
Filhas de São Paulo — Irmãs Paulinas

A AUTOBIOGRAFIA DE JESUS 136
Pe. Nicola Masi

NOSSA CAPA

Detalhe-arremate do Painel sobre os 500 anos de Vida Religiosa no Brasil, de autoria dos artistas populares Anderson Sousa Pereira, MSC, e Elda Broilo, SC. Mostra a caminhada ou, melhor, a marcha confiante da Igreja de hoje. O segredo é a fé. O seu Deus-Libertador é Jesus de Nazaré. Os pobres sustentam a cruz da Evangelização. Solidária com eles, segundo e seguindo o Evangelho, a Igreja participa de suas lutas na cidade e no campo. A Mãe de Deus, a Virgem Maria, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, indica a direção do amanhã. Vai à frente. Religiosos, mulheres e homens, se misturam. Somos um povo que alegre vai. O caminho é a nossa casa. Sempre estamos indo. Peregrinos no campo, na cidade, na favela e muito mais. Nos olhos, muita luz. Lá, bem dentro, a esperança que conduz (**Pe. Marcos de Lima, SDB**).

ASSINATURA PARA 1996:

BRASIL: taxa única
Terrestre ou aérea ..... RS$ 50,00

EXTERIOR: taxa única
Terrestre ou aérea ..... RS$ 85,00
Número avulso (Brasil) ..... RS$ 5,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

convergência
Revista Mensal da
Conferência dos Religiosos
do Brasil: CRB

DIRETOR-RESPONSÁVEL:
Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:
Ir. Afonso Tadeu Murad, FMS • Pe. Francisco de Assis Taborda, SJ • Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Frei Luiz Fernando Peixoto, OFM
Frei Prudente Nery, OFM Cap.

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
Cinelândia • Tel.: (021) 240-7299
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:
Edições Loyola
Rua 1822 n. 347 • Ipiranga
04216-000 • São Paulo • SP • Tel.: (011) 914-1922

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do DPF sob o n. P.209/73

CONFERÊNCIA
DOS RELIGIOSOS
DO BRASIL: CRB NACIONAL
Rua Alcindo Guanabara, 24 – 4º andar – Cinelândia – Tel.: (021) 240-7299
20038-900 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
Março de 1996

A Palavra de Deus é a fonte primordial da espiritualidade, ou seja, uma vida segundo o Espírito, abertura ao conhecimento e ao reconhecimento de Deus e de comunhão com ele no serviço da Igreja e do mundo, porque a **Palavra gera, irriga, mantém e renova a fé**. O objeto da fé é sempre a Palavra de Deus. A fé que de nós postula a Vida Religiosa põe em relevo esta verdade. Diante, pois, da Palavra Deus, crer naquilo que se lê e ler para ampliar aquilo que se crê.

– Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar insosso, com que o salgaremos? Para nada mais serve, senão para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre o monte. Nem se acende uma lâmpada e se coloca debaixo do alqueire, mas no candelabro e assim ela brilha para todos os que estão em casa. Brilhe a vossa luz diante dos homens, Mt 5, 13-16.

Vós sois sal. O sal dá gosto e sabor. O sal preserva. Não deixa deteriorar. O sal conserva. Dá perenidade. **Vós sois luz**. A luz ilumina para se ver melhor. A luz aquece. Calor humano, dimensão horizontal. Calor divino, linha vertical. Não contrapostos, pois proclamamos na encarnação ser Jesus Deus verdadeiro e verdadeiro Homem. No amor de Cristo-Homem, se preservou o amor humano. **Nele está como Deus ama**. Nas duas metáforas – sal e luz – uma insinuação, um convite, um chamado à ação, às obras, aos fatos e feitos, e, ainda, ao anúncio e à palavra.

Não se omitir, portanto. Quem se omite nunca tem razão. Quem se omite é sinal que apagou. Inútil. Superar a tendência ao absenteísmo. Braços cruzados não sustentam a fé. **Ninguém cruzará os braços impunemente**. Deus conta com os talentos únicos, com a força dos fracos. Ele nos quer responsáveis pela fecundidade de seus dons e pela multiplicação de seus talentos. O amor quer ser forte da força dos fatos comprovados. Descruzar, pois, os braços. Pôr-se a trabalhar com **fórmulas curativas** para males patentes e em **fórmulas preventivas e prognósticas** para a construção de um mundo diferente pela qualidade. O dia seguinte, o "day after", na realidade, é hoje, é agora. Mãos à obra. Imediatamente.

Omitir-se: uma resposta rasteira que não responde a nada. Deixa apenas o terreno livre para o avanço e a prevalência das sombras sobre a luz. Omitir-se: sempre errado. Certo está quem estiver lutando por algo novo. Nunca antes acontecido. Se verdadeiro, o amor tem necessidade de agir e realizar de forma prática e alegre. Deus ama quem dá com alegria. **Vós sois sal. Vós sois luz**, sinaliza para ser missionário, ser evangelizador, ser apóstolo, catequista, combatente, diplomata, bate-estrada, pioneiro, bandeirante. Combater, representar, lutar, anunciar o Evangelho, o Reino, seus valores e suas exigências.

Cidade situada sobre o monte. Lâmpada colocada no candelabro, eis um aceno para a **necessidade do EXEMPLO**. Lastrear a própria Vida Religiosa com valores, convicções e atitudes vitais. Vivê-la com inflexível coerência porque, no plano moral, o que mais conta é o exemplo. Não perder a consciência da importância do exemplo como núcleo radioativo de presença inconfundível, como reflexo indispensável à convivência das pessoas, como canal de transferência de virtudes. A melhor escola é a do exemplo. A força do exemplo contagia. Arrasta. **A Vida Religiosa pressupõe vocação para ser exemplo e dar exemplo**. O modo de agir tem ressonância incomparável. Um gesto vale mil palavras indignadas. Para convencer, cumpre viver.

As idéias, por si sós, mesmo se verticais e em profundidade, são incapazes de mover o coração e provocar a conversão. Só imagens vivas e concretas despertam o afeto e transformam a vida. **Modelos para se imitar valem mais do que teorias para se entender**. Imitar mais do que entender e assimilar. Na cultura contemporânea, o modelo é uma exigência sentida. O exemplo exprime o inexprimível. É inspirador. No cristianismo, o exemplo é uma forma de vida na qual se entrevê e se percebe, como fundamento, a fé em uma presença, CRISTO, sua palavra, seu chamado, seus critérios, sua missão. O exemplo convence. Ele vem das entranhas.

DEUS, de quem todo **DOM** perfeito provém, o abençoe e o guarde são e salvo. Volte para você seu rosto de olhar sereno e lhe conceda a bênção, o perdão e a paz. **MARIA**, Mãe de Deus e nossa também, interceda por nós. Amém. Sempre ao seu inteiro dispor, com afeto e estima fraterna, subscrevo-me.

atenciosamente

Pe. MARCOS DE LIMA, SDB
Redator-Responsável/Conversação